

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS – ÁREA DE ALEMÃO

RAFAEL BEZERRA TARGINO

O MURO NO JORNAL: Uma análise do discurso do *Berliner Zeitung*
antes e depois da queda do Muro de Berlim

São Paulo

2018

RAFAEL BEZERRA TARGINO

O Muro no Jornal: Uma análise do discurso do *Berliner Zeitung*
antes e depois da queda do Muro de Berlim

Trabalho de Graduação Individual (TGI) apresentado
ao Departamento de Letras Modernas da Faculdade
de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo.

Área de Concentração: Língua e Literatura Alemã

Orientador: Prof^a. Dr^a. Maria Helena Voorsluys
Battaglia

São Paulo

2018

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

T185m Targino, Rafael
O Muro no Jornal: Uma análise do discurso do
Berliner Zeitung antes e depois da queda do Muro de
Berlim / Rafael Targino ; orientadora Maria Helena
Voorsluys Battaglia. - São Paulo, 2018.
102 f.

TGI (Trabalho de Graduação Individual)- Faculdade
de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo. Departamento de Letras
Modernas. Área de concentração: Língua e Literatura
Alemã.

1. Análise do Discurso. 2. Jornalismo. 3.
Alemanha Oriental. 4. Muro de Berlim. 5. Berliner
Zeitung. I. Battaglia, Maria Helena Voorsluys,
orient. II. Título.

A Herbert Andreas Welker, meu primeiro professor de alemão.

AGRADECIMENTOS

À equipe da *Staatsbibliothek zu Berlin*, pela disponibilização do *corpus* desta pesquisa.

À Prof^a. Dr.^a Maria Helena Voorsluys Battaglia, pela orientação nesta segunda fase do TGI. Sua dedicação e seus conselhos valiosos durante o processo foram fundamentais para a conclusão deste trabalho.

Ao Prof. Dr. Pedro Heliodoro de Moraes Branco Tavares, pela orientação na primeira fase do TGI e, de maneira remota, na segunda etapa. Sua disposição em ajudar, ainda em 2017, foi uma das grandes responsáveis pelo início desta pesquisa.

Ao Bruno, meu marido, pela paciência que teve comigo e por não ter me deixado desistir quando eu achava que não iria conseguir.

*Jede revolutionäre Bewegung befreit auch die
Sprache. Was bisher so schwer auszusprechen war,
geht uns auf einmal frei von den Lippen. Wir
staunen, was wir offenbar schon lange gedacht
haben und was wir uns jetzt laut zurufen:
Demokratie jetzt oder nie! Und wir meinen
Volksherrschaft, und wir erinnern uns der
steckengebliebenen oder blutig niedergeschlagenen
Ansätze in unserer Geschichte und wollen die
Chance, die in dieser Krise steckt, da sie alle unsere
produktiven Kräfte weckt, nicht wieder verschlafen.
(...) Ein Vorschlag für den Ersten Mai: Die Führung
zieht am Volk vorbei. Unglaubliche Wandlungen.
Das „Staatsvolk der DDR“ geht auf die Straße, um
sich als „Volk“ zu erkennen. Und dies ist für mich
der wichtigste Satz dieser letzten Wochen - der
tausendfache Ruf: Wir - sind - das - Volk!*

(WOLF, Christa, 4.nov.1989)

RESUMO

TARGINO, Rafael. **O Muro no Jornal:** Uma análise do discurso do *Berliner Zeitung* antes e depois da queda do Muro de Berlim. 2018. 102 f. Trabalho de Graduação Individual (TGI) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

Neste trabalho, analisamos o discurso do jornal *Berliner Zeitung* uma semana antes e uma depois da queda do Muro de Berlim, em 1989. O objetivo é verificar se havia elementos que podiam levar à inferência de que as fronteiras poderiam ser abertas e, após o dia 9 de novembro de 1989, se era possível identificar sinais de uma eventual reunificação. Também examinamos quais foram as mudanças no discurso do jornal depois da queda da barreira. O jornal era diretamente influenciado e censurado pelo governo da Alemanha Oriental, já que o redator-chefe do periódico era obrigatoriamente indicado pelo Secretariado do Comitê Central do governante Partido Socialista Unificado da Alemanha (SED, na sigla em alemão). Como *corpus*, selecionamos dez reportagens publicadas entre os dias 2 e 16 de novembro de 1989. O estudo usou como base teórica a Análise do Discurso de linha francesa, por meio da qual analisamos as questões de ideologia e sujeito com vistas ao então momento histórico. Não encontramos elementos que pudessem antecipar a abertura das fronteiras, mas percebemos a prevalência de um tom antirreunificação após a queda do Muro. Além disso, o discurso no bloco do *corpus* anterior ao fim da barreira tentava garantir legitimidade ao governo reformista recém-empossado. No posterior à queda, soma-se a esse discurso um reforço da defesa do sistema socialista do país, ao se ressaltar, por exemplo, o fato de que vários cidadãos decidiram voltar após uma visita foram a Berlim Ocidental.

Palavras-chave: Análise do Discurso. Jornalismo. Alemanha Oriental. Muro de Berlim. *Berliner Zeitung*.

ABSTRACT

TARGINO, Rafael. **The Mauer in the Newspaper:** A discourse analysis of *Berliner Zeitung* before and after the Fall of the Berliner Wall. 2018. 102 p. Trabalho de Graduação Individual (TGI) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

In this study, we analyze the discourse of *Berliner Zeitung* the week before and the week after the Fall of the Berlin Wall in 1989. The aim of this work is to verify if elements that could imply the opening of the borders were present, and if after 9th November 1989 was possible to identify signs of an eventual reunification. We also verified how the discourse of the newspaper changed after the Fall. The newspaper was directly influenced and censored by the East German government, since the chief editor was compulsorily appointed by the ruling Socialist Unity Party of Germany (SED). We selected as *corpus* ten texts published between the 2nd and 16th November 1989. This study used the French Discourse Analysis as theoretical basis, whereby we analyzed the themes of ideology and subject, with regard to the historical moment. The research found no signs that could anticipate the borders' opening but it was possible to conclude that an anti-reunification tone was present after the Fall. Besides that, the discourse practiced before the Fall tried to guarantee legitimacy to the than new East German government. After the Fall, the newspaper adds to it a reinforcement of the defense of the socialist model, highlighting, for example, the fact that East German citizens went to West Berlin but decided to come back.

Keywords: Discourse Analysis. Journalism. East Germany. Berlin Wall. Berliner Zeitung.

ZUSAMMENFASSUNG

TARGINO, Rafael. **Die Mauer in der Zeitung:** Eine Diskursanalyse der Berliner Zeitung vor und nach dem Fall der Berliner Mauer. 2018. 102 S. Trabalho de Graduação Individual (TGI) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

Die vorliegende Arbeit präsentiert eine Diskursanalyse der Berliner Zeitung eine Woche vor und eine Woche nach dem Fall der Berliner Mauer. Absicht dieser Arbeit ist zu überprüfen, ob es Elemente gab, die es ermöglichten, die Grenzöffnung zu inferieren, und ob es nach dem 9. November 1989 möglich war, Zeichen einer eventuellen Wiedervereinigung zu identifizieren. Außerdem wird überprüft, welche Diskursänderungen nach dem Mauerfall in der Zeitung vorkommen. Die Zeitung wurde direkt von der Regierung beeinflusst und zensuriert. Grund dafür ist die Pflichtbestätigung des Chefredakteurs der Zeitung von dem Sekretariat des Zentralkomitees der regierenden Sozialistischen Einheitspartei Deutschlands (SED). Für den Korpus wurden zehn Reportagen ausgewählt, die zwischen dem 2. und 16. November 1989 publiziert wurden und anhand der französischen Diskursanalyse untersucht. Mit Hilfe dieser theoretischen Rahmen wurden die Themen Ideologie und Subjekt hinsichtlich des damaligen historischen Moments analysiert. Es wurden keine Hinweise gefunden, die es erlaubten, die Grenzöffnung vorherzusehen, obwohl nach dem Mauerfall die Stimmung gegen eine Wiedervereinigung überwiegte. Darüber hinaus versuchte die Zeitung vor dem Mauerfall Legitimität für die reformistische Regierung SEDs zu garantieren. Nach der Grenzöffnung wurde im Diskurs eine Verteidigung des sozialistischen Modells des Landes bekräftigt, zum Beispiel durch die Betonung, dass mehrere ostdeutsche Bürger sich entschieden haben, nach einem Besuch in West-Berlin zurückzukommen.

Schlüsselwörter: Diskursanalyse. Journalismus. Ostdeutschland. Berliner Mauer. Berliner Zeitung.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Página 1 da edição do dia 6 de novembro de 1989	68
Figura 2	Página 3 da edição do dia 6 de novembro de 1989	74
Figura 3	Página 4 da edição do dia 6 de novembro de 1989	79
Figura 4	Página 1 da edição do dia 7 de novembro de 1989	81
Figura 5	Página 1 da edição do dia 7 de novembro de 1989	83
Figura 6	Página 1 da edição do dia 8 de novembro de 1989	85
Figura 7	Página 4 da edição do dia 8 de novembro de 1989	90
Figura 8	Página 6 da edição dos dias 11 e 12 de novembro de 1989	94
Figura 9	Página 6 da edição dos dias 11 e 12 de novembro de 1989	96
Figura 10	Página 1 da edição do dia 13 de novembro de 1989	98
Figura 11	Página 8 da edição do dia 13 de novembro de 1989	100
Figura 12	Página 4 da edição do dia 15 de novembro de 1989	102

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD	Análise do Discurso
ADN	<i>Allgemeiner Deutscher Nachrichtendienst</i> (Serviço Geral de Notícias Alemão)
BZ	<i>Berliner Zeitung</i>
RDA	República Democrática da Alemanha (Alemanha Oriental)
RFA	República Federal da Alemanha (Alemanha Ocidental)
SED	<i>Sozialistische Einheitspartei Deutschlands</i> (Partido Socialista Unificado da Alemanha)
ZK	<i>Zentralkomitee</i> der SED (Comitê Central do SED)

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
1.1. GERMANÍSTICA E ESCOLHA DO <i>CORPUS</i>	16
2. REFERENCIAIS TEÓRICOS	18
3. ANTECEDENTES HISTÓRICOS	23
3.1. “NINGUÉM TEM A INTENÇÃO DE ERGUER UM MURO”	24
3.2. A “RATOEIRA”	25
3.3. “O MURO AINDA VAI FICAR 100 ANOS DE PÉ”	27
4. A SEMANA ANTES DA QUEDA: NAS PÁGINAS DO <i>BZ</i>, UM GOVERNO EM BUSCA DA LEGITIMIDADE PERDIDA	30
4.1. O FENÔMENO DO ASSUJEITAMENTO NOS PROTESTOS DA RDA	34
4.2. LEI DE VIAGENS E NOVA TENTATIVA DE RECUPERAR LEGITIMIDADE	35
4.3. NOVOS MODELOS DE SOCIEDADE	39
5. A SEMANA DEPOIS DA QUEDA: O QUE FAZER COM O MURO?	43
5.1. NOVAS FORMAÇÕES DISCURSIVAS APÓS A ABERTURA DA FRONTEIRA	46
5.2. A DEFESA DA IDEOLOGIA E O ASSUJEITAMENTO INERENTE	49
5.3. A QUESTÃO DA LEGITIMIDADE	51
6. ANÁLISE GERAL	56
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
REFERÊNCIAS	62
ANEXOS	66
ANEXO A – HUNDERTTAUSENDE DEMONSTRIERTEN AM SONNABEND IM ZENTRUM BERLINS – 6.NOV.1989 – (PG. 1)	66
ANEXO B – HISTORISCHE LEISTUNGEN DER SOWJETUNION GEWÜRDIGT – 7.NOV.1989 – (PG. 1)	80
ANEXO C - NICHT DAS LETZTE WORT – 7.NOV.1989 – (PG. 1)	82
ANEXO D - SED BRAUCHT DIE ERNEUERUNG – 8.NOV.1989 (PG. 1)	84
ANEXO E - NÖTIG IST EIN NEUES GESELLSCHAFTSMODELL – 8.NOV.1989 (PG. 4)	86
ANEXO F - BLOß MAL ÜBERN KUDAMM BUMMELN - UND ZURÜCK! – 11 E 12.NOV.1989 – (PG. 6)	91

ANEXO G - ÜBERGANGSBESTIMMUNGEN BLEIBEN WEITER IN KRAFT – 11 E 12.NOV.1989 – (PG. 6)	95
ANEXO H - DIE MAUER IN BERLIN WEGREIßEN? – 13.NOV.1989 – (PG. 1)	97
ANEXO I - KURZE WARTEZEITEN AUF DAS VISUM – 13.NOV.1989 – (PG. 8)	99
ANEXO J - VERKEHRTE WELT? – 15.NOV.1989 – (PG. 4)	101

1. INTRODUÇÃO

Leipzig, 1989. Todas as segundas-feiras, manifestantes se reuniam em frente à Igreja de São Nicolau, no centro da cidade, e protestavam pedindo por liberdade de viagens e de expressão e, também, por uma renovação na administração da Alemanha Oriental (RDA), governada desde 1971 por Erich Honecker.

Logo, as manifestações se espalharam e chegaram a ser registradas até na capital Berlim. Imagens de alemães orientais atravessando a fronteira da Hungria com a Áustria e pulando o muro da embaixada da Alemanha Ocidental em Praga a fim de buscar refúgio correram o mundo.

No meio deste processo, o governo alemão-oriental foi trocado por um que se dizia reformista, juntando-se a um clube do qual já faziam parte Hungria e Polônia. A nova administração vinha discutindo mudanças para tentar aplacar os ânimos da população. A maior delas, no entanto, foi fruto de uma sucessão de falhas de comunicação: na noite de 9 de novembro, o então porta-voz, Günter Schabowski, anuncia que, de maneira “imediata”, as fronteiras da Alemanha Oriental estariam abertas, inclusive para Berlim Ocidental, efetivamente derrubando o Muro de Berlim. Neste dia, alemães dos dois lados se encontraram na barreira que dividida a cidade ao meio e selaram o primeiro passo para a Reunificação.

O tema da queda do Muro de Berlim despertou nosso interesse na primeira vez em que estivemos na cidade, em 2009, quando, então, se comemoravam os 20 anos do acontecimento. Exposições ao ar livre e em alguns dos museus da cidade tentavam trazer à população (e aos turistas) um pouco da perspectiva do que era viver em um local dividido por conveniências e atos políticos dos dois sistemas que até então sustentavam o planeta.

Uma dessas exposições, a “*Wir waren so frei*”, em exibição na *Deutsche Kinemathek* de Berlim entre maio e novembro de 2009, trazia filmes, áudios, fotos e, principalmente, excertos de telejornais da Alemanha Oriental e da Ocidental sobre os períodos que imediatamente precederam e se seguiram à queda do Muro. Em determinado ponto da mostra, duas televisões mostravam a mesma cena - a abertura das fronteiras após 28 anos de Muro, de perspectivas diferentes. De um lado, uma emissora da Alemanha Ocidental; de outro, a DDR-1, transmissora oficial do lado oriental. Isso foi fundamental para nos despertar uma curiosidade sobre o período e iniciar uma pesquisa particular que, com este trabalho, trazemos para o ambiente acadêmico.

Além disso, residimos na capital Berlim em 2013, em uma rua da zona ocidental que, coincidentemente, terminava diretamente no Muro enquanto este ainda estava de pé.

Os fatos de 1989 se refletiram no discurso que os jornais da Alemanha Oriental, sob censura direta do governo, praticaram durante aquele ano. A crise política, a queda do Muro e suas consequências foram reportadas, de diferentes maneiras, pela imprensa do país. Neste trabalho, iremos analisar o discurso de um deles: o do *Berliner Zeitung* (BZ), que era o jornal da então capital alemã-oriental.

Nosso *corpus* é composto por dez reportagens publicadas entre 2 e 16 de novembro de 1989, uma semana antes e uma depois da queda do Muro. Elas foram escolhidas por tratarem, de algum modo, da crise política da RDA e por terem sido feitas pela equipe editorial do BZ, já que o jornal também publicava na íntegra ou com poucas alterações matérias que vinham prontas da agência oficial *Allgemeiner Deutscher Nachrichtendienst* (ADN). As íntegras das edições do jornal que analisamos estão no arquivo online da *Staatsbibliothek zu Berlin*, no âmbito do projeto *DDR-Presse* (Imprensa da RDA).

Nosso objetivo ao analisar este *corpus* é responder a duas perguntas: havia indícios de que a fronteira estava para ser aberta nas reportagens de antes da queda e, após esse fato, de que uma reunificação das duas Alemanhas estava a caminho? E, além disso, o que mudou no discurso do jornal de uma semana para outra?

Escolhemos o BZ por ele ser um dos jornais que mais próximo esteve dos acontecimentos do ápice da crise política. O periódico foi fundado em 1945 e, com o reforço na divisão entre as zonas de ocupação da cidade – que culminou com a construção do Muro de Berlim, a partir de 1961 – tornou-se o principal jornal da capital alemã-oriental. A opção pelo *Berliner Zeitung* também se deu pelo fato de, normalmente, o *Neues Deutschland*, veículo oficial do *Sozialistische Einheitspartei Deutschlands* (SED, o Partido Socialista Unificado da Alemanha), ser preferido em análises do gênero, dado seu alcance nacional.

Para respondermos às questões formuladas, usaremos os estudos de Análise do Discurso de linha francesa. Um trabalho desta natureza é, naturalmente, multidisciplinar, e a análise recorrerá, quando necessário, à História, à Linguística do Texto e ao Jornalismo para contextualizar nossas observações.

O trabalho está estruturado em sete capítulos, sendo o primeiro esta introdução. Em seguida, no segundo capítulo, traçaremos os referenciais teóricos da Análise do Discurso que nortearão esta pesquisa, apresentando os diferentes conceitos que serão aplicados nas partes seguintes.

No capítulo 3, traremos um breve resumo histórico do Muro de Berlim, desde o fim da Segunda Guerra Mundial e a subsequente divisão da Alemanha em quatro zonas de ocupação, fazendo com que a então capital virasse um enclave dentro da área que, futuramente, se tornaria

a RDA. Nosso percurso atravessa o Levante Aéreo de Berlim, a construção do Muro e seus impactos na vida da cidade e termina com a posse de Egon Krenz na Secretaria-Geral do SED.

O capítulo seguinte traz o início da análise propriamente dita, com as reportagens publicadas na semana anterior à queda do Muro. O corte temporal feito nos “Antecedentes Históricos” se casa com o período verificado, criando uma linha do tempo interna ao trabalho.

Já no capítulo 5, analisamos as reportagens publicadas entre 9 e 16 de novembro de 1989. No sexto, fazemos uma análise conjunta do discurso dos dois blocos de reportagens, verificando as respostas que obtivemos a partir de nossos questionamentos iniciais. Por fim, na sétima parte, apresentamos nossas considerações finais.

A íntegra das reportagens analisadas encontra-se nos dez anexos que se seguem às referências bibliográficas desta dissertação. Os textos foram retirados dos arquivos da *Staatsbibliothek zu Berlin*, que os extraiu das páginas do jornal por leitura ótica.

1.1. Germanística e escolha do *corpus*

Acreditamos que este trabalho vem ajudar a preencher uma lacuna na área de Germanística no Brasil, na qual há poucos registros de trabalhos que abordem o período histórico da queda do Muro de Berlim e da posterior Reunificação alemã. As dissertações que tangenciam o tema, em diferentes níveis acadêmicos, encontram-se primariamente na área de Relações Internacionais. Uma notável exceção é a obra “A Reunificação da Alemanha - Do Ideal Socialista ao Socialismo Real”, de Moniz Bandeira (1992).

A pesquisa começou a ser desenvolvida no segundo semestre de 2017 durante a disciplina Trabalho de Graduação Individual em Letras Modernas 1, ainda sob orientação do Prof. Dr. Pedro Heliodoro de Moraes Branco Tavares. No primeiro semestre de 2018, com o desligamento do professor da Universidade de São Paulo, assumiu a orientação a Prof.^a Dr.^a Maria Helena Voorsluys Battaglia.

No projeto de pesquisa apresentado ao final de 2017, tínhamos como objetivo analisar 49 reportagens com assinatura *ADN/BZ* – ou seja, que tivessem sido originadas da agência oficial e editadas pela equipe do *Berliner Zeitung*. A ideia seria fazer um cotejamento dos textos oficiais e verificar quais haviam sido as edições realizadas. No entanto, a dificuldade de encontrar os despachos originais e o tempo exíguo para finalização da pesquisa nos levaram a decidir, em concordância com a orientadora, pela redução no número de textos. Aproveitamos a oportunidade e passamos a nos focar nas reportagens que tivessem sido escritas somente pelo corpo editorial do jornal, as quais poderiam traduzir melhor o estilo do *BZ*.

Procedemos à análise com uma leitura inicial dos textos, a identificação de seus elementos mais importantes e à posterior comparação com as outras reportagens do período e com fatos históricos, que nos permitiram identificar contradições e o discurso praticado nas matérias. Inicialmente, planejávamos dez análises separadas. O desenvolvimento da pesquisa, no entanto, nos mostrou que obteríamos um resultado mais rico se as dividíssemos em dois grandes grupos (antes e depois da queda do Muro).

A escolha do *Berliner Zeitung* como *corpus* do trabalho, além do motivo já anteriormente citado, também está relacionada à nossa formação acadêmica inicial em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, concluída em 2006 na Universidade de Brasília (UnB), já que nossos conhecimentos da área nos ajudam a fazer uma leitura crítica mais apurada das reportagens. Ter um jornal como objeto de estudo, neste caso, une duas áreas que despertam nosso interesse – Jornalismo e Germanística.

2. REFERENCIAIS TEÓRICOS

O desenvolvimento deste trabalho tem como principal referencial teórico os estudos de Análise de Discurso (AD) de linha francesa. Usando como base estes conceitos, analisaremos o discurso que permeava as dez reportagens do *Berliner Zeitung* selecionadas no nosso *corpus*, que compreende o período entre 2 e 16 de novembro de 1989, tomando como referência a queda do Muro de Berlim, ocorrida no dia 9 de novembro.

Para Orlandi (2000), a definição de discurso se distancia da concepção clássica de mensagem, que é transmitida por um emissor a um receptor a partir de um referente e por meio da utilização de determinado código. Com isso, o discurso não é simples transmissão de informação, pois outros fatores, como construção de sujeito e da realidade, estão presentes neste movimento. A questão sobre a qual se trata, aqui, é sujeito: o discurso é o “efeito de sentidos entre locutores”. (ORLANDI, 2000, p. 21)

Orlandi também lembra que não se pode confundir discurso com fala, em uma progressão da dicotomia língua/fala (*langue/parole*) proposta por Saussure. Segundo a autora,

Não se trata de opô-lo [o discurso] à língua como sendo esta um sistema, onde tudo se mantém, com sua natureza social e suas constantes, sendo o discurso, como a fala, apenas uma sua ocorrência casual, individual, realização do sistema, fato histórico, assistemático, com suas variáveis etc. O discurso tem sua regularidade, tem seu funcionamento, que é possível apreender se não opomos o social e o histórico, o sistema e a realização, o subjetivo ao objetivo, o processo ao produto. (ORLANDI, 2000, p. 22)

Maingueneau (2000), por sua vez, afirma que discurso e enunciado (este entendido como o “produto do ato de enunciação” [p. 54]) remetem, na verdade, “a dois pontos de vista diferentes”, e, citando Guespin, diz que “um olhar lançado sobre um texto, do ponto de vista de sua estruturação na língua, faz dele um enunciado; um estudo linguístico das condições de produção desse texto fará dele um discurso” (GUESPIN, 1971, p.10, apud MAINGUENEAU, 2000, p. 44).

Foucault (1969, p. 132), tomando como base o enunciado, classifica o discurso como

Um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva; ele não forma uma unidade retórica ou formal, indefinidamente repetível e cujo aparecimento ou utilização poderíamos assinalar (e explicar, se for o caso) na história; é constituído de um número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência. O discurso, assim entendido, não é uma forma ideal e intemporal que teria, além do mais, uma história; o problema não consiste em saber como e por que ele pôde emergir e tomar corpo num determinado ponto do tempo; é, de parte a parte, histórico - fragmento de história, unidade e descontinuidade na própria história, que coloca o problema de seus próprios limites,

de seus cortes, de suas transformações, dos modos específicos de sua temporalidade, e não de seu surgimento abrupto em meio às cumplicidades do tempo.

Ainda para Foucault, agora citado por Brandão (2012, p. 37), “o discurso é o espaço em que saber e poder se articulam, pois quem fala, fala de algum lugar, a partir de um direito reconhecido institucionalmente. Esse discurso, que passa por verdadeiro, que veicula saber (o saber institucional), é gerador de poder”. Além disso, a produção do discurso gerador de poder é “controlada, selecionada, organizada e redistribuída” (p. 37) de maneira a evitar qualquer ameaça a este poder.

Partindo destes conceitos de discurso, podemos passar à discussão sobre qual é o papel da AD e quais são seus objetivos. Segundo Orlandi (2000, p. 15), na Análise do Discurso “procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e de sua história”.

Maingueneau (1996, p. 13) diz que a AD é

A disciplina que, em vez de proceder a uma análise linguística do texto em si ou a uma análise sociológica ou psicológica de seu ‘contexto’, visa a articular sua enunciação sobre um certo lugar social. Ela está, portanto, em relação com os gêneros de discurso trabalhados nos setores do espaço social (um café, uma escola, uma loja...) ou nos campos discursivos (políticos, científico...).

O autor lembra que a Análise do Discurso está no “intercruzamento” das ciências humanas (p. 14), o que confere a ela um caráter interdisciplinar.

Foi o francês Michel Pêcheux que, por sua vez, fundou a Escola Francesa da Análise de Discurso, cujas ideias norteiam este nosso trabalho, e, que, segundo Orlandi (2005, p. 10), “teoriza como a linguagem é materializada na ideologia e como esta se manifesta na linguagem” – e é por meio da AD, afirma Pêcheux, que se compreende como “relações de poder são significadas, são simbolizadas”.

Pêcheux vê a análise do discurso ligada a três áreas do conhecimento: o materialismo histórico, a linguística e a teoria do discurso, a fim de criar as bases de uma teoria materialista do discurso. Dessa maneira, Brandão (2012) aponta o que podem ser consideradas as “duas grandes vertentes” que virão a influenciar a escola francesa de AD e serão as bases para os trabalhos de Pêcheux: “do lado da ideologia, os conceitos de Althusser e, do lado do discurso, as ideias de Foucault” (p. 18).

O conceito de ideologia passa ao largo do que se imagina no senso comum, de que o sujeito pode escolhê-la. Inserido em uma tradição marxista, Althusser (1970) diz que, para que uma classe dominante consiga manter sua dominação, é preciso que ela crie mecanismos

de perpetuação ou de reprodução das condições materiais, ideológicas e políticas de exploração. É aí então que entra o papel do Estado, que, através de seus Aparelhos Repressores – ARE – (compreendendo o governo, a administração, o Exército, a polícia, os tribunais, as prisões etc.) e Aparelhos Ideológicos – AIE – (compreendendo instituições tais como a religião, a escola, a família, o direito, a política, o sindicato, a cultura, a informação), intervém ou pela repressão ou pela ideologia, tentando forçar a classe dominada a submeter-se às relações e condições de exploração (BRANDÃO, 2012, p. 23).

Brandão (2012) explica que, para Althusser, a ideologia é materializada em atos concretos, o que o leva a concluir que a prática só é possível dentro e através de determinado campo ideológico.

Ricoeur (1990, p. 65), no entanto, critica a redução da ideologia a uma “função de dominação” ou uma análise “em termos de classes sociais” marcadamente marxista, dizendo que, ao aceitar estas definições, “admitimos também, sem crítica, o [fato] de a ideologia ser um fenômeno essencialmente negativo, primo do erro e da mentira, irmão da ilusão.” O autor vê a ideologia como “um fenômeno insuperável da existência social, na medida em que a realidade social sempre possuiu uma constituição simbólica e comporta uma interpretação, em imagens e representações, do próprio vínculo social” (1990, p. 75), o que confere a ela uma função mediadora na sociedade.

Para Ricoeur, a ideologia surge como sistema justificador de dominação a partir do momento em que as autoridades buscam afirmar sua legitimidade. A legitimação da autoridade demanda mais crença do que os indivíduos podem dar (BRANDÃO, 2012, p. 29), e Ricoeur chega a enxergar um “fenômeno irreduzível de mais-valia [...]: toda autoridade reclamando mais do que nossa crença pode carregar, no duplo sentido de trazer e de suportar” (1990, p. 72).

Teun van Dijk, expoente da Análise Crítica de Discurso, coloca a ideologia como uma estrutura que controla a “formação, transformação e aplicação de outros tipos de cognição social”, e afirma que

Essa estrutura ideológica em si consiste em normas, valores, metas e princípios socialmente relevantes que são selecionados, combinados e aplicados de forma tal a favorecer a percepção, interpretação e ação nas práticas sociais que beneficiam os interesses do grupo tomado como um todo. Dessa forma, uma ideologia proporciona coerência às atitudes sociais, que, por sua vez, codeterminam as práticas sociais. (VAN DIJK, 2008, p. 48)

Como discurso e ideologia se conectam? Partindo de Ricoeur, Brandão (2012, p. 32) afirma que, em discursos como o político, de característica marcadamente institucional, faz-se

um “recorte da realidade” por um “mecanismo de manipulação”, evitando que o real seja mostrado. Dessa maneira, a ideologia acaba por “esconder” o modo de ser do mundo.

Para Pêcheux, o discurso é um dos locais onde a ideologia, que perpassa os sujeitos, se concretiza. Todos os discursos, por sua vez, são afetados e conduzidos por formações ideológicas (FI). Segundo Pêcheux, Haroche e Henry (1990), uma FI se caracteriza por

Um elemento suscetível de intervir – como uma força confrontada a outras forças – na conjuntura ideológica característica de uma formação social em um momento dado. Cada formação ideológica constitui desse modo um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem “individuais” e nem “universais”, mas que se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classes em conflito umas em relação às outras.

Junto ao conceito de FI, é importante entender o de formação discursiva, dada a forte ligação entre os dois. Segundo Foucault (1969, p. 43), uma formação discursiva acontece quando é possível descrever, dentre um determinado número de enunciados, um sistema semelhante de dispersão. Além disso, para a ocorrência de uma FD, é necessário que os tipos de enunciação (as escolhas temáticas) apresentem determinada regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações). As FD representam “um lugar central na articulação língua-discurso” (BRANDÃO, 2012, p. 48) e são um dos componentes da FI. Em uma formação ideológica específica, e dentro de uma relação de classe, são as formações discursivas que “determinam o que pode ser dito ou não a partir de uma posição ou conjuntura dadas” (BRANDÃO, 2012, p. 46).

As formações discursivas têm como característica a dispersão. Isso altera as fronteiras do que pode ou não pode ser dito, além das condições em que o discurso pode ser produzido e se relaciona a outros discursos dos quais ele se originou. Ou seja, fala-se de uma interdiscursividade, que

Consiste em um processo de reconfiguração incessante no qual uma formação discursiva é conduzida [...] a incorporar elementos pré-construídos produzidos no exterior dela própria; a produzir sua redefinição e seu retorno, a suscitar igualmente a lembrança de seus próprios elementos, a organizar a sua repetição, mas também a provocar eventualmente seu apagamento, o esquecimento ou mesmo a denegação (COURTINE E MARANDIN, 1981 apud. BRANDÃO, 2012).

Para Orlandi (2000, p. 46), o trabalho da ideologia é “produzir evidências, colocando o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência”. Ou seja: a ideologia que atinge diretamente o sujeito é uma condição para sua constituição. Segundo

Althusser (1995), “a ideologia interpela os indivíduos como sujeitos”, e “só existe pelo sujeito e para os sujeitos”.

Neste trabalho, analisamos a crise política de um país de ideologia socialista. A submissão a um sistema, seja capitalista, seja socialista, pressupõe, por parte do sujeito, a aceitação de algo já pré-construído. Afetado pela ideologia, ele se torna uma “forma-sujeito”, conforme Althusser (1973) e Pêcheux (1997).

Isso nos leva a concluir que, na verdade, ocorre um processo de assujeitamento ideológico, que consiste, segundo Brandão (2008, p. 46-47), “em fazer com que cada indivíduo (sem que ele tome consciência disso, mas, ao contrário, tenha a impressão de que é senhor de sua própria vontade) seja levado a ocupar seu lugar em um dos grupos ou classes de uma determinada formação social.”

Como se dá esse assujeitamento? Orlandi (2000, p. 49) explica que

Submetendo o sujeito, mas, ao mesmo tempo, apresentando-o como livre e responsável, o assujeitamento se faz de modo a que o discurso apareça como instrumento (límpido) do pensamento e um reflexo (justo) da realidade. Na transparência da linguagem, é a ideologia que fornece as evidências que apagam o caráter material do sentido e do sujeito.

Em posse destes conceitos de Análise do Discurso, também usaremos elementos da Germanística (no uso da língua para análise do corpus, além do conhecimento sobre a cultura alemã trazida pela área), do Jornalismo (ao verificarmos quais escolhas editoriais foram feitas naquela oportunidade) e da História (para nos trazer o contexto sócio-político da época) neste trabalho, o que reforça seu caráter multidisciplinar.

3. ANTECEDENTES HISTÓRICOS

Com o fim da Segunda Guerra Mundial na Europa e a derrota dos nazistas, as forças Aliadas puseram em prática o plano moldado durante a Conferência de Yalta, em fevereiro de 1945, e dividiram a Alemanha. A partilha, entre quatro potências, na verdade, provocou uma só divisão: de um lado, as forças capitalistas (EUA, Reino Unido e França) e, de outro, a comunista (União Soviética). Foi decidido que Berlim teria um regime especial e, mesmo sendo um enclave dentro da zona de ocupação soviética, foi dividida em quatro zonas de ocupação, aos mesmos moldes do que aconteceu no resto do país.

Isso provocava um estado de tensão permanente, principalmente em Berlim. As autoridades soviéticas haviam designado seus representantes para a parte oriental da Alemanha, que passava a ser dominada pelo Partido Socialista Unificado da Alemanha (SED – *Sozialistische Einheitspartei Deutschlands*), de orientação marxista-leninista.

A tensão da situação levou a “ensaios” de um fechamento definitivo de Berlim. Taylor (2009, p. 87) relata: “Os soviéticos já vinham dificultando as coisas para o pessoal aliado e os berlinenses que quisessem viajar. Aviões russos voavam perto demais de aviões aliados. (...) O tráfego de veículos civis pelas rodovias fora praticamente proibido.” Até que, em 18 de junho de 1948, uma decisão das forças aliadas capitalistas acentuou os problemas. As zonas ocupadas ao oeste (com exceção de Berlim) deixariam de usar o Reichsmark, moeda da época do nazismo, e passariam a usar o novo marco alemão.

A decisão irritou os soviéticos. No dia 23, a “gota d’água” para Moscou foi o anúncio de que os ocupantes da parte ocidental queriam fazer circular o novo marco em Berlim. A reação de Josef Stálin foi fechar a cidade:

“Pouco antes da meia-noite de 23 para 24 de junho de 1948, a rede de eletricidade nos setores ocidentais de Berlim colapsou sem aviso. Pouco depois, nas primeiras horas do dia 24, a única artéria ferroviária que ligava a cidade à zona ocidental, cerca de 160 km a oeste, foi fechada para tráfego. Da mesma maneira, a única rodovia pela qual as forças ocidentais moviam pessoal, bens e equipamentos para suas guarnições em Berlim foi bloqueada. Quase que ao mesmo tempo, todo tráfego de passagem para os setores ocidentais da cidade foi completamente interrompido. [...] Os soviéticos também anunciaram que todas as entregas de bens, incluindo comida, remédios e combustíveis líquidos para os setores ocidentais de Berlim vindos da zona soviética da Alemanha e do setor soviético berlinense estavam proibidas. (SCHRADER, 2010, p. 1 e 2)

Iniciou-se, neste momento, o que ficou conhecido como “Bloqueio de Berlim”, com todos os acessos fechados e a parte ocidental, isolada. A única maneira de se acessar os setores

francês, norte-americano e inglês era por via aérea. A solução foi implantar uma ponte-aérea entre a zona ocidental da Alemanha e o setor ocidental de Berlim para abastecer a cidade.

Os soviéticos, por sua vez, não acreditavam que uma ponte aérea para abastecimento seria possível. A aposta de Moscou, no entanto, deu errado: do aeroporto de Tempelhof e do então campo de pouso de Tegel, um avião pousava ou decolava a cada três minutos com mantimentos e combustível para Berlim Ocidental, no episódio do “Levante Aéreo de Berlim”. Em maio de 1949, Stálin desistiu do bloqueio e reabriu os caminhos para a cidade.

3.1. “Ninguém tem a intenção de erguer um muro”

No mesmo mês, foi criada, oficialmente, a RFA (República Federal da Alemanha – *Bundesrepublik Deutschland*), com capital em Bonn, país que juntava as zonas de ocupação das potências capitalistas. Em 7 de outubro, a zona soviética deu origem à RDA (República Democrática da Alemanha – *Deutsche Demokratische Republik*), de sistema socialista. A capital seria em Berlim Oriental, que, na RDA, era chamada simplesmente de Berlim. Mesmo com a criação dos dois países, e em que pese a tensão entre eles, não havia, ainda, nenhuma divisão física que separasse a cidade. Havia, também alguma liberdade de movimento entre as quatro zonas berlinenses.

Em 1952, Stálin propôs a reunificação das duas Alemanhas, sob a condição de que o novo país resultante não pudesse entrar em nenhuma aliança militar contra os ocupantes. A recusa do então chanceler alemão-ocidental Konrad Adenauer fez com o que o soviético comesse a preparar, junto com o então secretário-geral do SED, Walter Ulbricht, um plano para fechar as passagens entre os dois países e, principalmente, as de Berlim. No dia 26 de maio, a divisa da zona soviética “foi fechada e teve início sua transformação em uma fronteira internacional fortificada” (TAYLOR, 2009, p. 111). O trânsito e a passagem de pessoas passaram a ser controlados, mas não impedidos.

Este seria o primeiro passo para o fechamento definitivo da fronteira. Em janeiro de 1953, Stálin aprovou um plano de Ulbricht, pelo qual “os alemães orientais plantariam seus próprios guardas ao longo da fronteira entre os setores oriental e ocidental de Berlim” (TAYLOR, 2009, p. 112). O plano acabou engavetado porque o líder soviético sofreu um derrame em fevereiro e, dias depois, morreu.

Em 1961, a situação geopolítica já era outra: John Kennedy era o presidente dos Estados Unidos, Nikita Khrushchev, o líder da União Soviética, e a Guerra Fria entrava no seu auge. Cada vez mais pessoas atravessavam a fronteira entre as duas Alemanhas, o que resultou numa “fuga de cérebros” do lado oriental:

Em maio de 1961, 17.791 pessoas fugiram através de Berlim Ocidental, seguidas de 19.198 em junho e 12.578 só nas duas primeiras semanas de julho. Fábricas e escritórios inteiros eram esvaziados de sua mão de obra à medida em que mais e mais alemães orientais tratavam de escapar enquanto era tempo. [...] Ninguém podia ter certeza do que o regime da RDA faria, mas parecia cada vez mais provável que alguma coisa ele haveria – teria – de fazer (TAYLOR, 2009, p. 174-175).

Entre as opções, estava o fechamento físico da fronteira. No dia 15 de junho, Ulbricht, em uma das raras oportunidades em que deu uma entrevista a veículos da Alemanha Ocidental, negou que fosse construir um muro, mesmo sem ter sido perguntado diretamente sobre o assunto. O seguinte diálogo foi travado entre a repórter Annamarie Doherr, do *Frankfurter Rundschau*, e o então líder alemão-oriental:

Annamarie Doherr: Senhor presidente, em sua opinião, a criação de uma cidade livre significa que a fronteira do Estado será erguida no Portão de Brandemburgo? E o senhor está decidido a lidar com todas as consequências dessa decisão?

Walter Ulbricht: Depreendo de sua pergunta que, na Alemanha Ocidental, há quem deseje que nós mobilizemos operários da capital da RDA para pôr de pé um Muro, certo? Não tenho conhecimento de que haja tal intenção, já que os operários da capital estão ocupados principalmente na construção de casas e toda sua força de trabalho está sendo empregada. Ninguém tem a intenção de erguer um muro.¹

Mas, à 1h da manhã do dia 13 de agosto de 1961, um domingo, as fronteiras entre o setor soviético e os setores capitalistas de Berlim foram cercadas com arame farpado. Começava a construção do Muro de Berlim.

3.2. A “ratoeira”

A operação de construção do Muro foi coordenada pelo então secretário de Segurança do Comitê Central do SED, Erich Honecker – futuramente secretário-geral do partido e líder *de facto* do país. O mundo foi pego de surpresa com o fechamento definitivo da fronteira: Palácio do Eliseu, 10 Downing Street e Casa Branca acordaram com a notícia.

E não só eles: foi um susto até para o então prefeito de Berlim Ocidental, Willy Brandt, que nem estava na cidade. Brandt encontrava-se em campanha para o cargo de chanceler e tinha

¹ Annamarie Doherr: „Herr Vorsitzender, bedeutet die Bildung einer Freien Stadt Ihrer Meinung nach, dass die Staatsgrenze am Brandenburger Tor errichtet wird? Und sind Sie entschlossen, dieser Tatsache mit allen Konsequenzen Rechnung zu tragen?“

Walter Ulbricht: „Ich verstehe Ihre Frage so, dass es Menschen in Westdeutschland gibt, die wünschen, dass wir die Bauarbeiter der Hauptstadt der DDR mobilisieren, eine Mauer aufzurichten, ja. Mir ist nicht bekannt, dass eine solche Absicht besteht, da sich die Bauarbeiter in der Hauptstadt hauptsächlich mit Wohnungsbau beschäftigen und ihre Arbeitskraft voll eingesetzt wird. Niemand hat die Absicht, eine Mauer zu errichten.“ („NIEMAND...“, 1961. Disponível em: <<https://youtu.be/YjgKKOdVRx4>>. Acesso em: 17 maio 2018)

feito um discurso em Nuremberg, no sul, na noite anterior. Às 5h, em um trem para Kiel, foi informado do fechamento da fronteira. Tomou café da manhã já em Berlim.

Segundo Taylor (2009, p. 202) entre 1h e 5h do dia 13, 68 dos 81 pontos de passagem na fronteira foram fechados, além das 193 ruas que atravessavam a divisa entre as duas partes de Berlim; linhas de metrô (*U-Bahn*) e trem (*S-Bahn*) também foram bloqueadas, assim como estações perto dos limites orientais. Na estação Friedrichstraße, de onde até o dia anterior saíam trens para Berlim Ocidental, a polícia de transportes² bloqueava o acesso do público, conta Kempe (2013, p. 358):

Uma senhora idosa timidamente se aproximou de um *Trapo*, que estava postado três degraus acima, e perguntou-lhe quando sairia o próximo trem para Berlim Ocidental. [Robert] Lochner [diretor da rádio RIAS] nunca esqueceria o tom de escárnio na resposta do policial. “Acabou-se”, ele disse. “Agora vocês estão todos numa ratoeira”.

Após o susto, as potências ocidentais decidiram manter uma postura passiva para com a barreira. Kennedy, por exemplo, afirmou na época que não haveria outra alternativa a não ser uma guerra contra os soviéticos. “É o fim da crise de Berlim. O outro campo entrou em pânico, e não nós. Nada faremos por enquanto, pois não há alternativa, senão a guerra. Acabou tudo, eles não vão tomar Berlim”, disse (O’DONNELL, POWERS, 1972, apud TAYLOR, 2009, p. 264). Essa postura se manteve até 1989, com o fim do Muro, salvo alguns discursos de efeito – em especial, o “Eu sou um berlinense”³, de Kennedy, em 1963, e o “Sr. Gorbachev, derrube este Muro!”⁴, de 1987, do então presidente norte-americano Ronald Reagan.

Por conta da divisão feita ainda ao fim da Segunda Guerra, a fronteira entre as zonas soviética e ocidental não era completamente regular, e isso ficou mais claro quando da construção do Muro: ruas como a Bernauer Straße, no bairro de Mitte, foram cortadas ao meio. Prédios que margeavam o muro tiveram as janelas vedadas, impedindo que alemães-orientais continuassem a usá-las como rota de fuga para o outro lado.

O fechamento da fronteira causou situações ainda mais curiosas no metrô. Algumas estações foram muradas por dentro; duas linhas foram simplesmente interrompidas em seus setores orientais; outras duas, que começavam em Berlim Ocidental, passavam por Berlim Oriental e retornavam à primeira, começaram a contar com “estações fantasmas” – os trens seguiam direto, sem paradas, só voltando a abrir as portas do lado ocidental. O trajeto feito por

² Transportpolizei, ou „Trapos”

³ „Ich bin ein Berliner”

⁴ “Mr. Gorbachev, tear down this Wall!”

baixo da zona soviética era fortemente monitorado: as estações contavam com ao menos dois soldados – um para vigiar o outro⁵.

Segundo Hertle e Nooke (2017), ao menos 140 pessoas morreram entre 1961 e 1989 tentando atravessar o Muro, que ficava cada vez mais sofisticado e difícil de ser ultrapassado. A última tentativa de fuga com morte aconteceu em março de 1989, quando Winfried Freudenberg usou um balão de gás improvisado para sobrevoar a barreira que dividia Berlim. Seu corpo foi encontrado em Zehlendorf, no setor norte-americano, com múltiplas fraturas (AHRENDTS, BARON E HERTLE, 2011), e devolvido para o lado oriental.

3.3. “O Muro ainda vai ficar 100 anos de pé”

No final da década de 1980, a situação econômica da RDA se deteriorava, abastecendo uma crise de refugiados sem precedentes na história do país – o que levou a outra crise, a política.

Maier (1997, p. 60) coloca 1973 como data dos primeiros registros do início dos problemas econômicos do país. Mas o ano de 1989 se apresentava, segundo o autor, como o do ápice do endividamento – a RDA dependia de empréstimos da RFA:

A RDA, segundo Gerhard Schürer, chefe da Comissão de Planejamento [do SED], reportou ao sucessor de Honecker, Egon Krenz, no final de outubro de 1988, havia acumulado uma dívida externa de 49 bilhões de ‘Valuta-Mark’, a moeda usada para contabilidade do comércio exterior e atrelada a um valor próximo do marco alemão-ocidental. [...] Somente para estabilizar a dívida por meio de um programa de austeridade, seria necessária uma redução no padrão de vida da população da ordem de 25 a 30%, e mesmo este sacrifício não garantiria que a RDA conseguiria exportar o necessário.

A insatisfação popular começou a tomar corpo, mas o governo alemão-oriental seguia impassível. Em janeiro de 1989, Honecker, já autoridade máxima do país, chegou a dizer que “o Muro ainda ia ficar 100 anos de pé”⁶. Neste período, a União Soviética já atravessava os processos de *glasnost* (transparência) e *perestroika* (reestruturação), implantados por Mikhail Gorbachev, com reflexos em todo o bloco comunista.

Um dos países que primeiro percebeu a oportunidade para fazer mudanças foi a Hungria. Disposto a testar os limites de Moscou, o governo de Imre Pozsgay começou a fazer reformas pontuais. Em junho de 1989, em um evento simbólico, os então ministros de Relações

⁵ Para mais informações sobre a divisão do metrô de Berlim, recomendamos o trabalho de Sälter e Schaller (2013) e a exposição permanente “Grenz- und Geisterbahnhöfe im geteilten Berlin”, na estação Nordbahnhof da capital alemã.

⁶ „Die Mauer bleibt noch hundert Jahre“

Exteriores húngaro, Gyulia Horn, e austríaco, Alois Mock, cortaram a cerca que dividia os dois países.

A Hungria, por sua vez, era um dos principais destinos dos alemães-orientais, que não encontravam tantas dificuldades para viajar se o objetivo era ir a algum país do bloco comunista. Com as fronteiras abertas no início do verão, diversos alemães foram para território húngaro passar férias, mas, mesmo com vistos vencidos, permaneciam, esperando uma oportunidade para sair do bloco. O governo, então, marcou para 19 de agosto daquele ano o “Piquenique Pan-Europeu” na fronteira recém-aberta entre Hungria e Áustria.

Convites foram feitos em húngaro e alemão e distribuídos aos alemães-orientais que “permaneciam” na Hungria. A ideia do piquenique era, oficialmente, “celebrar” o fim da fronteira de aço, passando livremente para o lado austríaco, sem necessidade de volta. Pelo menos 661 pessoas atravessaram para a Áustria (TARGINO, 2014), onde uma estrutura já havia sido montada para receber os refugiados, com a ajuda da Alemanha Ocidental. A fronteira foi fechada no dia seguinte e reaberta, de maneira definitiva, em 11 de setembro.

A ação irritou Berlim Oriental, e Honecker criou bloqueios para os que tentavam ir para a Hungria. Ao mesmo tempo, diversos alemães-orientais passaram a buscar refúgio nas embaixadas da Alemanha Ocidental em Budapeste, Varsóvia e, principalmente, Praga, onde mais de 5.000 pessoas chegaram a acampar nos jardins do edifício à espera de visto. De lá, só saíram quando Honecker aceitou que elas fossem colocadas em trens rumo ao território alemão-ocidental e tivessem seus documentos confiscados. Taylor (2009, p.467-468) diz que a decisão do líder comunista se provou um equívoco: “Em Dresden, primeira cidade importante depois da fronteira, os refugiados [...] não entregaram seus documentos de identidade, [...] mas simplesmente os rasgaram e atiraram pela janela do trem”.

Se não bastasse, os problemas do governo alemão-oriental dentro do país só cresciam. Em 25 de setembro, uma manifestação reuniu 6.000 pessoas em Leipzig. Entre as demandas, liberdade de ir e vir, de expressão e reunião (BANCHER, 2003).

Pouco tempo depois, os protestos começaram a se espalhar por toda a Alemanha Oriental. No dia 7 de outubro, aniversário de 40 anos da RDA, uma grande manifestação em Berlim Oriental foi reprimida violentamente pela polícia. Pouco antes, Gorbachev e a alta direção do país comemoravam a efeméride em um banquete no Palácio da República. A situação se repetiu em Leipzig, com os policiais atacando de maneira brutal os manifestantes.

Onze dias depois, em 18 de outubro, Honecker é derrubado por alas do SED descontentes com os rumos que o então dirigente tomava em meio à agudização da crise política no país. Willi Stoph, então presidente do *Ministerrat* (Conselho de Ministros), foi o responsável

por levantar a proposta de “remoção do secretário-geral. O então líder alemão-oriental, após certa relutância, coloca o pedido em votação. “Abruptamente, ele [Honecker] fez o que ninguém esperava. ‘Humildemente, em silêncio’, disse [Günter] Schabowski, ‘Erich ergueu a mão junto com todos os outros [membros do *Politbüro*]⁷’, um comunista de verdade até o fim” (MEYER, 2009, p. 156).

Prometendo reformas, Egon Krenz assumiu o comando da Alemanha Oriental. Pouco tempo depois, o Muro de Berlim cairia.

⁷ O *Politbüro* era o órgão máximo do SED, de onde efetivamente emanava o poder do país e onde as decisões mais importantes eram tomadas.

4. A SEMANA ANTES DA QUEDA: NAS PÁGINAS DO *BZ*, UM GOVERNO EM BUSCA DA LEGITIMIDADE PERDIDA

No dia 4 de novembro de 1989, uma manifestação convocada por artistas e intelectuais tomou a Alexanderplatz, centro da então Berlim Oriental, para protestar por liberdade de imprensa e de reunião, em meio a pedidos de renovação no sistema político do país.

O *BZ* enviou ao menos quatro repórteres para cobrir a manifestação. Mas, antes de partirmos para a análise dos textos em si, é importante entender qual era o papel de um jornalista na Alemanha Oriental. Segundo o “Dicionário do Jornalismo Socialista”⁸ (Karl-Marx-Universität Leipzig, 1979),

O jornalista socialista é funcionário do partido da classe trabalhadora, de outro bloco partidário (no sistema pluripartidário do socialismo) assim como de uma organização social e do poder estatal socialista, que participa com meios jornalísticos na condução de processos ideológicos. É o homem de confiança do povo. Toda sua atividade é determinada fundamentalmente pelo programa e pelas decisões do partido marxista-leninista da classe trabalhadora, assim como por meio da Constituição do Estado socialista. Por meio de palavras e imagens, influencia intencionalmente a formação, o desenvolvimento e a consolidação da consciência socialista do povo (p. 115-116)⁹.

Ou seja, o repórter é, antes de tudo, parte do aparato do Estado, e tem como objetivo influenciar a consciência do povo de maneira ideológica.

A ideologia socialista perpassa o trabalho do jornalista e o resultado de sua produção age, diretamente, no que a população deste Estado lê ou recebe a título de informação.

Essa definição se mostra importante na análise dos textos selecionados do *BZ*, já que, dada sua formação, um jornalista alemão-oriental pode ser visto como um agente do espraio da ideologia socialista. A isso, se soma a linha editorial do veículo para o qual o profissional trabalha. No caso de nosso objeto de estudo, a influência governamental era direta, segundo Arnold (2000), então redator-chefe adjunto do jornal:

O redator-chefe do *Zeitung* era [...] confirmado pelo secretariado do Comitê Central [do Partido Socialista Unificado da Alemanha, o SED]. Quer dizer, ele era nomeado

⁸ Wörterbuch der sozialistischen Journalistik

⁹ Der sozialistische J. ist Funktionär der Partei der Arbeiterklasse, einer anderen Blockpartei (bei Mehrparteiensystem im Sozialismus) bzw. einer gesellschaftlichen Organisation und der sozialistischen Staatsmacht, der mit journalistischen Mitteln an der Leitung ideologischer Prozesse teilnimmt. Er ist Vertrauensmann des Volkes. Seine gesamte Tätigkeit wird grundlegend vom Programm und den Beschlüssen der marxistisch-leninistischen Partei der Arbeiterklasse sowie durch die Verfassung des sozialistischen Staates bestimmt. Durch Wort und Bild nimmt er zielgerichtet auf die Herausbildung, Entwicklung und Festigung des sozialistischen Bewußtseins des Volkes Einfluß. (KARL-MARX-UNIVERSITÄT LEIPZIG, 1979)

com a única e toda poderosa bênção do secretário-geral [Erich] Honecker ou, até 1971, do primeiro-secretário [Walter] Ulbricht.¹⁰ (pg. 15)

Dessa maneira, ficava garantido que só se publicaria aquilo que fosse permitido pelo alto comando do país. O texto “Centenas de milhares protestaram no sábado no centro de Berlim”¹¹, publicado na edição do *BZ* de 6 de novembro para relatar o protesto de dois dias antes, mostra-se um bom exemplo do que poderia ser divulgado ou não – e de que maneira.

O protesto na capital acontece em um contexto de grave crise social e política na Alemanha Oriental. Uma série de outras manifestações já havia sido reprimida com violência. No dia 7 de outubro, aniversário de 40 anos de fundação da RDA, cidadãos de Berlim Oriental pediam ajuda a Mikhail Gorbachev¹², então secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética. Dois dias depois, a polícia repreendia violentamente não só o já tradicional Protesto de Segunda-Feira¹³ em Leipzig, mas também manifestações em Berlim, Dresden, Plauen e outras cidades.

No dia 18 de outubro, com os protestos se multiplicando sob gritos de “Sem Violência!”¹⁴, o *Politbüro* destitui Honecker da Secretaria-Geral do SED e nomeia, no lugar, Egon Krenz, que se torna o líder *de facto* do país.

Krenz assume o governo com a promessa de reformas, para tentar salvar, no limite, a própria existência da Alemanha Oriental. Um dos motes da nova administração era dar maior “transparência”: entrevistas coletivas de imprensa passaram a ser feitas com regularidade, por exemplo. Durante uma delas aconteceu, inclusive, o anúncio de abertura das fronteiras.

Além disso, em seu primeiro discurso, Krenz já usou uma palavra que se consagraria nas semanas seguintes: *Wende*, que significa “mudança”, “transformação”.

Mas, para tanto, era preciso dar sinais de que as coisas mudariam. Nesse espírito, a manifestação de 4 de novembro foi liberada pelas autoridades e, inclusive, exibida ao vivo na televisão. Os jornais – não só o *Berliner Zeitung* – trouxeram em suas páginas textos quase relatoriais sobre o protesto.

¹⁰ „Der Chefredakteur der ZEITUNG wurde vom Sekretariat des ZK bestätigt. Das heißt, er wurde mit dem alleinseligmachenden Segen des Generalsekretärs Honecker oder, bis 1971, des Ersten Sekretärs Ulbricht eingesetzt“ (ARNOLD, 2014 (2000))

¹¹ „Hunderttausenden demonstrierten am Sonnabend im Zentrum Berlins“

¹² „Gorbi, hilf uns!“, gritavam manifestantes na frente do Palácio da República (*Palast der Republik*), onde o líder soviético se reunia com Honecker.

¹³ As *Montagsdemonstrationen* foram uma série de protestos ocorridos em Leipzig a partir de 4 de setembro de 1989 e que pediam abertura política na RDA.

¹⁴ „Keine Gewalt!“

Analisando o discurso presente nas reportagens, podemos relacionar essa decisão de autorizar a publicação de textos sobre a manifestação como uma tentativa de recuperar uma legitimidade que o governo vinha perdendo gradativamente sob perspectiva da população, que ia às ruas pedir mudanças no sistema. Segundo Ricoeur, citado por Brandão (2012, p. 29), “toda autoridade procura, segundo seus sistemas políticos, legitimar-se, e para tal é necessário que haja correlativamente uma crença por parte dos indivíduos nessa legitimidade”. Ou seja: a legitimidade só existe se alguém acredita nela.

Sinalizar que, agora, é possível ir às ruas pacificamente e pedir mudanças no sistema político do país, como relatam os textos sobre o assunto publicados no *BZ*, pode ser visto como uma maneira de tentar recuperar a confiança do público em relação ao governo. Um indicativo disso é um texto publicado pelo jornal no dia 11 de novembro, dois dias após a queda do Muro: nele, se diz que “a confiança entre habitantes e o Estado volta a crescer!”¹⁵, com o uso incomum (ao menos em matérias jornalísticas) do ponto de exclamação.

A matéria publicada no dia 6, conforme dissemos, apresenta praticamente um relatório sobre o protesto do sábado anterior, listando por ordem temporal os discursos feitos durante a reunião. Antes de partir para a descrição em si do que cada um dos presentes no palco falou, o jornal tenta explicar os motivos para a manifestação.

Para que a autorização do protesto fosse concedida, os organizadores registraram junto ao governo como tema da manifestação “Pelo Conteúdo dos Artigos 27º/28º da Constituição da RDA”¹⁶. Estes dois artigos tratavam das garantias à liberdade de expressão, imprensa e de reunião dos cidadãos da Alemanha Oriental.

O jornal, então, se concentra justamente nisso. Já no primeiro parágrafo do texto, em negrito (provocando destaque em relação ao resto do texto), o repórter Peter Bochter diz que os manifestantes haviam ido à Alexanderplatz “pela concretização dos artigos constitucionais 27 e 28 sobre o direito à liberdade de expressão, imprensa e reunião”¹⁷.

O fato de que uma manifestação pedindo teoricamente liberdade de imprensa e expressão aparece em um jornal controlado pelo SED aponta certa contradição. Ora, o governo da Alemanha Oriental nunca admitiu que houvesse censura a seus jornais; por que motivo, então,

¹⁵ A reportagem sobre a abertura das fronteiras diz, em seu último parágrafo, *„Das Vertrauen zwischen Einwohnern und Staat wächst wieder!“*. Este texto, como não foi escrito pelo corpo editorial do *BZ*, não será analisado neste trabalho, mas pode ser consultado no endereço <https://bit.ly/2r8UazY>.

¹⁶ „Für die Inhalte der Artikel 27/28 der Verfassung der DDR“ (DER SPIEGEL, 1995)

¹⁷ „Sie demonstrierten für die Verwirklichung der Verfassungsartikel 27 und 28 über das Recht auf Meinungs-, Presse- und Versammlungsfreiheit.“

estariam os cidadãos exigindo liberdade de imprensa? E por que este pedido apareceria em destaque em um jornal como o *BZ*?

Partindo de Ricoeur, Brandão afirma que, em discursos “marcadamente institucionalizados”, tais como o do jornal – que é controlado pelo governo –,

faz-se um recorte da realidade, embora, por um mecanismo de manipulação, o real não se mostre na medida em que, intencionalmente, se omite, atenuam ou falseiam dados, como as contradições que subjazem às relações sociais. Selecionando, dessa maneira, os elementos da realidade e mudando as formas de articulação do espaço da realidade, a ideologia escamoteia o modo de ser do mundo. (BRANDÃO, 2012, pg. 32)

Ideologicamente, parece interessante para o jornal e seus controladores manterem o foco no protesto pela defesa de artigos da Constituição, mesmo que, para tal, seja necessário colocar em maior evidência o motivo “oficial” da manifestação.

Analisemos a construção dos textos dentro do jornal. Em três páginas (capa, 3 e 4), o *Berliner Zeitung* relata os discursos: na primeira (ANEXO A), há ao menos duas referências à defesa dos artigos constitucionais; na página 3 (ANEXO A), que é toda dominada pelo assunto sob o título “Centenas de milhares refletem publicamente sobre nosso país e nosso futuro”¹⁸, encontra-se logo na primeira coluna um quadro chamado “Nossa Lei Constitucional”¹⁹; na página 4 (ANEXO A), em destaque, aparece uma foto com o os dizeres “Liberdade de Expressão”²⁰.

Sem destacá-los, o texto reporta os outros pedidos da manifestação. Quase ao final da primeira coluna da segunda página de reportagem, o *BZ* diz: “Então, novamente, [o ator] Ulrich Mühe se aproximou do microfone. Ele sugeriu, sob fortes aplausos, a mudança do artigo 1º do capítulo 1º da Constituição da RDA. ‘A reivindicação de liderança de um partido não pode ser prescrita por lei’.”²¹

O jornal não explica de maneira muito clara – ao contrário do que fez com os artigos 26º e 27º – o que significa o artigo 1º. Segundo a então Constituição da RDA, “A República Democrática Alemã é um Estado socialista dos trabalhadores e camponeses. Ela é a organização

¹⁸ „Öffentliches Nachdenken Hunderttausender über unser Land und unsere Zukunft“

¹⁹ „Unser Verfassungsrecht“

²⁰ „Freiheit des Wortes“

²¹ „Dann trat wiederum Ulrich Mühe ans Mikrofon. Er schlug unter starkem Beifall die Änderung von Artikel 1 im Kapitel 1 der DDR-Verfassung vor. „Der Führungsanspruch einer Partei darf nicht durch Gesetz verordnet werden (...)“.

política daqueles que trabalham na cidade e no campo sob direção da classe trabalhadora e de seu partido marxista-leninista”²², o que deixava claro qual força política deveria conduzir o país.

Ou seja, o que Mühe argumentou é que este tipo de exigência não poderia estar na Lei Fundamental de um país. No caso específico da RDA, esta exigência pressupunha um norte ideológico (marxista-leninista).

4.1. O fenômeno do assujeitamento nos protestos da RDA

Seja neste protesto, seja nos anteriores – ou mesmo nos que ocorreram imediatamente à queda do Muro – parece-nos que os manifestantes tentam, em última instância, quebrar o assujeitamento que a ideologia os colocou ao pedirem reformas e mudanças no sistema.

A submissão a um sistema, seja capitalista, seja socialista, pressupõe a aceitação de algo já pré-construído. O sujeito, afetado pela ideologia, se torna uma “forma-sujeito” (ALTHUSSER, 1973; PÊCHEUX, 1997), e passa a ter impressão de que é “senhor da sua própria vontade” (BRANDÃO, 2008, p. 46-47), em um fenômeno conhecido como assujeitamento ideológico.

Lindner (2005, p. 86) vê quatro etapas no desenvolvimento dos protestos do que chama de “Revolução Democrática na RDA”. A primeira delas reforça nossa tese de que os protestos de 1989 poderiam representar uma tentativa dos cidadãos alemães-orientais de interromper o processo de assujeitamento a que estão expostos:

A série de eventos revolucionários no outono de 1989 e no começo do ano de 1990 na RDA se divide –de maneira geral – em quatro etapas que se sobrepõem no tempo:

1ª Etapa: **a tomada de consciência da própria força** (4.set – 9.nov.1989) (*grifo nosso*)

2ª Etapa: a politização dos apolíticos (fim de setembro – 9.nov.1989)

3ª Etapa: a vivência chocante do pluralismo (9.nov.1989 – jan.1990)

4ª Etapa: a redelegação da condução política aos políticos profissionais (jan. – mar.1990)²³

²² Art. 1.: „Die Deutsche Demokratische Republik ist ein sozialistischer Staat der Arbeiter und Bauern. Sie ist die politische Organisation der Werktätigen in Stadt und Land unter Führung der Arbeiterklasse und ihrer marxistisch-leninistischen Partei.“ Disponível em: <http://www.verfassungen.de/de/ddr/ddr74-i.htm>

²³ „Die so in Gang gekommene Abfolge der revolutionären Ereignisse im Herbst 1989 und Frühjahr 1990 in der DDR gliedert sich – übergreifend betrachtet – in vier, sich zeitlich zum Teil überlagernde Etappen:

1. Etappe: die Bewusstwerdung der eigenen Kraft (4. September – 9. November 1989)
2. Etappe: die Politisierung der Unpolitischen (Ende September – 9. November 1989)
3. Etappe: das (Schock-) Erlebnis Pluralismus (9. November 1989 – Januar 1990)
4. Etappe: die Rückdelegation des politischen Handelns an die Berufspolitiker (Januar – März 1990)“ (LINDNER, 2010)

Ao perceberem a “própria força” e irem às ruas, os alemães-orientais colocam em risco, mesmo que involuntariamente, não só a existência do país, mas também a manutenção da ideologia que havia sustentado a Alemanha Oriental nos 40 anos anteriores.

Essa ideologia, no entanto, seguia estritas ordens da então liderança do bloco comunista do Pacto de Varsóvia - o governo soviético sediado em Moscou. Na manchete da edição de 7 de novembro, o jornal fala sobre as comemorações (em Berlim Oriental) dos 72 anos da Revolução Russa. O título da matéria é perceptivelmente triunfante: “Realizações históricas da União Soviética honradas”²⁴ (ANEXO B).

Em uma das duas linhas-finas, o jornal afirma que “a RDA irá consolidar ainda mais sua irmandade com a URSS”²⁵. Uma linha-fina é a “frase ou período sem ponto final, que aparece abaixo do título e serve para completar seu sentido ou dar outras informações. Funciona como subtítulo. Usa letras menores que as do título e maiores que as do texto.” (FOLHA DE S.PAULO, 1996).

Então, se por um lado, pedia-se renovação no sistema, e a população ia às ruas para isso, por outro, o governo da Alemanha Oriental reforçava seus laços com a “origem” da ideologia que provocava o assujeitamento posto em xeque naquele momento.

Outro sinal desta contradição é a presença de Manfred Gerlach, do LDPD (*Liberal-Demokratische Partei Deutschlands* - Partido Liberal-Democrático da Alemanha)²⁶, na reunião que celebrou a Revolução Russa. Gerlach esteve no protesto da Alexanderplatz, onde: 1) elogiou o movimento; 2) disse que seu partido “havia empurrado a porta da renovação política”; 3) colocou-se a favor da renúncia do governo; 4) chegou a citar a “*Wende*” prometida por Krenz em 18 de outubro. Dois dias depois, no entanto, participava do evento em celebração à União Soviética.

4.2. Lei de Viagens e nova tentativa de recuperar legitimidade

No dia 6 de novembro, o governo torna público um rascunho da nova Lei de Viagens²⁷. Com a legitimidade em xeque, as autoridades tentam atender a um dos pedidos dos manifestantes que tomavam as ruas de diversas cidades do país: a livre movimentação nas fronteiras alemãs-orientais.

²⁴ „Historische Leistungen der Sowjetunion gewürdigt“

²⁵ „Die DDR wird ihren Bruderbund mit der UdSSR weiter festigen“

²⁶ Apesar do nome, o LDPD funcionava como um “partido-satélite” do SED.

²⁷ Reisegesetzentwurf

Até aquele momento, o interessado em fazer uma viagem para fora do país precisava pedir um visto de saída²⁸, em um processo normalmente marcado pela demora, pela burocracia e pela grande possibilidade de uma resposta negativa.

O rascunho, publicado inclusive no *Berliner Zeitung*, foi recebido pela população com decepção: apesar de deixar claro o direito de um cidadão alemão-oriental de sair do país, ainda previa um longo tempo para o processamento dos pedidos de viagem para fora e a necessidade de pedir autorização cada vez que se pretendesse sair do território comunista²⁹.

Cartazes nos protestos que tomavam as cidades – somente no dia 6, cerca de 60 mil pessoas se manifestaram em Halle – pediam “Lei de Viagens sem restrições” e “Sem visto até o Havai”³⁰. O rascunho da nova lei também foi um dos temas na tradicional manifestação de segunda em Leipzig:

O rascunho insuficiente da Lei de Viagens e a inabilidade do governo de impor mudanças perceptíveis balançou os ânimos. “Não precisamos de nenhuma lei – o Muro precisa acabar!”, gritava a multidão, e um orador (“Eu me chamo Olaf Reiche e moro na Grimmaische Straße 19) disse, amargo: “Agora estamos autorizados a viajar com uma trouxa nas costas”. Sob enormes aplausos, ele termina com uma exigência categórica: “A Lei de Viagens tem que acabar!” (BAHRMANN e LINKS, 1994. Pag. 84)³¹

No dia seguinte à manifestação, o *BZ* publica um texto com a opinião do jornal sobre o assunto, com o título “Não é a última palavra”³², e sob o chapéu “Nossa Opinião”³³, que é um padrão do periódico para este tipo de material (ANEXO C). É interessante notar que o uso da primeira pessoa do plural, que se repete de diferentes maneiras durante o texto, aproxima o leitor da ideia do texto e o torna participante: ao mesmo tempo em que “nossa opinião” reflete o que a redação pensa, coloca o leitor como um dos que compartilha da opinião, tornando fluidas as fronteiras entre o que o jornal acredita e o que a população pensa (ou deveria pensar) – uma vez que o *BZ* era controlado pelo SED.

Isso fica ainda mais claro durante a leitura do texto. As referências aos leitores são diversas: são quatro diretas, com duas usando o pronome possessivo na primeira pessoa do

²⁸ Para a lei até então em vigor, <http://www.verfassungen.de/de/ddr/reiseverkehr88.htm>.

²⁹ BAHRMANN e LINKS, 1994. Pag. 83

³⁰ „Reisegesetz ohne Einschränkung” e „Visafrei bis Hawaii”. In: BAHRMANN E LINKS, 1994.

³¹ „Der unzureichende Entwurf des Reisegesetzes und die Unfähigkeit der Führung, spürbare Veränderungen durchzusetzen, haben die Stimmung zum Kippen gebracht. ‚Wir brauchen keine Gesetze – die Mauer muß weg!’ ruft die Menge, und ein Redner (‚Ich reiße Olaf Reiche und wohne Grimmaische Straße 19’) sagt bitter: ‚Jetzt sollen wir reisen dürfen, mit dem Bettelsack auf dem Rücken.’ Er schließt unter dem riesigen Beifall mit der unmißverständlichen Forderung: ‚Das Reisegesetz muß weg!’“

³² „Nicht das letzte Wort“

³³ „Unsere Meinung”

plural (*unsere*) e, uma, o advérbio “*viele*”. No primeiro parágrafo, fazendo uso dessas referências, o jornal deixa claro que a opinião não é só dele, mas de “vários leitores”, em uma tentativa de se mostrar comungante da opinião geral:

O rascunho de uma nova Lei de Viagens foi apresentado, e antes que a Câmara do Povo decida sobre ele, haverá discussão pública sobre suas definições. E verdadeiramente digno de discussão é o documento. **Essa opinião não é somente nossa, mas também de vários leitores.**³⁴ (*tradução e grifo nossos*)

Ou seja: de alguma maneira, que não fica explícita no texto, leitores teriam se comunicado com o jornal, logo após a publicação do rascunho, dizendo que o documento seria “digno de discussão” (“*diskussionswürdig*”). Em outras palavras, a população e o jornal concordam que há algo a ser feito.

Nesse contexto, o texto chega a ser de alguma maneira crítico ao rascunho apresentado pelo governo, dizendo que o “socialismo moderno” que se deseja não combina com interferências estatais – e notando que esse desejo quase não se reflete no texto oficial. Apesar disso, contemporiza o fato de que vários países (que não são citados) também precisam de um longo tempo de processamento de visto.

A redação, em seu todo, dá pistas das intenções do autor, do que estaria colocado nas entrelinhas. Uma análise sintática da segunda frase do primeiro parágrafo (“*Und diskussionswürdig ist das Papier wahrlich*”) mostra, como, primeira característica, a topicalização do predicativo do sujeito da frase – “*diskussionswürdig*” –, reforçando a importância do elemento “digno de discussão” dentro da estrutura: é a primeira informação da sentença, acentuando o caráter de abertura ao debate que o próprio título do artigo opinativo traz. Azenha Júnior e Nomura (2008) definem a topicalização como “o recurso pelo qual um elemento sintático, complexo ou não, é deslocado para o início da sentença. Tem relevância na constituição do texto pela distribuição tópica das informações”.

Segundo Orlandi (1992), “todo dizer é uma relação fundamental com o não dizer”. A observação do “não dito”, do implícito, é fundamental para uma análise do discurso. Então, o que não está sendo dito neste texto? O contexto histórico nos ajuda a entender. Em meio a uma crise política aguda, em que um governo reformista tenta de alguma maneira resolver o problema, um rascunho de uma nova Lei de Viagens é lançado.

³⁴ „Der Entwurf eines Reisegesetzes ist vorgelegt, und bevor es die Volkskammer beschließt, wird öffentlich über die Bestimmungen diskutiert. Und diskussionswürdig ist das Papier wahrlich. Dieser Meinung sind nicht nur wir, sondern auch viele Leser.“

Ora, um dos principais pedidos dos manifestantes que tomavam as ruas das principais cidades da Alemanha Oriental na época era justamente maior liberdade para poder sair do país (e eventualmente voltar). O rascunho da lei, como dissemos, provocou uma forte reação contrária da população.

Percebe-se, então, que um texto opinativo deixa claro, já no título, que ainda não se está na “última palavra”, e que a discussão permanece aberta. Fica implícita no texto a tentativa de acalmar as reações contrárias e mostrar, inclusive, que o novo governo está aberto para receber sugestões.

Sinais desta tentativa perpassam todo o texto. A escolha vocabular da primeira frase do primeiro parágrafo, com o uso de um artigo indefinido (*ein* - “um”, em português), aponta que aquele rascunho era uma possibilidade não completamente fechada: “O rascunho de **uma** Lei de Viagens foi apresentado” (grifo nosso)³⁵.

Segundo Helbig e Buscha (1996), um artigo indefinido, tal como utilizado nesta frase, “sinaliza, acima de tudo, a indeterminação de um determinado objeto (...) que não será identificado em local próximo”³⁶. Neste caso, a identificação acontece somente no último parágrafo, como veremos a seguir. Além disso, o indefinido “se coloca antes de um substantivo, citado pela primeira vez, que não foi mencionado no contexto e que, no aspecto comunicativo, representa uma novidade”³⁷. O último parágrafo, do texto, por sua vez, indica que uma discussão sobre o assunto ainda estaria em curso: “A última palavra sobre o rascunho da Lei de Viagens certamente ainda não foi dita. Caso contrário, ele não precisaria de discussão pública”³⁸ (*tradução nossa*).

Neste trecho, já fica claro de qual rascunho se fala (“*der Reisegesetzentwurf*”), mas, mesmo assim, fica claro que até ele, especificamente, está sob discussão, já que o autor usa “*noch nicht*”. Segundo Weinrich (1993), “o advérbio *noch* expressa que uma ação persiste ‘mais do que o esperado’”³⁹.

O parágrafo tenta assegurar ao público que as coisas ainda podem (e devem) mudar. A presença da palavra “*gewiss*” (“certamente”) tenta amenizar o impacto negativo do anúncio. O final do trecho dá sinais disso: caso não fosse algo ainda passível de mudanças, “não

³⁵ “Der Entwurf **eines** Reisegesetzes ist vorgelegt”. (grifo nosso)

³⁶ “Der unbestimmte Artikel signalisiert vor allem die Indeterminiertheit der bezeichneten Objekte der Realität: diese Objekte werden (...) nicht näher identifiziert.”

³⁷ “Der unbestimmte Artikel steht vor einem Substantiv, das erstmalig genannt, im Kontext vorher nicht erwähnt wird und unter kommunikativem Aspekt das Neue in der Mitteilung darstellt.”

³⁸ „Das letzte Wort zum Reisegesetzentwurf ist also gewiß noch nicht gesprochen. Sonst brauchte es auch keine öffentliche Diskussion.“ (Idem, ibidem)

³⁹ „Das Adverb *noch* drückt aus, daß eine Handlung, mehr (länger) als erwartet andauert“

precisaria de discussão pública”. Observa-se nesse trecho (uma oração principal⁴⁰) a ligação à oração anterior por meio de um conector (“*sonst*” – “senão, “caso contrário”), levando-o a um plano de irrealidade, o que é intensificado pelo uso de um *Konjunktiv Restriktiv (Konjuntiv 2)* - “*brauchte*”. Segundo o DUDEN, a função desta forma verbal é justamente exprimir “irrealidade/potencialidade” (p. 516). Dessa maneira, o texto do jornal indica que o texto não era definitivo e ainda haveria novas discussões sobre a Lei de Viagens.

O local escolhido pelo jornal para publicar sua opinião revela também a importância dada pelo governo ao tema. Uma pesquisa nos arquivos *online* da *Staatsbibliothek zu Berlin* mostra que este é o único artigo com chapéu “Nossa Opinião” publicado na capa do jornal até então no ano de 1989. Além disso, ele está na mesma página da manchete sobre as comemorações da Revolução Russa.

Outros textos opinativos chegaram a ser publicados na primeira página durante o período, mas nenhum com este chapéu. Os artigos “Nossa Opinião” “flutuavam” por dentro das edições. O de 7 de novembro foi o único, em todo o ano de 1989, que apareceu na primeira página.

4.3. Novos modelos de sociedade

Se são as formações ideológicas que definem o que pode e deve ser dito, que “fornecem as evidências pelas quais ‘todo mundo sabe’ o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica” (Pêcheux, 1997), e naquela situação elas estavam deixando de funcionar, é preciso pensar em novos modelos para que essa ideologia volte a ser uma “bússola” da sociedade.

Em 8 de novembro – portanto, um dia antes da queda do Muro – o *BZ* publica um artigo chamado “Necessário é um novo modelo de sociedade”⁴¹ (ANEXO E), acompanhado da linha-fina “Reflexões sobre uma reforma radical do sistema político da RDA”⁴². O texto não é escrito por um repórter do jornal, mas sim pelo Dr. Hans-Michael Karle, pesquisador da Academia de Ciências Sociais no Comitê Central do SED⁴³, conhecida pela sigla AfG. Ou seja, diretamente vinculado ao órgão diretivo máximo da Alemanha Oriental.

Já em seu primeiro parágrafo, o texto pede o desenvolvimento de novos conceitos para “sinalizar” um “novo socialismo”:

⁴⁰ Hauptsatz

⁴¹ „Nötig ist ein neues Gesellschaftsmodell”

⁴² „Überlegungen zu einer radikalen Reform des politischen Systems der DDR“

⁴³ Akademie für Gesellschaftswissenschaften beim ZK der SED

“É necessário protestar por um novo socialismo na RDA. Também são necessárias discussões calorosas para encontrar soluções para problemas represados. São urgentes medidas imediatas. Do mesmo modo, é também necessário desenvolver concepções que sinalizem os contornos de um novo socialismo qualitativo (...)”.⁴⁴

O artigo reconhece as manifestações, toma para si as reivindicações daqueles que estão indo às ruas e chega a repensar o papel do SED na sociedade que surgiria depois daqueles eventos, conforme se observa no trecho seguinte:

“Disposto nas exigências do Estado de direito socialista e de uma democracia parlamentarista socialista, o papel de liderança do SED não pode mais, a priori, ser compreendido como monopólio de poder e verdade, e, de certa maneira, puramente administrativo, mas sim como requisito na elaboração de uma estratégia social cientificamente fundamentada, assim como exemplo mobilizador dos comunistas. O SED deve ser um partido entre iguais. A renovação do sistema político torna necessária a renovação do SED a partir do zero. A tarefa da presente posição do partido não seria desistir do poder popular, mas sim, no sentido das demandas das centenas de milhares no protesto de 4 de novembro no centro de Berlim, dar outra forma a este poder.”⁴⁵

Ou seja: para sobreviver dentro do que viria, e manter a ideologia do sistema socialista, o SED deveria se tornar um partido como os outros – “um entre iguais”, disposto a reconhecer a legitimidade de outros.

O partido, naquele dia, iniciava seu Congresso para escolher os novos membros do *Politbüro* e, fundamentalmente, dar diretrizes sobre novas leis de trânsito na RDA. Nesta mesma edição, um editorial na capa do jornal afirma que o “SED precisa de renovação”⁴⁶ (ANEXO D).

Diferentemente do artigo opinativo sobre o rascunho de Lei de Viagens, sobre o qual falamos anteriormente, este não traz o chapéu “Nossa Opinião”, apesar de o autor dos dois textos ser o mesmo (o jornalista Bo Adam). A ausência desse elemento faz com que a

⁴⁴ „Für einen neuen Sozialismus in der DDR zu demonstrieren ist notwendig. Auch Streitgespräche, um Lösungen für angestaute Probleme zu finden, sind notwendig. Dringlich sind Sofortmaßnahmen. Ebenso notwendig ist aber auch, Konzeptionen zu entwickeln, die Konturen eines qualitativ neuen Sozialismus vorzeichnen.“

⁴⁵ „Eingeordnet in die Erfordernisse des sozialistischen Rechtsstaates und einer sozialistischen parlamentarischen Demokratie kann die führende Rolle der SED nicht mehr als Macht- und Wahrheitsmonopol, rein administrativ und gewissermaßen ä priori, aufgefaßt werden, sondern als Anforderung bei der Ausarbeitung einer wissenschaftlich begründeten Gesellschaftsstrategie, die auch Alternativen einschließt, sowie als Anforderung an das mobilisierende Beispiel der Kommunisten. Die SED muß eine Partei unter Gleichen sein.

Die Erneuerung des politischen Systems macht eine Erneuerung der SED von Grund auf notwendig. Die Aufgabe der bisherigen Stellung der Partei hieße nicht die Macht des Volkes aufzugeben, sondern ganz im Sinne der Forderungen Hunderttausender auf der Demonstration vom 4. November im Zentrum Berlins, diese Macht anders zu gestalten.“

⁴⁶ „SED braucht die Erneuerung“

proximidade com o leitor desapareça, dando sentido inverso ao observado no exemplo que já discutimos: a fronteira entre o que pensa o jornal e a opinião dos leitores fica mais delimitada.

A diagramação da página e a disposição dos textos nela devem ser destacadas. Como manchete principal⁴⁷, temos uma reportagem da agência oficial *ADN* afirmando que o “Governo da RDA⁴⁸ declarou sua renúncia”⁴⁹, sem explicar o motivo para a queda do Conselho de Ministros.

Segundo a então Constituição do país, o Conselho de Ministros “dirigia, coordenava e controlava “as atividades dos ministérios, de outros órgãos centrais do Estado e os conselhos dos distritos”⁵⁰, mesmo que o poder real da Alemanha Oriental se originasse do *Politbüro* e, em última instância, do SED. A causa real da queda do *Ministerrat* foi a má recepção por parte da população do rascunho de Lei de Viagens (sobre o qual tratamos em 4.2), que, na prática, não facilitava as viagens para fora do país. A informação é do jornal ocidental *Berliner Morgenpost*, que fez, na ocasião dos 25 anos da queda do Muro, um especial em que publicava notas como se estivesse em 1989. Todas as informações publicadas nesta reportagem que citamos correspondem aos fatos da época:

O governo da RDA, sob comando do ministro-presidente Willi Stoph, 75, renunciou completamente no dia 7 de novembro de 1989. [...]

O Conselho de Ministros entregou sua carta de renúncia à Câmara do Povo⁵¹. O último projeto de lei do governo demissionário, que no dia anterior havia apresentado o rascunho de uma nova Lei de Viagens, fracassou. O Comitê de Constituição e Justiça da Câmara do Povo classificou o rascunho como não aceitável e exigiu uma nova versão com uma renúncia geral à obrigatoriedade de vistos para viagens privadas e a negócios. (...) ⁵²

⁴⁷ A reportagem sobre a queda do Conselho, como não foi escrito exclusivamente pelo corpo editorial do *BZ*, não será analisado neste trabalho, mas pode ser consultado no endereço <https://bit.ly/2Iiw4x8>.

⁴⁸ Nesta acepção, “governo da RDA” é entendido como o Conselho de Ministros (*Ministerrat*)

⁴⁹ „DDR-Regierung erklärte ihren Rücktritt“. Segundo o DUDEN, “erklären” também pode ter sentido de “declarar”, “[oficialmente] comunicar”. („Erklären“ em Duden online. Disponível em: <http://duden.de/rechtschreibung/erklaren>. Data de acesso: 3.mai.2018.)

⁵⁰ „Der Ministerrat leitet koordiniert und kontrolliert die Tätigkeit der Ministerien, der anderen zentralen Staatsorgane und der Räte der Bezirke.“ (DEUTSCHE DEMOKRATISCHE REPUBLIK, 1968)

⁵¹ Volkskammer

⁵² „Die DDR-Regierung unter dem 75-jährigen Ministerpräsidenten Willi Stoph ist am 7. November 1989 geschlossen zurückgetreten. [...]

Der Ministerrat reichte sein Rücktrittsgesuch bei der Volkskammer ein. Das letzte Gesetzesvorhaben der zurückgetretenen Regierung, der am Vortag veröffentlichte Entwurf eines neuen Reisegesetzes, war gescheitert. Der Verfassungs- und Rechtsausschuss der Volkskammer bezeichnete den Entwurf als nicht akzeptabel und verlangte eine Neufassung mit einem generellen Verzicht auf die Visumpflicht bei Privat- und Geschäftsreisen.“. (BERLINER MORGENPOST, 2014)

Abaixo da manchete, um pequeno “box” intitulado “Preocupação com o futuro do partido”⁵³, no qual se noticia o pedido da Academia de Ciências da Alemanha Oriental⁵⁴ por uma “renovação” no SED. É nesta página que se encontra o editorial que pede, também, “renovação no partido”.

Dada a quantidade de textos sobre o assunto, com tons semelhantes e trechos similares, é possível supor que a palavra “renovação” era a mensagem que o governo tentava passar no momento. Era necessário que, naquele contexto de crise social, se renovasse a crença nas autoridades, o que é fundamental para que se solidifiquem e se legitimem, como diz Ricoeur⁵⁵.

O editorial questiona: seria o SED, o maior da RDA, “um partido que se dá ao cuidado de ter posições reais, claras e convincentes para hoje e para o futuro?”⁵⁶ A resposta está no parágrafo seguinte e insiste na tese de que a agremiação estaria se movimentando para “tirar novas ideias” de dentro de si:

Para isso, de fato, algumas coisas foram feitas em várias divisões do SED nas últimas semanas. E também é verdade que o SED não precisou começar do zero. Gavetas que estavam, até agora, totalmente fechadas, estão sendo gradualmente abertas. Análises, conceitos, ideias de competentes camaradas em todas as áreas estão sendo objetivamente verificadas e utilizadas.⁵⁷

Mas, mesmo assim, segue o editorial, a “renovação” precisaria ser completa. “Não adianta o partido virar o rosto para o povo, é preciso também um novo rosto, é preciso que sejam caras - não, cabeças! - novas e credíveis”⁵⁸.

Krenz havia prometido uma “*Wende*” e a recuperação das “ofensivas políticas e ideológicas” havia 21 dias. Insistindo na temática da renovação, o *BZ*, intimamente ligado ao governo, tentava garantir legitimidade às ações da nova administração.

Não deu tempo: o Muro caiu na noite seguinte, em 9 de novembro de 1989. E abriu caminho para que o governo de Krenz tivesse o mesmo destino apenas 21 dias depois.

⁵³ „Sorge um die Zukunft der Partei“

⁵⁴ Akademie der Wissenschaften der DDR

⁵⁵ In: BRANDÃO, 2012. p. 29

⁵⁶ „Ist die größte Partei der DDR zugleich eine Partei, die sich um die ehrlichsten, klarsten, überzeugendsten Positionen für heute, für die Zukunft bemüht?“

⁵⁷ “Dafür ist in den letzten Wochen in vielen Gliederungen der SED in der Tat einiges geleistet worden. Und wahr ist auch, daß die SED nicht bei Null anfangen mußte. Bislang fest verschlossene Schubläden werden nach und nach geöffnet. Analysen, Konzepte, Ideen kompetenter Genossen in allen Bereichen werden endlich sachlich geprüft, genutzt.”

⁵⁸ „Es reicht nicht aus, daß sich die Partei mit dem Gesicht dem Volk zuwendet, es muß auch ein neues Gesicht, es müssen neue, glaubwürdige Gesichter — nein: Köpfe! — sein.“

5. A SEMANA DEPOIS DA QUEDA: O QUE FAZER COM O MURO?

Os jornalistas olhavam incrédulos, tentando decifrar o que Günter Schabowski, então porta-voz do governo da Alemanha Oriental, realmente queria dizer com o anúncio daquele 9 de novembro de 1989. Em uma entrevista coletiva de imprensa que entrou para a história, Schabowski descrevia a última decisão do Conselho de Ministros “sobre a mudança na situação da saída de cidadãos da RDA à RFA pela CSSR [República Socialista da Tchecoslováquia]⁵⁹”, com um novo regulamento para viagens.

Em meio a uma resposta sobre o rascunho da Lei de Viagens, cuja redação piorou a crise política no país, Schabowski traz à tona o conteúdo de um pedaço de papel que havia recebido do então secretário-geral do Comitê Central do SED, Egon Krenz, o líder de fato da Alemanha Oriental:

“No entanto, tanto quanto sei, uma decisão foi tomada. É uma sugestão do *Politbüro* que foi aceita. Ela foi tirada de um excerto do rascunho da Lei de Viagens e deverá ser posta em vigor. Regula – como se diz ou não se diz – a saída permanente, portanto o abandono da República. Porque nós acreditamos que este é um estado impossível, dado que este movimento se executa através de um país amigo, algo que não é fácil para ele. E por isso decidimos tomar a decisão de chegar a um regulamento que torna possível a todo cidadão da RDA sair do país pelos pontos de passagem na fronteira.”⁶⁰

O anúncio pegou os jornalistas de surpresa, e logo se formou uma pequena confusão na sala de imprensa da Mohrenstraße, em Berlim. Ricardo Ehrmann, jornalista da agência italiana *ANSA*, faz uma pergunta sobre necessidade de passaportes. Na sequência, Krzysztof Janowski, da rádio norte-americana *Voz da América*, questiona: “A partir de quando?”⁶¹. Schabowski não entende a pergunta, e Peter Brinkmann, do jornal *Bild*, insiste: “imediatamente?”⁶²

O assessor alemão-oriental passa a ler o conteúdo do papel:

⁵⁹ “Zur Veränderung der Situation der ständigen Ausreise von DDR-Bürgern nach der BRD über die CSSR“ (LINDNER, 2010, pg. 135)

⁶⁰ „Allerdings ist heute, soviel ich weiß eine Entscheidung getroffen worden. Es ist eine Empfehlung des Politbüros aufgegriffen worden, daß man aus dem Entwurf des Reisegesetzes den Passus herausnimmt und in Kraft treten läßt, der stän... - wie man so schön sagt oder so unschön sagt - die ständige Ausreise regelt, also das Verlassen der Republik. Weil wir es für einen unmöglichen Zustand halten, daß sich diese Bewegung vollzieht über einen befreundeten Staat, was ja auch für diesen Staat nicht ganz einfach ist. Und deshalb haben wir uns dazu entschlossen, heute eine Regelung zu treffen, die es jedem Bürger der DDR möglich macht, über Grenzübergangspunkte der DDR auszureisen.“ (HERTLE, 1996, p. 142)

⁶¹ „Ab wann tritt das in Kraft?“

⁶² „Ab sofort? Ab...?“

“Viagens privadas para o exterior podem, sem a existência de pré-requisitos – razão para a viagem e relações de parentesco – ser requeridas. As autorizações serão dadas em curto prazo. A atual seção de passaportes e registros da VP – os escritórios da Polícia do Povo – na RDA estão instruídos a dar imediatamente visto para viagem permanente para fora do país sem a necessidade dos atuais pré-requisitos para saída permanente. Viagens permanentes podem ocorrer através de todos pontos de passagem fronteiriços da RDA com a RFA. Com isso fica anulada a possibilidade temporária de concessão das correspondentes autorizações nas representações estrangeiras da RDA, assim como a de viagens permanentes com a identificação pessoal da RDA por meio de terceiros Estados.”⁶³

Um jornalista – possivelmente Brinkmann – insiste e volta a questionar: “quando entra em vigor?”⁶⁴. Hesitante, Schabowski revira o papel e diz: “De acordo com as minhas informações, agora, de imediato”⁶⁵.

Mas, segundo Lindner (2010), a norma deveria entrar em vigor somente no dia seguinte, 10 de novembro, às 4 da manhã.

Hertle (1996, pg. 131) explica que o texto do novo regulamento dizia claramente que sua vigência se daria a partir do dia 10. No entanto, por volta das 15h30 do dia 9, Krenz levou o documento para análise de seus ministros. Durante a reunião, o secretário-geral sugeriu que a divulgação fosse feita imediatamente pelo porta-voz, ao que não houve oposição (tampouco concordância, já que os ministros mudaram de assunto).

O comunicado de imprensa que Krenz entregou para Schabowski ler não continha a data de quando a nova norma iria entrar em vigor. Além disso, Hertle (pg. 132) afirma que, quando Krenz entregou o papel a Schabowski, “o secretário-geral do SED desprezou a técnica praticada há anos pela burocracia ministerial de não fixar uma data de entrada em vigor dentro da norma em si, mas sim de fazê-lo por meio de sua divulgação (“agora, de imediato”)”⁶⁶.

Ou seja: sem a informação de que a nova norma só entraria em vigor no dia seguinte, Schabowski seguiu o costume e declarou vigente de maneira imediata o novo regulamento. Em 1990, o já ex-porta-voz reconheceu que só leu pela primeira vez o texto entregue para ele por

⁶³ „Privatreisen nach dem Ausland können ohne Vorliegen von Voraussetzungen - Reiseanlässe und Verwandtschaftsverhältnisse - beantragt werden. Die Genehmigungen werden kurzfristig erteilt. Die zuständigen Abteilungen Paß- und Meldewesen der VP - der Volkspolizeikreisämter - in der DDR sind angewiesen, Visa zur ständigen Ausreise unverzüglich zu erteilen, ohne daß dafür noch geltende Voraussetzungen für eine ständige Ausreise vorliegen müssen. Ständige Ausreisen können über alle Grenzübergangsstellen der DDR zur BRD erfolgen. Damit entfällt die vorübergehend ermöglichte Erteilung von entsprechenden Genehmigungen in Auslandsvertretungen der DDR bzw. die ständige Ausreise mit dem Personalausweis der DDR über Drittstaaten.“ (HERTLE, 1996, p. 144)

⁶⁴ „Ab wann trifft das in Kraft?“

⁶⁵ „Das trifft nach meiner Kenntnis ist das sofort, unverzüglich“.

⁶⁶ „Der SED-Generalsekretär mißachtete dabei die jahrelang praktizierte Technik der Ministerial-Bürokratie, die Inkraftsetzung nicht durch die Fixierung eines Zeitpunktes in der Verordnung selbst, sondern stattdessen durch ihre Bekanntgabe (»ab sofort«, »unverzüglich«) zu bewerkstelligen.“ (HERTLE, 1996, p. 132).

Krenz quando estava em frente às câmeras. A entrevista foi transmitida ao vivo pela TV da Alemanha Oriental.

A reação dos berlinenses-orientais foi imediata. Às 23h02, cerca de 20.000 pessoas gritavam “Abram o portão! Abram o portão!” no posto de controle da Bornholmer Straße (LINDNER, 2010, p. 136). Com informações desencontradas e sem uma ordem direta, os guardas deste e de outros pontos da fronteira liberaram a passagem das pessoas.

O Muro, como o mundo havia conhecido nos 28 anos anteriores, perdia seu efeito naquele momento.

Meyer (2009) relata, com base em transcrições oficiais da Casa Branca, uma conversa que o então chanceler alemão-ocidental Helmut Kohl manteve com o então presidente norte-americano George H. W. Bush na manhã do dia 10 de novembro:

“Acabei de chegar a Berlim”, ele [Kohl] disse ao presidente. ‘A atmosfera é de carnaval! As fronteiras estão absolutamente abertas. Em alguns pontos, estão literalmente derrubando o Muro. No Checkpoint Charlie⁶⁷, milhares de pessoas estão cruzando para os dois lados!’
Tudo dependia do novo governo de Egon Krenz. ‘Se as pessoas virem uma luz no fim do túnel’, disse Kohl, elas vão ficar em casa. Caso contrário, os alemães orientais vão sair em massa – ‘uma catástrofe para a RDA. São médicos, advogados, especialistas, que não podem ser substituídos’. [...] Bush sabia, assim como Kohl, que era o fim do jogo. [...] O objetivo, que em seguida eles começariam a discutir explicitamente, era unificação”. (MEYER, 2009, pg. 175)

O *Berliner Zeitung* trouxe, no dia seguinte, um texto sobre o assunto, em uma coluna, na primeira página, mas fora da manchete. A pequena nota, redigida pela agência oficial ADN, explica os novos regulamentos de viagem e diz que elas seriam autorizadas em “curto prazo”⁶⁸. Arnold (2014, p. 223), então redator-chefe adjunto do jornal, explica o que aconteceu:

“O telefone normal tocou. Estranho – quem poderia ainda estar ligando a essa hora? Era o redator Axel K., de política interna, que ligava, com excitação, de uma cabine na Bornholmer Straße: A fronteira está aberta! [...] Ele perguntou se deveria escrever um texto. Um jornalista de verdade quer escrever do local do acontecimento, no lugar de, como sempre, esperar a ADN. Perfeitamente normal. [...] Agradei-o e recusei – o jornal está fechado, não se pode mais, a esta hora, parar as máquinas. Uma decisão errada, eu poderia ter feito isso. [...] Somente na data de 11/12 de novembro, o *Zeitung* reportou: ‘Centenas de milhares de cidadãos da RDA veem Berlim Ocidental’.”⁶⁹

⁶⁷ O Checkpoint Charlie era o posto de fronteira que ficava na Friedrichstraße e era exclusivo, até então, para estrangeiros e membros oficiais das potências aliadas (Estados Unidos, França e Reino Unido).

⁶⁸ „Auslandsreisen werden in kurzer Frist genehmigt“

⁶⁹ „Das normale Telefon klingelte. Merkwürdig – wer könnte um diese Zeit noch anrufen? Es war Redakteur Axel K., Innenpolitiker, der aufgeregt von einer Zelle an der Bornholmer Straße anrief: Die Grenze ist offen! (...) Ob er eine Meldung durchgeben sollte, fragte er. Ein richtiger Journalist will vom Ort des Geschehens berichten, statt

5.1. Novas formações discursivas após a abertura da fronteira

A primeira grande reportagem a tratar da abertura das fronteiras aparece somente na edição dos dias 11 e 12 (como o jornal não circulava aos domingos, o exemplar de sábado era impresso com duas datas). O jornal decidiu mandar repórteres às ruas para tentar mostrar o que se passava naquele momento nas passagens entre Berlim Oriental e Berlim Ocidental, além de entrevistar personagens e transmitir um pouco do clima pós-abertura da fronteira.

Mantenhamos em perspectiva que, segundo Foucault (1969, apud BRANDÃO, 2012, p. 48) formações discursivas (FD) são atravessadas por formações ideológicas. São as FD que determinam “o que pode e o que deve ser dito” (FOUCAULT, 1969, apud BRANDÃO, 2012, p. 48). No contexto pós-9 de novembro de 1989, a questão é: o que o jornal podia dizer? O que ele era demandado a dizer, dado que o governo tinha controle editorial direto? De que formações discursivas estamos tratando?

Retomemos Brandão (2012, pg. 32) – que usa Ricoeur como base – para lembrar que “a ideologia escamoteia o modo de ser do mundo” ao “fazer-se um recorte da realidade”, em especial em discursos institucionalizados, a exemplo do que era o do jornal.

Nosso *corpus* traz algumas marcas de qual discurso passou a ser adotado. Permeado pela ideologia, o jornal deixa claro que as pessoas atravessam a fronteira, mas voltam – e querem fazê-lo. Ou seja: o socialismo permanece vivo, mesmo com a liberdade para viajar, e os alemães-orientais podem e/ou querem permanecer no socialismo, mesmo que com algumas modificações.

E, no meio disso tudo, o Muro continua a exercer a dita função de “barreira de proteção”. No entanto, a partir de agora, era uma barreira que poderia ser transposta – mas não necessariamente derrubada. Mantê-la de pé ajudaria a autoridade do país a manter um mínimo de controle sobre uma situação que já havia se revelado caótica com o anúncio de Schabowski: se preciso fosse, ainda haveria a possibilidade de fechar a passagem.

No dia 13, na capa do jornal, um texto da agência *ADN* traz um título revelador, que indica a inquietação do governo da Alemanha Oriental com os possíveis efeitos que a queda do Muro poderia trazer: “Reunificação não está na ordem do dia”. “Tornar a fronteira atravessável

wie immer auf ADN zu warten. Eigentlich normal. (...) Ich habe ihm gedankt, habe abgewinkt – die Zeitung ist zu, kann sie um diese Zeit nicht mehr aufreißen. Eine falsche Entscheidung, ich hätte es gekonnt. (...) Erst mit Datum 11./12. November berichtet die ZEITUNG: »Hunderttausende DDR-Bürger schauten sich Westberlin an«.

não pode significar, de maneira alguma, o questionamento das atuais fronteiras”⁷⁰, diz o texto, mesmo que Washington e Bonn já tivessem começado a colocar em dúvida a permanência das linhas que dividiam as duas Alemanhas.

Em 2014, Krenz concedeu uma entrevista à então rádio *Voz da Rússia* sobre os 25 anos da queda da barreira. A conversa nos ajuda a entender parte do raciocínio que permeava as autoridades da época. O repórter da emissora, ao questionar o ex-líder-alemão-oriental sobre a construção do Muro, ouve o seguinte de Krenz:

No meu ponto de vista, o termo “9 de novembro – Queda do muro” não é correto. Em 9 de novembro, foram abertos os postos de toda a fronteira da RDA, assim como em Berlim, de leste para oeste, e não de oeste para leste. O Muro só caiu nove meses, um ano mais tarde. Mas este é um termo ideológico, a posteriori, para, por assim dizer, deixar claro que o Muro teria sido demolido pelos berlinenses-orientais. Não foi assim. Os berlinenses-orientais foram sim à fronteira por convite de Schabowski, não com a intenção de demolir a fronteira ou o muro, mas sim com a intenção de atender ao convite e poder ir para Berlim Ocidental. Assim todos disseram naquela época. Gorbatchov enviou uma mensagem pessoal ao chanceler [Helmut] Kohl e falou sobre a abertura da fronteira por decisão do governo da RDA. Naquela época, [o então presidente dos EUA, George H. W.] Bush sênior me enviou um telegrama e agradeceu pela abertura da fronteira, não pela queda do Muro. E, em 11 de novembro, o chanceler Kohl me ligou e também não falou de queda do Muro, todos falaram sobre abertura da fronteira. Mas, olhando posteriormente, foi como se a RDA tivesse sido tomada de surpresa e uma tempestade tivesse levado o Muro.⁷¹

Se tomarmos o ponto de vista de Krenz como base, é óbvio que a barreira em si não foi fisicamente derrubada no dia 9 de novembro, apesar de alguns alemães-orientais (e ocidentais) terem aparecido com marretas e picaretas para removê-la já nesta oportunidade. Mas, de maneira prática, por mais que se dissesse o contrário, com os acontecimentos daquele dia e dos seguintes, o Muro havia perdido a razão de sua própria existência: manter a população dentro da RDA.

⁷⁰ „Wiedervereinigung nicht auf der Tagesordnung“ e „Die Grenzen durchlässiger zu machen, könne in keiner Weise heißen, bestehende Grenzen in Frage zu stellen“. Este texto não faz parte do nosso *corpus* e, por isso não, nos estenderemos na análise. A reportagem pode ser encontrada em <https://bit.ly/2lh6u8w>.

⁷¹ „Aus meiner Sicht ist der Begriff „9.November Fall der Mauer“ nicht korrekt. Am 9. November wurden die Grenzübergänge der DDR entlang der gesamten Grenze und auch in Berlin von Ost nach West geöffnet und noch nicht von West nach Ost. Die Mauer ist erst ein Dreivierteljahr oder ein Jahr später gefallen. Aber das ist ein ideologischer Begriff, im Nachhinein, um sozusagen, deutlich zu machen, die Mauer sei eingerissen worden von Ostberlinern. Das war ja nicht so. Die Ostberliner sind ja auf Einladung von Schabowski an die Grenze gegangen, nicht in der Absicht die Grenze oder die Mauer einzureißen, sondern in der Absicht der Einladung zu folgen und nach Westberlin gehen zu können. Also damals haben alle davon so gesprochen. Gorbatschow hat eine persönliche Botschaft an Bundeskanzler Kohl geschickt und hat von der Öffnung der Grenze auf Beschluss der Regierung der DDR gesprochen. Damals Bush Senior hat mir ein Telegramm geschickt und sich bedankt für die Öffnung der Grenze, nicht für den Fall der Mauer. Und am 11. November hat Bundeskanzler Kohl mich angerufen und hat auch nicht vom Fall der Mauer geredet, alle haben von der Öffnung der Grenze geredet. Aber im Nachhinein wird so getan, als sei die DDR überrumpelt worden und es sei hier ein Sturm auf die Mauer losgegangen.“ (EGON Krenz: Ich wollte die Wende in Richtung Perestroika Gorbatschower Art. 2014)

Os sinais da preocupação das autoridades com o que poderia acontecer após a caótica abertura das fronteiras aparecem nas páginas do *BZ*. Na mesma edição em que aparece o texto que exclui uma possível reunificação entre as duas Alemanhas, um editorial sem o chapéu “Nossa Opinião”⁷² questiona logo na primeira página: “Arrancar o Muro?”⁷³ (ANEXO H).

Incentivar o reconhecimento de ações do governo ajuda, em especial no caso que analisamos, a incrementar a legitimidade da administração na população. O primeiro parágrafo liga diretamente a abertura da fronteira às mudanças no SED, não coincidentemente um dos pedidos dos manifestantes que haviam ido às ruas antes do dia 9: “Elas [novas regras de viagem] foram registradas com satisfação, dentro e fora da RDA, como consequência da política de renovação e da prontidão da direção da RDA de superar antigos dogmas”⁷⁴.

Segundo o autor do texto opinativo, Hans Eggert, neonazistas de Berlim Ocidental “fizeram tumultos” e “queriam começar a colocar em ação alguns clamores de políticos ocidentais pela demolição do Muro”⁷⁵. Esses episódios, diz o editorial, “assustaram”. E prossegue:

E eles [a gritaria e os ataques violentos às zonas de fronteira] deixam por fim claro como pode ser bom um regime bem-organizado de fronteiras – quando ele exerce sua função de proteção e impede, no nosso caso, os neonazistas de seguir sua velha tradição de gritar *Sieg-Heil*⁷⁶ pelo Portão de Brandemburgo.⁷⁷

Do lado oriental, ao menos no discurso oficial, o Muro de Berlim era chamado de “barreira de proteção antifascista”⁷⁸. O termo passou a ser utilizado em resposta à expressão “Muro da Vergonha”, termo cunhado pelo então prefeito de Berlim Ocidental, o socialdemocrata Willy Brandt, ainda em agosto de 1961. Em outubro do mesmo ano, durante um congresso do Partido Comunista da União Soviética em Moscou, o então secretário-geral do SED, Walter Ulbricht, diz que o Muro representou a “construção de uma barreira antifascista”, usando pela primeira vez a expressão.

⁷² „Unsere Meinung”. Analisamos a utilização desta expressão no capítulo anterior.

⁷³ „Die Mauer wegrißen?”

⁷⁴ „Sie sind international wie in der DDR mit Genußnahme registriert worden als Konsequenz der Politik der Erneuerung und der Bereitschaft der DDR-Führung, bisherige Dogmen zu überwinden.”

⁷⁵ „Vor allem Westberliner Neonazis waren es, die hier Randalen machten und damit beginnen wollten, vollmundige Rufe mancher westlicher Politiker nach dem Abriß der Mauer in die Tat umzusetzen.”

⁷⁶ „Sieg-Heil” é uma expressão da época do nazifascismo que significa “salve a vitória”.

⁷⁷ Und sie machten deutlich, wie gut ein gut organisiertes Grenzregime letztendlich sein kann — dann, wenn es seine Schutzfunktion ausübt und in unserem Falle Neonazis daran hindert, ihren alten Traditionen folgend mit Sieg-Heil-Gebrüll durchs Brandenburger Tor zu ziehen.

⁷⁸ „Antifaschistischer Schutzwall”

O texto conclui pedindo pela manutenção do Muro: mesmo que seja “imaginável” que “a sombria vista” da barreira acabe futuramente removida “passo a passo”, “uma fronteira protegida ainda é necessária no momento”⁷⁹.

Em resumo: alegadamente, o Muro precisa permanecer para “proteger” os alemães-orientais dos “ataques violentos” de neonazistas/fascistas que começavam a “demolir” a “barreira de proteção antifascista” seguindo clamores de “políticos alemães-ocidentais” – mesmo que tenha perdido sua função principal, que era a de fechar a fronteira.

É importante pensar no que, na verdade, não está dito aqui: não seria possível colocar o país e a ideologia socialista em risco com uma eventual demolição do Muro. Isso leva à admissão de que a existência da Alemanha Oriental só é possível com a barreira de controle. E que o “convite” de Schabowski pode, no limite, ter ajudado a decretar o fim do país.

5.2. A defesa da ideologia e o assujeitamento inerente

Detenhamo-nos brevemente no texto “Só uma passada na Kudamm – e de volta!” (tradução livre nossa)⁸⁰, a grande reportagem que foi publicada na edição dos dias 11 e 12 (ANEXO F). A informalidade e a escolha vocabular do título da reportagem – na verdade, uma suposta frase ouvida pelo repórter (que não é identificado) – já nos mostra um elemento que marca o tom do texto inteiro: a ideia de que os orientais estão indo somente a Berlim Ocidental “flanar” (“*bummeln*”) na Kurfürstendamm, a até então principal avenida ocidental, e “voltar” (“*zurück*”). Visitar, e não permanecer.

“*Bummeln*”, segundo o Duden, é uma expressão coloquial que significa “vaguear”, “sair para caminhar na rua sem destino”, “visitar locais”⁸¹. Nota-se que a palavra utilizada não crava uma ida sem volta. Durante todo o texto, aliás, não há nenhum relato de alguém que tenha ido, mas não voltado.

Como dito, o que os autores da reportagem ouvem, como que de relance, são impressões do momento e motivações de personagens. Com exceção do quadro de destaque “Anotado”⁸², que se encontra ao final do texto, nenhum deles é identificado diretamente.

⁷⁹ „Die Mauer wegreißen? Auch wenn vorstellbar ist, daß sich die tristen Maueransichten - einschließlich mancher Behinderung für die Berliner - künftig Schritt an Schritt beseitigen lassen - eine gesicherte Grenze braucht es derzeit wohl weiter.“

⁸⁰ „Bloß mal üben Kudamm bummeln - und zurück!“

⁸¹ „(umgangssprachlich) schlendernd, ohne Ziel [durch die Straßen] spazieren gehen; Lokale besuchen“ („Bummeln“ em Duden online. URL: <https://www.duden.de/rechtschreibung/bummeln> (Data de acesso: 21 de abril de 2018)

⁸² “Aufgeschrieben”

Mesmo ali, é possível colocar em dúvida a veracidade das pessoas que teriam sido ouvidas durante toda a matéria. Das seis frases destacadas, apenas metade tem autoria identificada, com nome e sobrenome – um deles, aliás, seria de uma berlinense ocidental. Dois dos seis são identificados como família – “*Familie Henninger*” e “*Familie Zastrow*”, e as declarações aparecem com a marca do plural (no uso do pronome pessoal de primeira pessoa plural “*wir*”); a declaração restante é atribuída somente a “*eine Frau im Gedränge*” (“uma mulher no meio da multidão”).

Outro recurso que o corpo de repórteres – jamais identificado pelos nomes – usa para demonstrar a presença no local é o uso de pronomes em primeira pessoa – “*ich*” e “*wir*”. Ou seja, vimos, ouvimos, sentimos a temperatura da movimentação – e relatamos. As declarações dos supostos entrevistados são, em sua maioria, relatadas no presente, novamente reaproximando os repórteres do objeto de sua reportagem.

Mostrar que os alemães-orientais querem voltar pode ser visto como uma possível tentativa de defender a ideologia dominante do país – afinal de contas, mesmo tendo acesso agora a produtos e compras, os cidadãos preferem voltar ao socialismo. É o exercício de um assujeitamento ideológico: cada indivíduo crê que é senhor da sua própria vontade, mas está destinado a ocupar um lugar pré-estabelecido na sociedade – do lado oriental.

Se os protestos da semana anterior eram uma tentativa de “desassujeitamento”, a queda do Muro mostra como era forte a questão do assujeitamento vigente até então. Devemos lembrar que, durante 40 anos, o governo da RDA impunha censura a seus meios de comunicação e, assim, tentava de certa maneira “moldar” as crenças de seus cidadãos.

Sinais deste assujeitamento estão espalhados nesta edição. No texto que analisamos, existe inclusive a citação do aparecimento de um cartaz do lado ocidental do Muro que liga a recém-adquirida liberdade de movimento ao socialismo:

Atrás do último posto de controle nos recebe uma multidão em júbilo. As pessoas abrimos alas e batiam palmas para todos os visitantes. Abraços, apertos de mão e sempre as palavras ‘Loucura, não dá para acreditar’. E um cartaz: ‘*Vivenciar a liberdade dá força para lutar pelo socialismo*’. (grifo nosso)⁸³

Ou seja, o texto relata que alguém do outro lado do Muro, em meio a uma “multidão em júbilo” que recepcionava as pessoas que atravessavam a fronteira, segurava um cartaz com

⁸³ Hinter dem letzten Kontrollpunkt empfängt uns eine jubelnde Menge. Die Menschen haben Spalier gebildet und klatschen jedem der Besucher Beifall. Umarmungen, Händeschütteln und immer die Worte „Wahnsinn, es ist nicht zu glauben“. Und ein Transparent: „Freiheit zu erleben gibt Kraft, für den Sozialismus zu kämpfen.“

os dizeres “Vivenciar a liberdade dá força para lutar pelo socialismo”. A reportagem não dá detalhes adicionais sobre o cartaz ou mesmo sobre quem estaria segurando a placa.

Mesmo assim, a presença desta informação torna possível a interpretação de que, para além do inusitado da situação, é preciso lembrar àqueles que atravessam a fronteira (e aos leitores) que o socialismo vale a pena e é digno de luta.

Outro texto, também presente nesta edição, coloca em evidência o (suposto) grande desejo dos alemães-orientais de voltar. Na capa do jornal, uma reportagem com o título “Centenas de milhares de cidadãos da RDA contemplam Berlim Ocidental” diz, já embaixo da manchete: “A maioria volta”⁸⁴.

Isto posto, é possível até imaginar que, efetivamente, teria existido um “convite” de Schabowski, como Krenz afirmou 25 anos depois, para que a população fosse à fronteira. Ou seja: pode-se ir e, principalmente, voltar para o lado socialista, pelo qual se precisa lutar.

5.3. A questão da legitimidade

É também nesta edição que o próprio governo admite que foi pego de surpresa com o número de pessoas atravessando a fronteira. Ao anunciar, no título, que as “Disposições transitórias continuam em vigor”⁸⁵ (ANEXO G), o *BZ* reporta que “para acolher a massiva afluência, *pela qual o Ministério [do Interior] não estava esperando*, foram posicionados, na manhã de ontem, grupos de trabalho da Polícia do Povo para emissão de vistos à frente dos postos de fronteira”⁸⁶ (*grifo nosso*).

Dentro deste texto, outro pequeno relato no canto direito inferior conta uma história que teria sido ouvida no RIAS (Serviço de Radiodifusão do Setor Americano)⁸⁷. Citamo-lo na íntegra:

Também aconteceu isso

Um ex-cidadão da RDA volta à Warschauer Straße, até onde pouco tempo atrás morava. Questionado por um repórter da RIAS, afirmou que havia ido embora via Hungria porque estava desesperado com a falta de possibilidades para viajar. Agora, para ele, não há na verdade mais nenhuma razão para permanecer na [Alemanha] Ocidental. Nas últimas três semanas, ele viveu em um ginásio, amigavelmente acolhido, mas um lar é ainda melhor. Ele confia na atual política, deve-se dar uma

⁸⁴ „Hunderttausende DDR-Bürger schauten sich Westberlin an - Die meisten kommen zurück”. Este texto não faz parte do nosso *corpus*, mas pode ser consultado em <https://bit.ly/2rqeX24>.

⁸⁵ „Übergangsbestimmungen bleiben weiter in Kraft“

⁸⁶ „Um den gewaltigen Ansturm, den das Ministerium so nicht erwartet hatte, aufzufangen, wurden in den gestrigen Vormittagsstunden Arbeitsgruppen der Volkspolizei zur Visaerteilung vor den Grenzübergangsstellen eingerichtet.“

⁸⁷ A *Rundfunk im Amerikanischen Sektor* foi uma emissora de rádio e de TV do setor americano de Berlim Ocidental que funcionou entre 1946 e 1993.

chance a ela. Seu problema principal no momento: Com o que ele deve voltar, com sua identidade da RDA ou com a de Berlim Ocidental?⁸⁸

Em resumo, um cidadão não identificado resolve “dar uma chance” à nova política de viagens da RDA e quer voltar para sua residência na parte oriental da cidade – e tem dúvidas de que identidade usar. O texto, assim, nos leva à interpretação de que possuir uma identidade de Berlim Ocidental, a partir daquele momento, seria indiferente, quase inútil.

Mas, no total, quantas pessoas saíram de Berlim Oriental? Não se sabe. E é verdade que muitos – se não a maioria dos alemães-orientais – foram à parte Ocidental e voltaram, principalmente após uma visita às lojas às quais não tinham acesso do outro lado do Muro⁸⁹.

Em sua edição de 11 de novembro, o *Neues Deutschland*, principal jornal de alcance nacional da Alemanha Oriental, fala – de acordo com dados que seriam do Ministério do Interior da Alemanha Ocidental – que 55.500 cidadãos haviam saído da RDA e, deste total, 3.250 haviam se registrado como *Übersiedler*⁹⁰. No entanto, Bahrmann e Links (1996) dizem que, entre 9 e 11 de novembro, mais de 4 milhões de vistos haviam sido expedidos, mas não conseguem especificar se se tratavam de vistos de saída, de múltiplos vistos de saída para a mesma pessoa ou mesmo de entrada de cidadãos ocidentais no lado oriental. E isso foi pouco diante do que se viu nos dias seguintes, afirma Hertle (2009, p. 267):

Onze milhões de pessoas visitaram Berlim Ocidental e a República Federal [RFA] nos primeiros dez dias após a queda do Muro. Nas rodovias que levavam aos postos de fronteira, formaram-se engarrafamentos de até 70 km; os trens da *Deutsche Reichsbahn*⁹¹ estavam – apesar da implantação de inúmeros trens adicionais – com superlotação de até 400%. As pessoas se espremiavam nos centros das cidades próximas às fronteiras.⁹²

⁸⁸ “Auch das gab es

Einen ehemaligen DDR-Bürger auf dem Weg zurück in die Warschauer Straße, wo er bis vor kurzem wohnte. Von einem RIAS-Reporter befragt, meinte er, er sei ja nur über Ungarn weg, weil er an den fehlenden Reisemöglichkeiten verzweifelte. Jetzt gebe es für ihn eigentlich keinen Grund mehr, im Westen zu bleiben. In den letzten drei Wochen habe er in einer Turnhalle gelebt, freundlich aufgenommen, aber ein Zuhause sei schon besser. Er habe Vertrauen in die jetzige Politik, man sollte ihr eine Chance geben. Sein aktuelles Hauptproblem: Womit solle er einreisen, mit seinem DDR-Ausweis oder dem Westberliner?”

⁸⁹ Meyer (2009) conta, com uma ponta de ironia, o que aconteceu nos primeiros dias após a abertura da fronteira: “Quase imediatamente, era a liberdade de ir fazer compras. Os narizes dos alemães orientais pressionados contra as vitrines ocidentais. (...) Uma nova ponte aérea de Berlim [uma referência ao episódio do bloqueio stalinista de 1949] – para conseguir bens nas lojas, todos os que os orientais por muito tempo não puderam comprar: meias, eletrônicos decentes, revistas pornográficas”.

⁹⁰ *Übersiedler* era o termo usado para uma pessoa que, vindo da Alemanha Oriental (após obter visto de saída), prolongava – normalmente, por tempo indefinido – sua permanência na Alemanha Ocidental.

⁹¹ A companhia de trens estatal da Alemanha Oriental, equivalente à *Deutsche Bahn* da Alemanha Ocidental, com quem posteriormente se fundiu.

⁹² „Elf Millionen Menschen besuchten in den ersten zehn Tagen nach dem Mauerfall West-Berlin und die Bundesrepublik. Auf den Autobahnen vor den Grenzübergängen bildeten sich bis zu 70 Kilometer lange Staus; die Züge der Deutschen Reichsbahn waren – trotz des Einsatzes zahlreicher Sonderzüge – bis zu 400 Prozent überfüllt. Dicht an dicht drängten sich die Menschen in den Zentren der grenznahen Städte.“

A acelerada emissão de vistos foi tema de uma entrevista no *BZ* com o chefe do Departamento de Passaporte e Registros no *Präsidium* da Polícia do Povo em Berlim⁹³, major Dieter Graeber (ANEXO I). Lage (2004, p. 32) diz que a entrevista é “o procedimento clássico de apuração de informações em jornalismo”, na qual há uma “expansão da consulta às fontes” com o objetivo de interpretar e reconstituir fatos.

A conversa com Graeber pode ser vista na categoria que Lage (2001, p. 32) define como “temática”, ao abordar um tema “sobre o qual se supõe que o entrevistado tem condições e autoridade para discorrer”. Segundo o autor, esse tipo de entrevista pode servir “para ajudar na compreensão de um problema, expor um ponto de vista, reiterar uma linha editorial com o argumento de autoridade (a validação pelo entrevistado)”.

Mesmo com a nova situação – fronteiras abertas, com multidões atravessando para o outro lado –, ainda havia um governo no poder que se dizia reformista e que estava em busca de uma legitimidade que se esvaía. Tentar fazer com que se reconheçam “esforços” de uma administração é um dos caminhos para recuperar a confiança popular e, por conseguinte, (re)conquistar sua legitimidade.

Nesta linha, a entrevista com Graeber tem um tom marcadamente acrítico, pró-autoridades, trazido pelo próprio entrevistador, e credita a trabalhadores de órgãos governamentais o “curto tempo de espera por um visto”. Um exemplo se encontra na quarta pergunta:

BZ: Um agradecimento a todos os policiais do povo que foram postos em serviço...
D. Graeber: Foram colocados em serviço centenas de camaradas do [Departamento de] Passaporte e Registros. Um obrigado também aos policiais de proteção, criminalistas, bombeiros, professores da Escola Superior da Polícia do Povo que ajudaram. E, não menos importante, aos cônjuges e famílias, que mostraram muita compreensão para com essa atividade⁹⁴.

Ou seja: não fosse o esforço de membros ligados ao governo, o tempo de emissão do visto talvez fosse maior. É a autoridade (em busca de legitimidade frente aos olhos da população) atendendo ao que os cidadãos demandavam.

No dia 15 de novembro, sete dias após o anúncio de Schabowski, cada vez mais postos de passagem na fronteira eram abertos e os policiais do povo⁹⁵ estavam cada vez mais atarefados.

⁹³ „Leiter der Abteilung Pass- und Meldewesen im Präsidium der VP Berlin“

⁹⁴ „BZ: Ein Dank gilt allen Volkspolizisten, die eingesetzt waren...“

D. Graeber: Es waren viele hundert Genossinnen und Genossen vom Paß- und Meldewesen im Einsatz. Dank gilt auch den Schutzpolizisten, Kriminalisten, Feuerwehrmannern, Lehrern- von der Hochschule der VP, die halfen. Und nicht zuletzt den Ehepartnern und Familien, die für diese Tätigkeit viel Verständnis zeigten.“

⁹⁵ *Volkspolizisten*

Na edição desta data, um texto de assinatura *ADN/BZ* afirma que mais de 1.000 oficiais estavam ficando muito além do horário normal de trabalho por conta da alta demanda por passaportes e vistos⁹⁶.

Mas a sociedade que fazia estas demandas desde o início dos protestos de 1989 aos órgãos governamentais começava a mudar e exigir mais transformações, que colocavam em xeque a existência do sistema socialista. No texto opinativo “Mundo de ponta-cabeça?”⁹⁷, que faz parte do nosso *corpus* e foi publicado no dia 15 (ANEXO J), o autor Golo Schmidt traz relatos de “mudanças” que estaria observando na sociedade alemã-oriental e, também, na ocidental.

Os orientais que atravessavam para o outro lado da fronteira ganhavam 100 marcos ocidentais como “boas-vindas”⁹⁸. Com dinheiro, compravam bens materiais inacessíveis até então e se assemelhavam cada vez mais aos alemães do Ocidente.

E, segundo o texto, uma amiga do autor, nascida em Colônia e moradora de Berlim Ocidental, afirmou que “reconhecem-se cidadãos da RDA por conta da [calça] Levis e Wrangler, jeans *stone washed* e tais”. Ele só ouviu esta frase, inclusive, porque também atravessou para o outro lado do Muro: “E, por fim, no apartamento dela em Berlim Ocidental, conhecidos me pressionam com a pergunta de quando, enfim, o *Aktuelle Kamera*⁹⁹ irá passar na TV”¹⁰⁰.

Em Leipzig, os Protestos de Segunda-Feira continuavam e, com a queda do Muro, os pedidos mudaram. Segundo Lindner (2010, p. 141), novos cartazes com as inscrições “Reunificação! Já se deu o primeiro passo!”, “Com coração e mente, Alemanha, pátria única!” e “Nós somos um povo”¹⁰¹ apareceram no dia 13; no dia 20, “Ordem para atirar e fraude na eleição, Egon, vá, já deu, você nunca quis democracia!”¹⁰².

Os questionamentos sobre a legitimidade das autoridades aumentaram, ao invés de diminuir com as ditas ações reformistas do governo e o discurso que se apresentava. Krenz foi forçado a renunciar ao cargo de secretário-geral do SED em 3 dezembro.

⁹⁶ Este texto não faz parte do nosso *corpus*, mas pode ser consultado em <https://bit.ly/2jYNUYz>.

⁹⁷ “Verkehrte Welt?”

⁹⁸ Begrüßungsgeld

⁹⁹ O *Aktuelle Kamera* era o principal telejornal da TV alemã-oriental.

¹⁰⁰ „Da sagt mir eine Freundin aus Köln, DDR-Bürger erkenne man an Levis und Wrangler, *stone washed* Jeans und so. Und da bedrängen mich am Abend schließlich Bekannte in ihrer Westberliner Wohnung mit der Frage, wann im Fernsehen dann endlich die Aktuelle Kamera komme.“

¹⁰¹ „Wiedervereinigung! Der Anfang ist gemacht!“, „Mit Herz und Verstand, Deutschland einig Vaterland!“, „Wir sind ein Volk!“ (este em substituição ao „Wir sind das Volk“ dos protestos de antes da abertura da fronteira)

¹⁰² „Schießbefehl und Wahlbetrug, Egon geh, es ist genug, Demokratie wolltest Du nie!“

No dia 28 de novembro, Kohl apresentou no Parlamento, em Bonn, um “Programa de Dez Pontos”¹⁰³ que visava, para dali a cinco ou dez anos, uma estrutura confederativa para uma Alemanha unificada.

Menos de um ano depois – em 3 de outubro de 1990 – uma festa na frente do *Reichstag* celebrava a reunificação dos dois países e o fim da dicotomia Berlim Ocidental-Oriental.

¹⁰³ Zehn-Punkte-Programm

6. ANÁLISE GERAL

Neste trabalho, buscamos responder a duas perguntas: a primeira, se era possível perceber no discurso do jornal algum indicativo de que a fronteira poderia ser aberta, no caso do período anterior à queda do Muro, e se, após isso, havia sinais que apontavam para a futura reunificação do país. Nossa segunda questão versava sobre o discurso em si: quais foram as mudanças que se apresentaram após a quebra representada pelo dia 9 de novembro de 1989?

A partir da análise de nosso *corpus*, não é possível dizer que havia sinais específicos sobre uma eventual abertura intencional das fronteiras antes da queda do Muro. As reportagens que se apresentam se focam, em sua maioria, na discussão de soluções para a crise política da RDA. Referências a uma abertura completa não aparecem, tampouco, nas citações sobre a Lei de Viagens, como as do texto “Não é a última palavra” (íntegra no ANEXO C), que critica os entraves burocráticos previstos pelo novo regulamento. Resumidamente, não encontramos, no discurso, traços que apontariam para mudanças drásticas que estivessem a caminho em relação à passagem entre as duas Alemanhas.

No entanto, após a queda, é possível perceber que o discurso se volta, em certa medida, à preservação da demarcação das fronteiras – ou seja, em uma linha antirreunificação. Há uma preocupação, mesmo que não explicitamente dita, com uma possível junção das duas Alemanhas. Em uma das reportagens selecionadas do nosso *corpus* (“Só uma passada na Kudamm – e de volta!”, na íntegra no ANEXO F), nota-se a tentativa de se dizer que, com a abertura da fronteira, não seria necessário ir de maneira permanente à Alemanha Ocidental - já que é possível viajar e voltar sem maiores problemas. Este raciocínio pressupõe a continuidade da existência do lado oriental.

Esta mesma ideia volta, indiretamente, no texto opinativo “Arrancar o Muro?” (na íntegra no ANEXO H). O autor defende a permanência da barreira física como “proteção” contra neonazistas de Berlim Ocidental que faziam “tumultos” e queriam “colocar em ação alguns clamores de políticos ocidentais pela demolição do Muro”. Manter o bloqueio protegeria alemães-orientais da violência de ocidentais radicais e, mais ainda, evitaria interferências de atores políticos do ocidente. Consequentemente, a Alemanha Oriental ficaria preservada e continuaria existindo.

De forma mais direta, outra reportagem que não faz parte do nosso *corpus* por não ter sido produzida pela equipe editorial do *BZ*, citada neste trabalho de maneira a apresentar um contexto mais amplo da situação, diz explicitamente que a “Reunificação não está na ordem do dia” e tenta desvincular a abertura das fronteiras de um eventual questionamento das mesmas.

A partir da análise do *corpus*, notamos também que houve mudanças perceptíveis no discurso do jornal na comparação entre as duas semanas. É importante lembrarmos que o *BZ*, assim como os veículos de imprensa autorizados pelo SED, sofria censura e interferência direta do governo alemão-oriental, dando caráter praticamente oficial ao que estava escrito nas páginas do periódico. Conforme já dissemos no desenvolvimento deste trabalho, o redator-chefe do *Berliner Zeitung* era nomeado diretamente por quem estivesse no cargo de secretário-geral do partido no momento.

As reportagens de antes da queda do Muro que analisamos mostram, como demonstramos, a tentativa de reobter uma legitimidade que o governo percebia se esvaír em meio à grave crise política e aos protestos. Egon Krenz havia assumido há pouco tempo a secretaria-geral do SED com uma mensagem reformista, prometendo mudanças na condução do país.

O posicionamento de Krenz representava uma resposta às demandas dos cidadãos alemães-orientais que iam às ruas e que, até então, eram reprimidos com violência pela *Volkspolizei* (ironicamente, a “polícia do povo”). Essa população que ia às ruas pedindo liberdade de expressão e, principalmente, de viagens, tentava sair do jugo do assujeitamento ideológico a que estava exposta por conta da centralidade do sistema político vigente. As políticas de Mikhail Gorbachev na União Soviética, de *glasnost* (transparência) e *perestroika* (reestruturação), foram importantes para o que Lindner (2010) chama de “tomada de consciência da própria força” por parte dos alemães-orientais. A situação econômica do país e as restrições de viagem completaram o combustível que alimentou as manifestações – principalmente, a do dia 4 de novembro de 1989, a maior da história da RDA.

Como mostramos, o *Berliner Zeitung* trouxe, sobre o tema, um texto longo, quase relatorial. Ao publicar a reportagem, mostrando cidadãos tentando sair de suas condições de assujeitados ao falarem abertamente sobre suas demandas e o país que queriam, o jornal reforça as tentativas do governo de Krenz de recuperar sua legitimidade – afinal de contas, houve alguma autorização superior para que o texto mostrasse na íntegra algo que era potencialmente perigoso para a direção do país. É possível notar, mesmo assim, a tentativa de se escamotear elementos que poderiam depor contra o controle governamental (sem, todavia, omiti-los completamente).

De qualquer forma, nota-se que o discurso presente nas reportagens de antes da abertura da fronteira tem a marca da “organização”, em contraposição à “dispersão” que se encontra naquelas de depois da queda do Muro. Por mais que se perceba a tentativa de recuperação da legitimidade, as reportagens falam sobre um mundo em que regras institucionais

estariam teoricamente sendo seguidas, com discussões sobre novos regulamentos de viagem e propostas para recuperar a confiança no SED (como em “Necessário é um novo modelo de sociedade”, disponível no ANEXO E). Mesmo com a crise na RDA atingindo agudez sem precedentes, nota-se algum ordenamento no discurso trazido pelo *BZ*.

A maneira como o Muro caiu, com um anúncio marcado por mal-entendidos, pegou o mundo de surpresa. Dentro da Alemanha Oriental, e especialmente na direção do SED, a surpresa provocou desorganização dos órgãos governamentais. Isso se refletiu no discurso do jornal, no qual notamos marcas de “dispersão”, de “confusão”, em um indicativo de como o alto-escalão do país tentava reagir aos acontecimentos que ele próprio provocou. Um exemplo é a própria admissão de que o governo não esperava o fluxo de pessoas que tentavam atravessar a fronteira, presente no texto “Disposições transitórias continuam em vigor” (ANEXO G).

Além de ter que continuar reforçando a ideia de sua legitimidade, agora Krenz e sua equipe precisavam lidar com novas preocupações: a destruição física da barreira, as mudanças na sociedade que se avizinhavam e mesmo a continuidade da existência do próprio país.

A defesa da Alemanha Oriental e do sistema socialista passam a ficar mais claras nas reportagens selecionadas para nosso *corpus*. No texto em que descreve as visitas dos alemães-orientais para Berlim Ocidental, o *BZ* deixa claro, seja na escolha do léxico (o uso do verbo “*bummeln*”, que traz a ideia de “flanar”, “vaguear”, e se opõe à de “permanecer”), seja nas pessoas supostamente entrevistadas, que os passantes têm a intenção de voltar. Boa parte da matéria está escrita na primeira pessoa do plural, aproximando os leitores do repórter e colocando-os como “testemunhas oculares” do fato de que outros alemães-orientais voltam.

Chamou-nos a atenção, inclusive, um fato curioso que o texto relata e que contribui para nossa leitura de defesa do sistema: do outro lado do posto de controle (já do lado ocidental), uma pessoa segurava um cartaz que dizia “Vivenciar a liberdade dá força para lutar pelo socialismo”, dirigido aos orientais que atravessavam a fronteira.

Ao mesmo tempo, o governo precisa mostrar que ainda mantém controle do país, e isso se reflete nas páginas do *Berliner Zeitung*. Em uma entrevista sobre a concessão de passaportes e vistos de saída do país, o jornal usa tom notadamente elogioso para com os policiais responsáveis pela emissão dos documentos. Estimular o reconhecimento de boas ações de um governo é uma maneira de fazer com que as pessoas acreditem nele, o que, segundo Ricoeur, é fundamental para a obtenção de legitimidade por parte de uma autoridade.

Em suma, a queda do Muro representou uma quebra também no discurso presente no *BZ*. Não havia sinais fortes que indicassem a abertura da fronteira, mas, a partir do momento em que isso aconteceu, o discurso que se apresentava mais organizado, muito por conta da

maneira como se levavam os problemas do país, tornou-se mais disperso e desorganizado. A política do país, vale dizer, não conseguiu se reorganizar para uma volta ao *status quo*: o governo de Egon Krenz caiu em 3 de dezembro de 1989, abrindo definitivamente caminho para a reunificação das duas Alemanhas.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, analisamos dez textos, entre reportagens, editoriais, entrevistas e artigos opinativos, publicados pelo *Berliner Zeitung* entre os dias 2 e 16 de novembro de 1989, a fim de verificar mudanças no discurso do jornal neste período (uma semana antes e uma depois da queda do Muro de Berlim). Além disso, tentamos identificar eventuais sinais de que a fronteira seria aberta e de que uma reunificação estaria a caminho.

Após descrevermos o percurso histórico que levou ao fim da barreira que separava as duas Alemanhas, buscamos demonstrar, por meio da Análise do Discurso de linha francesa (tendo elementos da História, da Linguística do Texto e do Jornalismo como auxiliares), que não havia indicativos substanciais de que a fronteira seria aberta. Por outro lado, nas reportagens publicadas depois da coletiva de Günter Schabowski, percebemos que o jornal passou a ter uma linha contra uma possível reunificação. Como o periódico era diretamente controlado pelo governo, podemos assumir que o *BZ*, assim, refletia a posição do *Politbüro*.

Além disso, notamos que existe uma mudança no discurso do jornal nos dois períodos, mesmo que estas formações discursivas ainda sejam marcadas pela insistência na questão da legitimidade governamental e do sistema socialista. Antes da queda do Muro, a administração Egon Krenz, recém-empossada, procura se mostrar atenta às reivindicações populares – consequentemente tentando se colocar como autêntica representante dos cidadãos alemães-orientais. Depois da queda, além de este tópico ainda se mostrar presente, o jornal também começa a refletir sobre as mudanças que se avizinham, tentando mostrar a vontade da população de permanecer dentro do socialismo, garantindo assim a continuidade da RDA como Estado. O discurso, como afirma Pêcheux (1990), é um dos locais onde a ideologia se concretiza.

Dessa maneira, conseguimos, ao finalizar o desenvolvimento analítico deste trabalho, perceber que o discurso do *Berliner Zeitung*, que antes da queda se mostrava “organizado”, após o 9 de novembro se coloca de maneira “dispersa”, “desorganizada”.

Enxergamos este trabalho como uma contribuição para um tema ainda pouco explorado pela Germanística no Brasil – a saber, o da queda do Muro de Berlim e o da Reunificação Alemã. Os trabalhos acadêmicos sobre este período histórico se concentram, em sua maioria, na área de Relações Internacionais e História, e normalmente usam a abertura das fronteiras como base para análises de caráter mais amplo - como um marco temporal do fim do bloco soviético e da Guerra Fria, sem se ater necessariamente às condições internas do processo de dissolução da RDA.

Por outro lado, é vasto o material disponível para eventuais estudos sobre a queda do Muro. Nesta pesquisa, por exemplo, fizemos uso dos arquivos online da *Staatsbibliothek zu Berlin*, que, por meio de seu projeto “*DDR-Presse*” (Imprensa da RDA), disponibiliza, na íntegra, versões digitalizadas (com texto e imagens) do *BZ*, do *Neues Deutschland* e do *Neue Zeit* desde 1945. Há, também, extensa bibliografia sobre o assunto, a qual foi fundamental para a realização deste trabalho.

Dessa maneira, acreditamos que as considerações que fizemos nestas páginas abrem possibilidades para futuros estudos sobre a queda do Muro de Berlim. Propomos, no campo da Germanística, uma análise do discurso e/ou linguística de outros jornais da própria Alemanha Oriental, ou mesmo uma leitura comparada entre as reportagens do *Berliner Zeitung* e de periódicos da Alemanha Ocidental. Em caráter multidisciplinar, é possível propor também, já na área de História, uma revisão bibliográfica crítica do material disponível. O tema é amplo, e esperamos estimular novas pesquisas sobre o assunto.

REFERÊNCIAS

"NIEMAND hat die Absicht, eine Mauer zu errichten". Berlim Oriental: [s.i], 1961. Son., P&B. Entrevista coletiva de Walter Ulbricht à imprensa. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=YjgKKOdVRx4>>. Acesso em: 17 maio 2018.

BERLINER MORGENPOST: DDR-Regierung tritt zurück.. Berlim, 6 nov. 2014. Disponível em: <<https://www.morgenpost.de/berlin/mauerfall/article134072106/DDR-Regierung-tritt-zurueck.html>>. Acesso em: 26 abr. 2018.

BERLINER ZEITUNG. Berlim, 2 nov. 1989. Disponível em: <<http://zefys.staatsbibliothek-berlin.de/ddr-presse/berliner-zeitung/>>. Acesso em: 22 out. 2017.

ALTHUSSER, Louis. **Ideología y Aparatos Ideológicos de Estado, Freud y Lacan.** Buenos Aires: Nueva Visión, 1995.

ARNOLD, Karl-Heinz. **Zeitung:** Ein Journalist berichtet. Berlin: Verlag Am Park, 2014 (2000). 245 p.

AZENHA JÚNIOR, João; NOMURA, Masa. Tópicos de morfossintaxe relevantes para a tradução alemão-português: literalidade e idiomaticidade no processo de tradução. In: BATTAGLIA, Maria Helena Voorsluys; NOMURA, Masa. **Estudos lingüísticos contrastivos em alemão e português.** São Paulo: Annablume, 2008. p. 137.

BAHRMANN, Hannes; LINKS, Christoph. **Chronik der Wende:** Die DDR zwischen 7. Oktober und 18. Dezember 1989. Berlin: Ch. Links Verlag, 1994. 205 p.

BANCHER, Flavia. **A Queda do Muro de Berlim e a Presentificação da História.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. 135 p.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **A Reunificação da Alemanha:** Do Ideal Socialista ao Socialismo Real. 2. ed. Brasília e São Paulo: Editora UnB e Global, 2001. 256 p.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à Análise do Discurso**. 3. ed. Campinas (SP): Editora Unicamp, 2012. 117 p.

DEUTSCHE DEMOKRATISCHE REPUBLIK. Constituição (1974). Berlin (Ost), Disponível em: <<http://www.verfassungen.de/de/ddr/ddr74-i.htm>>. Acesso em: 27 abr. 2018.

EGON Krenz: Ich wollte die Wende in Richtung Perestroika Gorbatschower Art. Berlin: Radio Stimme Russlands, 2014. P&B. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UWchf71FK9E>>. Acesso em: 6 maio 2018.

FOLHA DE S.PAULO. **Círculo Folha: L**. 1996. Verbete "Linha-fina". Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual_edicao_l.htm>. Acesso em: 1 maio 2018.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. 236 p. Tradução de: Luiz Felipe Baeta Neves. Título original: *L'archéologie du Savoir*. Galimard, 1969.

_____. **A Ordem do Discurso**. 7. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001. 79 p. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. Título original: *L'ordre du discours: Leçon inaugurale au Collège de France prononcée le 2 décembre 1970*.

HAROCHE, Claudine; PÊCHEUX, Michel; HENRY, Paul. A Semântica e o Corte Saussuriano: Língua, linguagem e discurso. In: BARONAS, Roberto Leiser (Org.). **Análise do Discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2007. p. 13-32. Tradução Roberto Leiser Baronas e Fábio César Montanheiro. Texto publicado inicialmente no Jornal Comunista *L'Humanité*, depois na Revista *Langages*, número 24, posteriormente publicado em MALDIDIER, D. *L'Inquietude du Discours: textes de Michel Pêcheux*. Éditions du Cendres, 1990.

HERTLE, Hans-Hermann. **Chronik des Mauerfalls**: Die dramatischen Ereignisse um den 9. November 1989. 11. ed. Berlin: Ch. Links Verlag, 1996. 294 p.

HERTLE, Hans-Hermann; NOOKE, Maria. **Die Todesopfer an der Berliner Mauer 1961-1989: Ergebnisse eines Forschungsprojektes des Zentrums für Zeithistorische Forschung** Potsdam und der Stiftung Berliner Mauer. 2017. Disponível em: <<http://bit.ly/BMTodesopfer>>. Acesso em: 17 maio 2018.

HERTLE, Hans-Hermann; NOOKE, Maria; BARON, Udo (Org.). **The Victims at the Berlin Wall 1961-1989: A Biographical Handbook**. Berlim: Ch. Links Verlag, 2011. 512 p.

KARL-MARX-UNIVERSITÄT LEIPZIG - SEKTION JOURNALISTIK (Org.). **Wörterbuch der sozialistischen Journalistik**. Leipzig: Karl-Marx-Universität Leipzig, 1979. 241 p.

KEMPE, Frederick. **Berlim: 1961: Kennedy, Khruschov e o lugar mais perigoso do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. 570 p. Tradução: Hildegard Feist.

LAGE, Nilson. **A reportagem: Teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004. 189 p.

LINDNER, Bernd. **Die Demokratische Revolution in der DDR 1989/90: Zeitbilder**. Bonn: BPB (Bundeszentrale Für Politische Bildung), 2010. 187 p.

MAIER, Charles S.. **Dissolution: The Crisis of Communism and the End of East Germany**. New Jersey: Princeton University Press, 1997. 440 p.

MAINGUENEAU, Dominique. **Termos-chave da Análise do Discurso**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000. 155 p. Tradução de: Márcio Venício Barbosa e Maria Emília Amarante Torres Lima.

MEYER, Michael. **1989: The Year That Changed The World: The Untold Story Behind the Fall of the Berlin Wall**. Londres: Simon & Schuster UK, 2009. 254 p.

ORLANDI, Eni P.. Michel Pêcheux e a Análise do Discurso. **Estudos da Lingua(gem)**, Vitória da Conquista (BA), n. 1, p.9-13, jun. 2005.

_____. **Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos.** Campinas (SP): Pontes, 2000. 100 p.

RICOEUR, Paul. **Interpretação e Ideologias.** 4. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990. Tradução de: Milton Japiassu.

SCHRADER, Helena P.. **The Blockade Breakers: The Berlin Airlift.** 2. ed. Gloucestershire (Reino Unido): The History Press, 2010. 304 p.

SPIEGEL, Der. **Plakate von der Stasi.** 1995. Disponível em: <<http://www.spiegel.de/spiegel/print/d-9228957.html>>. Acesso em: 3 maio 2018.

TARGINO, Rafael. **Conheça seis fatos sobre o piquenique que, 25 anos atrás, ajudou a derrubar o Muro de Berlim.** 2014. Publicado no site Opera Mundi. Disponível em: <<http://bit.ly/piqueniquepaneuropeu>>. Acesso em: 18 maio 2018.

_____. **No aniversário de 25 anos da queda, conheça 25 fatos sobre o Muro de Berlim.** 2014. Publicada no site Opera Mundi. Disponível em: <<http://bit.ly/25anosMuro>>. Acesso em: 17 maio 2018.

TAYLOR, Frederick. **Muro de Berlim: Um Mundo Dividido 1961-1989.** Rio de Janeiro: Record, 2009. 571 p. Tradução de: Clóvis Marques.

VAN DIJK, Teun A.. **Discurso e Poder.** São Paulo: Contexto, 2008. 281 p. Tradução e adaptação: Judith Hoffnagel, Ana Regina Vieira, Leonardo Mozdzenski, Benedito Gomes Bezerra, Rodrigo Castro e Karina Falcone.

WEINRICH, Harald. **Duden: Textgrammatik der deutschen Sprache.** Mannheim; Leipzig; Wien; Zürich: Dudenverlag, 1993.

ZEIT. **Wende? Revolution!:** 1989 geschah in der DDR eine Revolution, keine Wende. Warum hat sich dieser Begriff im Alltag trotzdem durchgesetzt?. 2014. Disponível em: <<https://www.zeit.de/2014/44/1989-wende-revolution>>. Acesso em: 3 maio 2018.

ANEXOS

ANEXO A – Hunderttausende demonstrierten am Sonabend im Zentrum Berlins – 6.nov.1989 – (Pg. 1)

*Kilometer langer Protestmarsch vorbei an Volkskammer und Staatsrat zum Alexanderplatz Meinungs-, Presse- und Versammlungsfreiheit Hauptinhalt der mitgeführten Losungen Friedlich verlaufene Kundgebung mit 27 Wortmeldungen ging über mehrere Stunden*¹⁰⁴

Berlin. BZ - Peter Böttcher. Hunderttausende waren am Sonabend im Zentrum unserer Stadt auf die Straße gegangen. Sie demonstrierten für die Verwirklichung der Verfassungsartikel 27 und 28 über das Recht auf Meinungs-, Presse- und Versammlungsfreiheit. Zu dieser genehmigten Protestdemonstration hatten Berliner Kultur- und Kunstschaaffende aufgerufen. Die Veranstalter gaben gegenüber ADN eine geschätzte Teilnehmerzahl von rund 500 000 an. Viele von ihnen trugen Transparente mit sich, auf denen sie ihren Forderungen auf ernsthafte wie auch umstrittene Weise Ausdruck verliehen. Bei der anschließenden Kundgebung auf dem Alexanderplatz ergriffen 27 Sprecher das Wort. Dank der Besonnenheit der Teilnehmer und der Ordnungskräfte dieser von vielen Emotionen getragenen Veranstaltung nahm sie einen friedlichen Verlauf.

Bereits vor dem für 10 Uhr angekündigten Beginn der Demonstration hatten sich die Straßen vom ADN-Gebäude bis zum Berliner Verlag gefüllt. So setzte sich der Menschenstrom gegen 9.30 Uhr in Bewegung. Er wurde flankiert von Ordnern, die gelbgrüne Schärpen mit der Aufschrift „Ohne Gewalt“ trugen. Gemeinsam mit Volkspolizisten praktizierten sie die zuvor verabredete Sicherheitspartnerschaft.

Entlang der Karl-Liebknecht- Straße, vorbei an der Volkskammer, dem Palast der Republik, der Breiten Straße und der Grunerstraße bis zum Alex führte der Weg der Demonstranten. Er geriet immer wieder ins Stocken, weil sich viele Berliner und Bürger aus anderen Bezirken in den Zug einreihen. Ob nun professionell angefertigt oder mit bloßer Handschrift auf ein Tuch oder Schild gemalt — die mitgeführten Losungen und Sprüche fanden immer wieder Beifall durch rhythmisches Klatschen, zustimmendes Nicken, zum Teil aber auch heftige Ablehnung. Ironie, bitterer Ernst, Originalität, Mißtrauen wie Zuversicht in eine Lösung

¹⁰⁴ Todos os textos deste anexo foram extraídos via leitura ótica pela *Staatsbibliothek zu Berlin*, e estão aqui dispostos da maneira como aparecem no site da instituição, sem correções posteriores.

der anstehenden Probleme ließen sich auf diesen mitgeführten Losungen ablesen: „Das Rad der Geschichte läßt sich nicht zurückdrehen!“, „Glaube keiner Statistik, die du nicht selbst gefälscht hast“, „Zugeständnisse sind keine Wende“, „Vorwärts zu neuen Rücktritten“, „Krenz sei helle, stop die Flüchtlingswelle“, „Egon, drei Ämter in einer Hand, ist nicht gut für unser Land“, „Volksauge sei wachsam“, „Gegen Arroganz der Macht“ oder „Rechtssicherheit ist die beste Staatssicherheit“.

Auch die Wände und die Treppenstufen der Volkskammer wurden mit Sprüchen „tapeziert“. Denkanstöße und kritische Worte galten der Führung durch die SED.

Vor dem Hause der Volkskammer immer wieder Sprechchöre „Wir sind das Volk!“ In alte Arbeiterlieder wurde eingestimmt, das „Drushba-Freundschaft“ kam spontan — mit zeitgemäßen Zusätzen. Auch die Seitenwand des Staatsratsgebäudes gegenüber dem Marstall wurde mit Sprüchen und Forderungen beklebt.

Beim Vorbeimarsch am Roten Rathaus und am Ministerrat hatte die Zahl der Losungen weiter zugenommen. „Öko-Daten ohne Filter“, „Kein Neonazismus in der DDR“. Für harte Arbeit hartes Geld“, „Kein Artenschutz für Wendehälse“. Pfiffe galten solchen Sprüchen wie „Anarchie jetzt machbar“. Deutlich artikuliert, fanden sich die Anliegen zum Verfassungsartikel 27, der die Gewährleistung der Freiheit von Presse, Rundfunk und Fernsehen enthält. „Eine Lüge tötet hundert Wahrheiten“, „Glasnost und nicht Süßmost“, „Freiheit, Gleichheit, Ehrlichkeit“, „Skepsis bleibt Bürger- Pflicht“

Zahlreiche Spruchbänder und Plakate der Demonstranten forderten grundlegende Veränderungen in der Volksbildung. Auf dem Gehweg und an der Wand des Haupteingangs des Kulturministeriums wurden ebenfalls mitgeführte Forderungen angebracht: „Für Theater ohne Maulkorb“, „Es lebe die Oktoberrevolution 1989“ und „Demokratie ja Chaos nein“.

Immer mehr füllte sich dann der Alex. Als die Kundgebung begann, standen die Teilnehmer bis weit in die Karl-Marx-Allee und andere an den Alex grenzende Straßen. Nach 14.30 Uhr löste sich die Kundgebung friedlich auf.



Fig. 1: Página 1 da edição do dia 6 de novembro de 1989 (destaque nosso)

Öffentliches Nachdenken Hunderttausender über unser Land und unsere Zukunft – 6.nov.1989 (Página 3)

27 Sprecher ergriffen auf dem Alexanderplatz das Wort

Nach der Protestdemonstration begann weit nach 11 Uhr die Kundgebung. Vor dem Haus des Reisens stand eine improvisierte Tribüne, über der die Worte "Artikel 27 und 28 — Verfassung der DDR" zu einem Hausgiebel gefügt waren. Die Redner sprachen von einem Podest auf einem Lkw zu der riesigen Menschenmenge.

An alle Kollegen, Mitkämpfer und Hierbleiber wandte sich als erste Rednerin die Schauspielerin Marion von de Kamp und begrüßte alle Demonstranten im Namen der Mitarbeiter der Berliner Theater. Die Straße sei überall dort Tribüne des Volkes, wo dieses von

den anderen Tribunen ausgeschlossen ist. Was heute hier stattfände, sei eine „sozialistische Protestdemonstration“.

An einen Verfassungsvorschlag für die französische Republik von 1793 erinnerte die Schauspielerinnen Johanna Schall. Jede Verfassung müsse den Schutz der öffentlichen und der individuellen Freiheit vor der Regierung selbst zum Ziel haben. Dies sei das einzige Mittel dagegen, daß die Regierenden die öffentliche Gewalt zur Geißel für die Freiheit machen

Ihr schloß sich der Schauspieler Ulrich Mühe an. der die Artikel 27 und 28 der Verfassung der DDR von 1974 mit den Bestimmungen zur Meinungs-, Presse- und Versammlungsfreiheit verlas.

Daraufhin forderte Johanna Schall, folgende „diese Artikel einschränkende Paragraphen des Strafgesetzbuchs zu streichen oder zu modifizieren“: die Paragraphen 99 „Landesverräterische Nachrichtenübermittlung“, 106 „Staatsfeindliche Hetze“, 107 „Verfassungsfeindlicher Zusammenschluß“ sowie 217 „Zusammenrottung“.

Dann trat wiederum Ulrich Mühe ans Mikrofon. Er schlug unter starkem Beifall die Änderung von Artikel 1 im Kapitel der DDR-Verfassung vor. „Der Führungsanspruch einer Partei darf nicht durch Gesetz verordnet werden. "Der Anspruch müsse erarbeitet werden. Auch politische Parteien unterlägen einem Leistungsprinzip.“

Das Gespräch sei auf den Straßen eingefordert worden, sagte der Schauspieler Jan Josef Liefers vom Deutschen Theater. Jeder habe das Recht, in diesem Gespräch Partner zu sein.

Zur Frage der führenden Rolle erklärte der Schauspieler, man dürfe sie nicht okkupieren, sondern könne sie bestenfalls erringen, und zwar in täglicher Arbeit, durchschaubar und mit Resultaten. Unter Beifall rief er aus, allein die Menschen hätten darüber zu entscheiden, wen sie mit der Führung beauftragen.

Es sei richtig, jeden zu ermutigen, die in unserem Land entstandene Krise durchzustehen. Er glaube jedoch nicht, daß in der 40-jährigen DDR-Geschichte immer wieder nur einzelne Personen in eine Krise geführt hätten.

Das liege, wie er unter breiter Zustimmung feststellte, an den überkommenen Strukturen, die eine Erneuerung nicht zulassen würden. Deshalb müßten wir neue Strukturen für einen demokratischen Sozialismus entwickeln.

Rechtsanwalt Dr. Gregor Gysi beglückwünschte die Veranstalter und das VP-Präsidium zu dieser größten Demonstration in der Geschichte der DDR, die als erste nicht von oben, sondern von unten organisiert worden sei, beantragt und genehmigt wurde. Nach den zu Beginn des Meetings zitierten Artikeln der Verfassung und Paragraphen des Strafgesetzbuches

sei nun wohl besser verständlich, weshalb die Rechtsanwälte in einer Erklärung ein neues Strafrecht gefordert hätten. Die Verfassung selbst sei gut, wenn auch entwicklungsfähig. Der Staat und seine Autorität seien notwendig, aber auch die Kontrolle des Volkes über den Staat. Die beste Staatssicherheit sei die Rechtssicherheit.

Zur Diskussion über die Person von Egon Krenz stellte er fest, vielen habe nicht gefallen, was er zu den chinesischen Ereignissen gesagt hatte. Aber als er am 9. Oktober die Hauptverantwortung über die Entscheidung in Leipzig trug — chinesische Lösung oder demokratische Wende habe sich Krenz für die zweite Variante entschieden. Damit habe er einen „Beitrag zur Rettung dieses Landes“ geleistet. Er verdiene eine Chance und das für sein Amt notwendige Maß an Vertrauen.

Mittlerweile hatten die Wolken Sonnenstrahlen Platz gemacht. Ans Mikrofon trat Marianne Birthler. Jugendmitarbeiterin der Evangelischen Kirche. Auf diesem Platz, sagte, sie, sei hunderttausendfache Hoffnung versammelt, Hoffnung, Phantasie, Frechheit und Humor. Sie vertrat die Auffassung, daß es sich bei den Ereignissen vom 7. Oktober und danach nicht um die Übergriffe einzelner handelte, sondern das Unrecht auf Befehl geschehen sei. Die Rednerin informierte, daß sich am Freitagnachmittag eine unabhängige Untersuchungskommission gebildet habe, der Vertreter von Künstlerverbänden, demokratischen Initiativen, der Kirche sowie Ärzte, Anwälte und Psychologen angehören. Die Kommission sei bereit, mit dem Untersuchungsausschuß des Magistrats unter der Bedingung zusammenzuarbeiten, daß dort auch die Fragen der politischen Verantwortung geklärt werden und niemand mitarbeitet, der in die Gesetzesverletzungen verstrickt ist. Das fand Beifall.

Bei allem, was sich schon verändert habe, sei noch nicht gelöst, meinte Marianne Birthler, wie man politische Strukturen schaffe, die verhindern, daß so etwas noch einmal geschieht. Sie sprach sich nicht nur für eine Amnestie aus, sondern für die Rehabilitierung und Entschädigung der Opfer.

Nach starkem, zustimmendem Applaus trat der Liedermacher Kurt Demmler mit Lied und Gedicht auf. Man brauche, um was zu schaffen. Sicherheit, rezitierte er, man brauche aber auch „Sicherheit vor der Sicherheit“.

Nicht ohne zu zögern trete er an dieses Mikrofon, sagte Markus Wolf, Schriftsteller und ehemaliger stellvertretender Staatssicherheitsminister. Es war nicht meine Partei, die SED, die zu dieser Demonstration aufgerufen habe, es war „die fast leise Stimme Berliner Künstler mit der Forderung nach Freiheit des Wortes“.

Trotz zunehmend mahnender Stimmen in den eigenen Reihen hätten wir nicht verhindert, daß unsere Führung bis zum 7. Oktober in einer, wie er sagte, Scheinwelt lebte und

selbst dann noch versagte, als die Menschen anfangen, mit den Füßen abzustimmen. „Das war bitter für uns Kommunisten.“

Pfiffe wurden laut, als Markus Wolf auf die bewegten Ereignisse um den 7. Oktober und die blutigen Zwischenfälle zu sprechen kam. Diese Ereignisse würden heute wie ein Abschied von einer längst vergangenen Zeit wirken, obwohl seither erst vier Wochen vergangen sind. Markus Wolf sagte unter großer Zustimmung: „Wir dürfen ihre Rückkehr nie wieder zulassen.“

Von der bevorstehenden 10. Tagung des Zentralkomitees würden nun „eindeutige und mit Substanz erfüllte Aussagen erwartet, auch ein Bekennen zur Verantwortung und zu den Ursachen des Geschehenen mit entsprechenden personellen Konsequenzen“. Markus Wolf schlug vor, entsprechend Artikel 47 des Statuts der SED unverzüglich eine Parteikonferenz einzuberufen.

33 Jahre lang sei er General im Ministerium für Staatssicherheit gewesen und bekenne sich zu seiner Verantwortung bis zu seinem Ausscheiden aus dem Dienst vor drei Jahren. Unter dem Unmut vieler Teilnehmer warnte Markus Wolf davor, die Mitarbeiter dieses Ministeriums zu „Prügelknaben der Nation“ zu machen. Gerade im Interesse dieser Mitarbeiter müsse jede Anschuldigung, jedes Unrecht unparteiisch untersucht werden: Betroffenen müsse öffentliche Gerechtigkeit widerfahren. Auch in den Schutz- und Sicherheitsorganen sei heute neues Denken gefragt, besonders im Umgang mit Andersdenkenden.

Prof. Jens Reich setzte sich für die volle Anerkennung des Neuen Forums und anderer Bürgerinitiativen ein. Der Dialog sei nicht das Hauptgericht, das müsse mit Pfeffer und Salz zubereitet werden. Der Dialog sei die Vorspeise. Angesagt sei nicht artiges Gerede, erklärte Prof. Reich, es müssten die Konflikte in unserer Gesellschaft und mit den Regierenden ohne Umschweife ausgetragen werden — auf demokratische Weise. Es könne nicht sein, jetzt Dampf abzulassen und dann wieder schläfrig zu werden.

In die Volksvertretungen sollten solche Männer und Frauen gewählt werden, die dem Volk Rede und Antwort stehen können. Daher seien Wahlen erforderlich, die diesen Namen verdienen, mit einer Auswahl zwischen verschiedenen Kandidaten und Programmen, geheimer Wahl und fehlerfreier Ausrechnung der Ergebnisse. Zum Freiheitsbegriff betonte er, Freiheit sei für ihn immer auch die Freiheit der Andersdenkenden.

Manfred Gerlach, Vorsitzender der LDPD, brachte seine Hochachtung vor der beispielhaften politischen Haltung der Künstler zum Ausdruck. „Sie haben wach, sensibel, betroffen und mit revolutionärer Ungeduld, tapfer und unbeirrt auf eine Krise der gesellschaftlichen Entwicklung in unserem Lande aufmerksam gemacht. Sie gehörten zu den

ersten, die die Wende forderten. Wir, die LDPD, haben die Tür zur Erneuerungspolitik aufgestoßen. Beifall, aber auch Unmutsäußerungen über diesen letzten Satz bei denen, die den Menschen auf der Straße diese Rolle zusprechen. Aber Gerlach redete schnell, und es war kaum Gelegenheit zu Applaus oder Pfiffen.

Großer Beifall aber dann doch für seine Forderung, daß nun endlich auch die Volkskammer in aller Öffentlichkeit zur Lage im Lande Stellung nehmen müsse. Die LDPD, sagte er, wolle Alternativen zur Debatte stellen, wolle liberalen, demokratischen Geist kräftig lebendig machen. Das heiße Offenheit und völlige Gleichberechtigung in der Beschäftigung mit aller, gesellschaftlichen Fragen. Energisch sprach er sich für den Rücktritt der Regierung aus. „Wunder kann die Wende nicht bringen“, sagte er. „Für Wunder ist keiner von uns zuständig, dafür aber für Arbeit, harte Arbeit, deren Ergebnisse vielleicht, nein: sicher erst in Jahren spürbar werden. Jetzt gehe es bei uns um die Verwirklichung des Grundsatzes, Freiheit, Gleichheit, Brüderlichkeit.“

Es drängt mich, heute hier ein lautes Lob auszusprechen den vielen Tausenden, die auf sogenannten ungenehmigten Demonstrationen der Partei die Möglichkeit eines Neubeginns abgetrotzt, ja abgezwungen hätten, sagte Ekkehard Schall vom „Berliner Ensemble“. Er dankte unter langanhaltendem Beifall den mutigen und friedlichen Demonstranten in vielen Städten. Rowdys habe es auf beiden Seiten gegeben. Ausschreitungen von Sicherheitskräften wiegen allerdings schwerer

Wir alle müßten jetzt lernen, fuhr er fort, neu miteinander umzugehen. Dabei sollten wir eines nie wieder vergessen, was wir „jetzt bitter schlucken mußten“ es gibt keine Einheit mehr, international nicht und national nicht, weder in den Klassen noch in den Parteien. Es gehe nur noch um Mehrheiten. Die allerdings seien schwerer zu gewinnen als eine behauptete, eine, abverlangte, eine verlogene Einheit. „Sorgen wir dafür, daß die DDR ein wirkliches sozialistisches Gemeinwesen wird, was mehr ist als ein sozialistischer Staat“, rief der Schauspieler unter großer Zustimmung aus.

Als Günter Schabowski angekündigt wurde, gab es starke Unmutsäußerungen, aber auch Beifall. „Billigen wir einander die Kultur des Dialogs zu“, waren daraufhin seine ersten Worte.

Bitteres sei gesagt worden, auch an seine Adresse. Viel Mühe werde es kosten. Vertrauen zurückzugewinnen. Schabowski stellte die Frage, „ob wir denn nicht. ob nicht das Volk im Ziel der Erneuerung übereinstimmt“. An dieser Stelle kam es erneut zu Pfiffen und Zwischenrufen eines Teils der Teilnehmer. Darauf Schabowski: „Auch zwischen Andersdenkenden müssen Hürden nicht unüberwindlich sein.“

Seine Partei, die SED, bekenne sich zur Umgestaltung, spät, aber unwiderruflich. Sie sei gewillt, mit Widerspruch und „unverdrossen mit Pfeffer und Salz zu leben“ Ein Vertreter der Veranstalter mahnte die Kundgebungsteilnehmer, dem Redner zuzuhören, der danach bekräftigte, daß die SED lernbereit und gewillt sei, die Produktivität des Widerspruches nutzbar zu machen. Das Zentralkomitee, das am Mittwoch zusammentritt, werde, wie Schabowski sagte, diese Absicht mit einem Aktionsprogramm meßbar machen. Beifall erhob sich, als er versicherte, daß „sterilen politischen Nachlaßverwaltern keine Chance“ mehr gegeben werde. „Ich mag auch nicht die Scheiterhaufen, auf denen mancher alles brennen sehen will, was an unbestreitbaren Leistungen in den vergangenen Jahrzehnten vom Volk vollbracht wurde“, betonte er.

Günter Schabowski wandte sich an die Organisatoren der Kundgebung, die Künstler und Kulturschaffenden, und bezeugte ihnen seinen Respekt. Mit ihrem wachen Gespür hätten sie gesellschaftliches Bewußtsein befördert, hätten sie Wichtiges für die politische Gesundheit des Landes getan.

Den Schulterchuß zwischen Egon Krenz und Michail Gorbatschow charakterisierte der SED- Politiker als hoffnungsvoll. Das Begonnene sei unumkehrbar, für die DDR, für einen Sozialismus, der stark mache, weil die Menschen ihn wollten.

„Es ist, als habe einer die Fenster aufgestoßen“, sagte der Schriftsteller Stefan Heym. „nach all den Jahren der Stagnation, der geistigen, wirtschaftlichen, politischen, den Jahren von Dumpfheit- und Mief, von Phrasengewäsch und bürokratischer Willkür, von amtlicher Blindheit und Taubheit.“ Aus eigenem freien Willen seien heute hier Menschen versammelt für Freiheit und Demokratie und für einen Sozialismus, der des Namens wert ist.

„Wir haben in den letzten Wochen unsere Sprachlosigkeit überwunden und sind jetzt dabei, den aufrechten Gang zu erlernen. Und das, Freunde, in Deutschland, wo bisher sämtliche Revolutionen danebengingen.“ Aber aufrecht gehen sei nicht genug; es gelte auch regieren zu lernen. Alle müßten teilhaben an der Macht. Und wer immer sie ausübe und wo immer, müsse der Kontrolle...



Fig. 2: Página 3 da edição do dia 6 de novembro de 1989 (destaque nosso)

(Página 4)

...der Bürger unterworfen sein. „Der Sozialismus, nicht der Stalinsche, der richtige, den wir endlich erbauen wollen zu unserem Nutzen und zum Nutzen ganz Deutschlands, ist nicht denkbar ohne Demokratie. Demokratie aber — ein griechisches Wort — heißt Herrschaft des Volkes.“ Unter starkem Beifall rief Stefan Heym: „Üben wir sie aus diese Herrschaft“.

„Bleibt doch hier, jetzt brauchen wir buchstäblich jeden -und jede“, begann Pfarrer Friedrich, Schorlemmer aus Wittenberg seine Ansprache. Wir würden Veränderungen erleben, die atemberaubend sind.

Sei das alles bloß ein Traum, aus dem es ein bitteres Erwachen gibt? Oder stünden wir mitten in einem dauerhaften demokratischen Aufbruch?

Wir brauchten jetzt Toleranz und kritische Solidarität miteinander und nicht das „Ausufern der verständlichen Emotionen“, fuhr Pfarrer Schorlemmer fort und bekam dafür viel Beifall. Leidenschaftlich sprach er sich für eine Koalition der Vernunft aus, die quer durch die bisherigen Parteien und quer durch die neuen Bewegungen gehe. Die neuen Bewegungen müßten zugelassen werden, forderte er unter anhaltendem Beifall. Der Wandel sei unübersehbar, aber noch nicht unumkehrbar. Viele müßten aus ihren Ämtern abtreten, weil man sie nicht mehr tolerieren könne. Er zolle denen Respekt, die freiwillig zurücktreten. Der begonnene Dialog dürfe sich allerdings nicht aufs Dampfablassen beschränken. Wir brauchen weitere spürbare Ergebnisse. Pfarrer Schorlemmer sprach sich für eine neue Struktur der Demokratie aus.

Schorlemmer mahnte, nicht neue Gräben aufzureißen. Jedem müsse eine Wende zugetraut werden, nirgendwo sollten „Stimmen und Stimmungen der Vergeltung“ toleriert werden. Seien wir gerecht gegenüber alten und neuen Konkurrenten, auch gegenüber einer sich wandelnden SED. Der allerdings sprach er den Führungsanspruch ab.

Aus Wittenberg kommend, wolle er Regierende und Regierte an das Lutherwort erinnern: „Lasset die Geister aufeinanderprallen, aber die Fäuste haltet stille“.

Jede revolutionäre Bewegung befreie auch die Sprache, sagte die Schriftstellerin Christa Wolf. „Was uns bisher so schwer auszusprechen war, geht uns auf einmal frei von den Lippen, wir staunen, was wir offenbar schon lange gedacht haben und was wir uns jetzt laut zurufen: Demokratie — jetzt oder nie!, und wir meinen Volksherrschaft, und wir erinnern uns der steckengebliebenen oder blutig niedergeschlagenen Ansätze in unserer Geschichte und wollen die Chance, die in dieser Krise steckt, da sie alle unsere produktiven Kräfte weckt, nicht wieder verschlafen. Aber wir wollen sie auch nicht vertun durch Unbesonnenheit oder Umkehrung von Feindbildern.“

Unter starkem Beifall stellte Christa Wolf fest, daß Revolutionen von unten ausgehen. Unten und oben wechselten ihre Plätze im Wertesystem. Und dieser Wechsel stelle die sozialistische Gesellschaft vom Kopf auf die Füße. Noch gebe es viel Mißtrauen angesichts so., mancher plötzlich ausgestreckten Hand. Mißtrauen sei gut, Kontrolle noch besser. „Wir wissen: Wir müssen die Kunst üben, den Zwiespalt nicht in Konfrontation ausarten zu lassen. Diese Wochen, diese Möglichkeiten werden uns nur einmal gegeben — durch uns selbst.“ Auf einem Plakat habe sie die schier unglaubliche Losung gesehen: „Keine Privilegien mehr für uns Berliner“. Jetzt springe die Sprache aus dem Ämter- und Zeitungsdeutsch heraus, in dem sie eingewickelt war und erinnere sich ihrer Gefühlswörter. Eines davon heiße Traum. „Also träumen wir mit hellwacher Vernunft: Stell dir vor, es ist Sozialismus, und keiner geht weg!“

Für verordnete Manifestationen sei nun keine Zeit mehr. Und jene Worte — „Vorschlag für den 1. Mai — die Führung zieht am Volk vorbei“ — seien literarisches Volksvermögen. Der wichtigste Satz dieser Wochen sei für sie der tausendfache Ruf „Wir-sind-das-Volk!“

Tobias Langhoff verlas dann eine Erklärung der Organisatoren der Protestdemonstration. Darin wird die Einsetzung einer unabhängigen Kommission aus Historikern, Rechtswissenschaftlern und interessierten Bürgern gefordert, die alle in der DDR eingeleiteten Verfahren, die sich auf angebliche Straftaten gegen den Staat und die öffentliche Ordnung beriefen, untersuchen soll. Gefordert werde Wiedergutmachung an den Opfern des Stalinismus. Diese Kommission solle Strafverfahren gegen solche Personen anstrengen, die wissentlich am Zustandekommen politischer Fehltritte oder an damit zusammenhängenden Rechtsbeugungen beteiligt waren.

Aus dieser, wie sie sagte, sang dann die Schauspielerin Annekathrin Bürger das Lied „Worte eines politischen Gefangenen an Stalin“.

Der Dokumentarfilmer Joachim Tschirner, seit 22 Jahren SED-Mitglied, erzählte von bedrückenden Drehaufnahmen im BRD- Erstaufnahmelaager Grafenau und vom tiefen Mißtrauen der DDR- Flüchtlinge dem Drehstab gegenüber als Vertreter der Medien. Dies hänge mit den jahrzehntelangen Erfahrungen mit dem Mißbrauch der Medien zusammen. Er richtete an Verantwortliche in Funk und Fernsehen, im Zentralkomitee, an Chefredakteure, Kommentatoren und Leitartikler die Frage, ob sie mit alledem nichts zu tun hätten. Unter starkem Beifall äußerte er seinen Zweifel, daß eine wirkliche Wende möglich sei, solange die noch in den Chefetagen, Sendeanstalten und Redaktionen sitzen, die lediglich ihren Sessel um 180 Grad gedreht haben. Er plädierte für die Analyse von Vergangenen und für die persönliche politische Konsequenz aus eigenem Versagen auch im Bereich der Medien.

Joachim Tschirner sprach sich gegen das Vergessen aus. Es beginne schon dort, wo das Wunschdenken um sich greift, die Wende hätten das Zentralkomitee und das *Politbüro* der SED herbeigeführt. Führungsanspruch lasse sich nur noch im Mehrheitswillen des Volkes, durch zeitgemäße Gesellschaftskonzeptionen und durch politische Moral realisieren.

Er spreche für einen Berufsstand, der in Verruf gekommen sei, sagte der Journalist Klaus Baschleben von der „National-Zeitung“. Die Medien seien Ausdruck der bisherigen administrativen Machtausübung gewesen. Jetzt müsse sich jeder Journalist kritisch selbst befragen, wir alle müßten gewaltig umdenken.

Die Erneuerung erfordere eine Demokratisierung der Informations- und Medienpolitik. Deren vornehmste Grundsätze müßten Offenheit und Wahrheit sein. Deshalb trete er dafür ein,

ein demokratisches Mediengesetz zu schaffen, das Presse- und Medienfreiheit festschreibt und einklagbar macht.

Unser Volk, fuhr Klaus Baschleben fort, wolle die Sprache seiner neugewonnenen Identität in der Presse wiederfinden. Da alle politischen Tageszeitungen bisher jeweils an eine politische Partei oder Organisation gebunden sind, sollte wenigstens eine überregionale auflagenstarke Tages- oder Wochenzeitung geschaffen werden. Herausgeber dieser Zeitung könnte seiner Meinung nach die Volkskammer der DDR sein. Ihr Name: Dialog.

Der Dramatiker Heiner Müller sprach sich gegen die Trennung der Künstler vom Volk durch Privilegien aus. „Wir brauchen Solidarität statt Privilegien.“ Anstelle seines vorbereiteten Textes verlas er unter Pfiffen und Zwischenrufen einen Aufruf einer „Initiative für unabhängige Gewerkschaften“, in dem diese Gruppierung Fragen zur Wirksamkeit des FDGB in den vergangenen 40 Jahren formuliert hat, darunter solche nach Arbeitszeitverkürzung, 40-Stunden-Woche, Lohnangleich an schleichende Inflation, ständige Tarifverhandlungen.

Prof. Lothar Bisky erklärte, er habe am 9. Oktober die Vertrauensfrage gestellt. Der Rektor der Hochschule für Film und Fernsehen forderte alle Amtsinhaber auf, sich demokratisch legitimieren zu lassen. Er ermutige seine Studenten, sich einzumischen ohne Tabus. Ohne Risiko könne es keine Kreativität geben. Er wandte sich gegen jegliche Art von Zensur. Wenn es um den Inhalt von Filmen gehe, so sei nicht der Überbringer schlechter Nachrichten zur Verantwortung zu ziehen, sondern der Verursacher. Er fürchte nicht die Unbequemen Studenten, sondern mehr die, die sich mit unannehmbaren Umständen zufrieden geben. Er stellte die Forderung auf, den engagierten jungen Filmemachern ohne Wenn und Aber die Chance zu geben, das Ihre beizutragen zum Dialog und für sie die Medien zu öffnen. Im übrigen, sagte Prof. Bisky abschließend, würden auf der nächsten Demonstration nicht nur Lautsprecher, sondern auch „Zuhörergeräte“ gebraucht.

Er halte die bisherige Form der Studentenvertretung allein über die FDJ für unzureichend, meinte der Student der Humboldt-Universität Roland Freitag. Dazu werde es in dieser Woche an der Universität eine Urabstimmung geben. Sollte sie in dem von ihm angesprochenen Sinne entschieden werden, würde ein Studentenrat geschaffen, der unabhängig arbeitet, aber allen Organisationen die Möglichkeit bietet, konkurrierend zueinander ihre Vorstellungen durchzusetzen. Er forderte eine freie Studentenzeitung und rief diejenigen Universitäten und Hochschulen auf, die dies noch nicht getan haben, dem Beispiel der Humboldt-Universität zu folgen.

Wir sollten uns davor hüten, erklärte der Schriftsteller Christoph Hein, die Euphorie dieser Tage mit den noch zu leistenden Veränderungen zu verwechseln. „Die Begeisterung und

die Demonstrationen waren und sind hilfreich und erforderlich, aber sie ersetzen nicht die Arbeit. Lassen wir uns nicht von unserer eigenen Begeisterung täuschen: Wir haben es noch nicht geschafft. Die Kuh ist noch nicht, vom Eis. Und es gibt noch genügend Kräfte, die keine Veränderung wünschen, die eine neue Gesellschaft fürchten und auch zu fürchten haben."

Er erinnerte an einen jetzt wahrscheinlich sehr einsamen Mann, an Erich Honecker, der einmal einen Traum gehabt habe und bereit gewesen sei, für diesen Traum ins Zuchthaus zu gehen. Für die Verwirklichung seines Traumes habe er keine gute Chance gehabt, denn der besiegte Faschismus und der übermächtige Stalinismus seien die Geburtshelfer gewesen. So sei eine Gesellschaft entstanden, die wenig mit Sozialismus zu tun hatte. Er erinnere an diesen Mann nur deshalb, „um uns zu warnen, daß nicht auch wir jetzt Strukturen schaffen, denen wir eines Tages hilflos ausgeliefert sind. Schaffen wir eine demokratische Gesellschaft auf einer gesetzlichen Grundlage, die einklagbar ist."

Der Erfolg habe bekanntlich viele Väter und es meldeten sich jetzt auch merkwürdige Väter. Es sollte nie vergessen werden, wer den Schlaf der Vernunft beendete. „Es war die Vernunft der Straße, die Demonstrationen des Volkes." Er schlug vor, Leipzig zur „Heldenstadt der DDR" zu ernennen, um die Regierung an die Vernunft der Straße zu mahnen, die stets wach blieb und sich, wenn es notwendig ist, wieder zu Wort meldet.

Der ungarische Student Robert Juhoras stellte sich als dem „Verband junger Demokraten" zugehörig vor. Er meinte, mit dem Beginn der Perestroika sei es zu einer einmaligen Chance für die Demokratisierung in Osteuropa gekommen.

Der Dozent für Theologie Konrad Eimer sprach als Sozialdemokrat. Wenn man in das Zeitalter der Demokratie aufbreche, müsse man sich — und er nahm für sich in Anspruch, im Namen aller zu sprechen — beim tschechoslowakischen Volk für die Haltung der DDR 1968 entschuldigen. Man würde jede zukünftige Regierung daran messen, ob sie zu einem wirklichen Schuldbekenntnis fähig ist, ein Bekenntnis, bei dem, wie er es ausdrückte, etwas herüberkomme. Bei der Rede von Markus Wolf beispielsweise sei in diesem Sinne nichts zu ihm herübergekommen. Auf die Zukunft eingehend, sagte er, daß kein Schlaraffenland, sondern ein langer, schwerer Weg vor uns stehe. Diesen Weg aber würde man frei und aufrecht gehen.

Die alte Kommunistin und Schauspielerin Steffie Spira erinnerte daran, daß sie bei ihrem Gang in die Emigration einige Zeilen aus dem Brecht-Gedicht „Lob der Dialektik" im Kopf gehabt habe: „So wie es ist, bleibt es nicht. . . Wer seine Lage erkannt hat, wie soll der aufzuhalten sein!... Aus Niemals wird Heute noch!"

Unter großem Beifall setzte sie hinzu: „Ich wünsche für meine Urenkel, daß sie aufwachsen ohne Fahnenappell, ohne Staatsbürgerkunde und daß keiner in Blauhemden mit Fackeln an den Oberen vorübergeht." Und aus Wandlitz solle ein Altersheim gemacht werden.

Bühnenbildner Henning Schaller, einer der Mitorganisatoren der Demonstration, druckte in seinen abschließenden Worten seine Freude über den friedlichen Verlauf der Veranstaltung aus und wünschte allen Teilnehmern einen guten Nachhauseweg.

Dr. Dieter Dietzel | Volker Elchstedt | Dieter Krebs | Heiner Fachmann

Seite 4 - Nr. 211 - Berliner Zeitung POLITIK Montag, 6. November 1989

BZ berichtet von der Demonstration und Kundgebung am Sonntag im Stadtzentrum

Am Sonntag, dem 5. November, haben sich in der DDR über 100.000 Menschen an der Demonstration und Kundgebung am Sonntag im Stadtzentrum beteiligt. Die Teilnehmer kamen aus allen Teilen der DDR und aus dem Ausland. Die Demonstration wurde von der SED-Parteileitung als „friedliche Demonstration“ bezeichnet. Die Teilnehmer forderten die Freilassung der politischen Gefangenen, die Abschaffung der Todesstrafe und die Einführung der Gewaltenteilung. Die Demonstration wurde von der SED-Parteileitung als „friedliche Demonstration“ bezeichnet. Die Teilnehmer forderten die Freilassung der politischen Gefangenen, die Abschaffung der Todesstrafe und die Einführung der Gewaltenteilung.

Die Demonstration wurde von der SED-Parteileitung als „friedliche Demonstration“ bezeichnet. Die Teilnehmer forderten die Freilassung der politischen Gefangenen, die Abschaffung der Todesstrafe und die Einführung der Gewaltenteilung. Die Demonstration wurde von der SED-Parteileitung als „friedliche Demonstration“ bezeichnet. Die Teilnehmer forderten die Freilassung der politischen Gefangenen, die Abschaffung der Todesstrafe und die Einführung der Gewaltenteilung.



Die Demonstration wurde von der SED-Parteileitung als „friedliche Demonstration“ bezeichnet. Die Teilnehmer forderten die Freilassung der politischen Gefangenen, die Abschaffung der Todesstrafe und die Einführung der Gewaltenteilung. Die Demonstration wurde von der SED-Parteileitung als „friedliche Demonstration“ bezeichnet. Die Teilnehmer forderten die Freilassung der politischen Gefangenen, die Abschaffung der Todesstrafe und die Einführung der Gewaltenteilung.

Die Demonstration wurde von der SED-Parteileitung als „friedliche Demonstration“ bezeichnet. Die Teilnehmer forderten die Freilassung der politischen Gefangenen, die Abschaffung der Todesstrafe und die Einführung der Gewaltenteilung. Die Demonstration wurde von der SED-Parteileitung als „friedliche Demonstration“ bezeichnet. Die Teilnehmer forderten die Freilassung der politischen Gefangenen, die Abschaffung der Todesstrafe und die Einführung der Gewaltenteilung.

Die Demonstration wurde von der SED-Parteileitung als „friedliche Demonstration“ bezeichnet. Die Teilnehmer forderten die Freilassung der politischen Gefangenen, die Abschaffung der Todesstrafe und die Einführung der Gewaltenteilung. Die Demonstration wurde von der SED-Parteileitung als „friedliche Demonstration“ bezeichnet. Die Teilnehmer forderten die Freilassung der politischen Gefangenen, die Abschaffung der Todesstrafe und die Einführung der Gewaltenteilung.

Die Demonstration wurde von der SED-Parteileitung als „friedliche Demonstration“ bezeichnet. Die Teilnehmer forderten die Freilassung der politischen Gefangenen, die Abschaffung der Todesstrafe und die Einführung der Gewaltenteilung. Die Demonstration wurde von der SED-Parteileitung als „friedliche Demonstration“ bezeichnet. Die Teilnehmer forderten die Freilassung der politischen Gefangenen, die Abschaffung der Todesstrafe und die Einführung der Gewaltenteilung.

Die Demonstration wurde von der SED-Parteileitung als „friedliche Demonstration“ bezeichnet. Die Teilnehmer forderten die Freilassung der politischen Gefangenen, die Abschaffung der Todesstrafe und die Einführung der Gewaltenteilung. Die Demonstration wurde von der SED-Parteileitung als „friedliche Demonstration“ bezeichnet. Die Teilnehmer forderten die Freilassung der politischen Gefangenen, die Abschaffung der Todesstrafe und die Einführung der Gewaltenteilung.

Radikale Schritte zur Erneuerung der SED von der Parteiführung gefordert

Kern der Debatte: Partei und ihre führende Rolle künftig in der Praxis bewähren

Die Parteiführung der SED wurde aufgefordert, radikale Schritte zur Erneuerung der Partei zu ergreifen. Die Teilnehmer forderten die Freilassung der politischen Gefangenen, die Abschaffung der Todesstrafe und die Einführung der Gewaltenteilung. Die Parteiführung wurde aufgefordert, radikale Schritte zur Erneuerung der Partei zu ergreifen.

Demonstrationen in weiteren Städten

Zehntausende künden politische Forderungen

Die Demonstrationen in weiteren Städten wurden angekündigt. Zehntausende künden politische Forderungen. Die Teilnehmer forderten die Freilassung der politischen Gefangenen, die Abschaffung der Todesstrafe und die Einführung der Gewaltenteilung.

Fig. 3: Página 4 da edição do dia 6 de novembro de 1989 (destaque nosso)

ANEXO B – Historische Leistungen der Sowjetunion gewürdigt – 7.nov.1989 – (Pg. 1)

Festliche Veranstaltung zum 72. Jahrestag der Oktoberrevolution Die DDR wird ihren Bruderbund mit der UdSSR weiter festigen

Berlin. BZ - Klaus Degen. In der DDR-Hauptstadt wurden gestern anlässlich des 72. Jahrestages der Großen Sozialistischen Oktoberrevolution die historischen Leistungen der Völker der Sowjetunion gewürdigt. Mit dem Roten Oktober begann sich unter Führung der KPdSU das politische und soziale Antlitz der Welt grundlegend zu verändern. Dazu gehören eine Vielzahl nationaler revolutionärer Umwälzungen, politische und soziale Bewegungen in vielen Ländern und das weltweite Ringen um Frieden, dem in der Gegenwart größte Bedeutung zukommt. Zu der festlichen Veranstaltung in der Deutschen Staatsoper, Unter den Linden, hatten das Zentralkomitee der Sozialistischen Einheitspartei Deutschlands, Staatsrat und Ministerrat der Deutschen Demokratischen Republik und der Nationalrat der Nationalen Front eingeladen.

Neben den Repräsentanten der DDR mit dem Vorsitzenden des Staatsrates, SED-Generalsekretär Egon Krenz, nahmen sowjetische Gäste und ausländische Diplomaten an dem Festakt teil.

Zugegen waren der Vorsitzende des Ministerrates, Willi Stoph, Volkskammerpräsident Horst Sindermann, die Vorsitzenden der DBD. Dr. Günther Maleuda, und der LDPD, Prof. Dr. Manfred Gerlach, die amtierenden Vorsitzenden der CDU, Wolfgang Heyl, und der NDPD, Günter Hartmann, sowie Nationalrats-Präsident Prof. Dr. Dr. Lothar Kolditz. Zu den Gästen aus der UdSSR gehörten Botschafter Wjatscheslaw Kotschemassow sowie der Oberkommandierende der Westgruppe der Streitkräfte der UdSSR, Armeegeneral Boris Snetkow.

In der Festrede hob Werner Krolkowski, Mitglied des *Politbüros* und Sekretär des Zentralkomitees der SED, hervor, daß die Bürger der DDR mit Befriedigung die Entschlossenheit von Egon Krenz und Michail Gorbatschow aufgenommen hätten, den Bruderbund beider Parteien und das Bündnis beider Staaten auf Grund der gemeinsam erkannten Erfordernisse zu festigen und auszubauen.

Werner Krolkowski hatte zu Beginn seiner Rede im Namen aller im Demokratischen Block und in der Nationalen Front zusammengeschlossenen politischen Parteien und gesellschaftlichen Kräfte, im — wie er sagte — Namen der überwiegenden Mehrheit des Volkes der DDR den Völkern der Sowjetunion und der Leninschen Partei zum Revolutionsjubiläum die herzlichsten Grüße und Glückwünsche entboten.

Um zu bewahren, was an gesellschaftlichen Fortschritt in der DDR erreicht wurde, müsse der Sozialismus in der DDR in Übereinstimmung mit den Erfordernissen des Lebens, erneuert werden, betonte der Redner. Die bevorstehende 10. Tagung des Zentralkomitees der SED werde zur politischen Lage in der DDR Stellung nehmen und ein Aktionsprogramm der SED für Schritte zur Erneuerung beraten und beschließen.

Werner Krolkowski würdigte die Sowjetunion als Hauptträger des Friedenskampfes. Ihr sei es zu verdanken, daß eine Wende von der Konfrontation zur Kooperation in der internationalen Entwicklung eingeleitet ist. Mit Vernunft und Augenmaß werde auch die DDR für Frieden und Sicherheit wirken. Unbeirrt trete sie für konstruktive Beziehungen zur BRD ein. Eine Grundvoraussetzung sei die beiderseitige Akzeptanz der historisch entstandenen und international allgemein anerkannten territorialen, sozialökonomischen und politischen Realitäten.



Fig. 4: Página 1 da edição do dia 7 de novembro de 1989 (destaque nosso)

ANEXO C - Nicht das letzte Wort –7.nov.1989 – (Pg. 1)

„Der Entwurf eines Reisegesetzes ist vorgelegt, und bevor es die Volkskammer beschließt, wird öffentlich über die Bestimmungen diskutiert. Und diskussionswürdig ist das Papier wahrlich. Dieser Meinung sind nicht nur wir, sondern auch viele Leser.

Zu begrüßen ist natürlich, wenn gleich im Paragraph 2 das Recht der Bürger der DDR auf Auslandsreisen als Grundsatz festgeschrieben wird. Doch, so mehrere Leser, ist ihre Freude sogleich getrübt, wenn sie sich das umständliche Verfahren zur Paß- und Visaerteilung und dazu noch die im Gesetzentwurf vorgesehene 30-Tage-Bearbeitungsfrist vergegenwärtigen. Es ist wahr, daß solche Verfahren in vielen Staaten der Welt gelten, aber wozu brauchen wir sie? Der moderne Sozialismus, den wir wollen, soll Verwaltung und staatliche Eingriffe auf das notwendige Mindestmaß — und das heißt: entscheidend — verringern, soll zugleich die Menschen weitestgehend befreien von aufwendigen Modalitäten. Davon ist im vorliegenden Entwurf kaum etwas auszumachen.

Viele Fragen warfen unsere Leser auch zur Finanzierung auf. Allein die Mitteilung, hier seien komplizierte Sachverhalte zu klären, reicht bei weitem noch nicht. Unsere Leser fragten nicht nur nach Möglichkeiten, Reisedevisen zu erwerben, sondern auch danach, welche Varianten zur Devisenbeschaffung, welche volkswirtschaftlichen Bedingungen es derzeit dafür gibt. Auch dazu sollte es — wie gestern abend im Fernsehen schon geschehen — offene Antworten und ebenso offene Suche nach den besten Lösungswegen geben.

Das letzte Wort zum Reisegesetzentwurf ist also gewiß noch nicht gesprochen. Sonst brauchte es auch keine öffentliche Diskussion.“

Bo Adam



Fig. 5: Página 1 da edição do dia 7 de novembro de 1989 (destaque nosso)

ANEXO D - SED braucht die Erneuerung – 8.nov.1989 (Pg. 1)

Heute beginnt die 10. Tagung des Zentralkomitees der SED. von dieser Tagung wird sehr viel abhängen, für die Partei, für die DDR. Es geht darum, ob und wie die SED in der Lage sein wird, den fast verspielten Auftrag, dieses Land politisch zu führen, wieder anzunehmen. Mit anderen Worten: Ist die größte Partei der DDR zugleich eine Partei, die sich um die ehrlichsten, klarsten, überzeugendsten Positionen für heute, für die Zukunft bemüht?

Dafür ist in den letzten Wochen in vielen Gliederungen der SED in der Tat einiges geleistet worden. Und wahr ist auch, daß die SED nicht bei Null anfangen mußte. Bislang fest verschlossene Schubladen werden nach und nach geöffnet. Analysen, Konzepte, Ideen kompetenter Genossen in allen Bereichen werden endlich sachlich geprüft, genutzt. Von den Mitgliedern des Zentralkomitees wird nun die Beratung und Präzisierung eines Aktionsprogramms erwartet, das u. a. umfassende Reformen in Wirtschaft, Verwaltung, im Bildungswesen und in der Partei enthält.

Doch das ist nur die eine Seite der Medaille. Auf der anderen steht die Aufgabe, diese Gedanken, Überlegungen, Konzepte überzeugend in die gegenwärtige Debatte einzubringen, in politische Schritte und Aufgaben umzumünzen. Und da wird sich jeder Genosse, vom *Politbüro* über das Zentralkomitee bis hin zu den Grundorganisationen selbst prüfen: Stehe ich, steht die SED tatsächlich schon mit dem Gesicht zum Volk?

Immer wieder hört man von Parteifunktionären, die sich noch nicht einmal den eigenen Genossen an der Basis zuwenden, geschweige denn der Bevölkerung. Funktionäre, die abwarten, bremsen, manövrieren, den Blick weiter starr nach oben gerichtet. Und dort, in den leitenden Gremien der Partei, waren es auch beileibe nicht alle und oft dieselben Genossen, die sich in den vergangenen Wochen dem Dialog, der Debatte stellten. Was aber ist mit den übrigen?

Es geht dabei nicht primär um alte Schuldscheine. Es geht vor allem um die Verantwortung für die Zukunft. Es reicht nicht aus, daß sich die Partei mit dem Gesicht dem Volk zuwendet, es muß auch ein neues Gesicht, es müssen neue, glaubwürdige Gesichter — nein: Köpfe! — sein. Und da kann man aus dem Fundus jener Genossen schöpfen, die schon seit Jahr und Tag um Vernunft bemüht waren, selbständig gearbeitet und nicht auf Weisungen und Aktionsprogramme gewartet haben.

Deshalb auch gab es im Vorfeld der Tagung des Zentralkomitees Vorschläge, daß die Parteiführung zurücktritt — was wohl einschließt, daß Genossen, die schon vor der Wende für die Wende gekämpft haben, wiedergewählt werden. Auch die Forderung, eine Parteikonferenz

einzuberufen oder die Parteiwahlen und den Parteitag vorzuziehen, muß vom Plenum beantwortet werden. Denn die SED braucht die innere Erneuerung von unten nach oben.

Bo Adam

Berliner Zeitung

MITTWOCH, 8. NOVEMBER 1989 • NR. 363 • 45. JAHRGANG • EINZELPREIS 15 PFENNIG • DDB-ISSN 0013-5783

Keiner soll auf Kosten anderer leben
Neues Gesellschaftsmodell nötig

DDR-Regierung erklärte ihren Rücktritt

Appell zur Aufrechterhaltung der Wirtschaft

Berlin, 8.11.89. In einer Erklärung des Ministerrats der DDR, die Bundesrepublik, erklärte die DDR-Regierung, daß sie die Verantwortung für die wirtschaftliche Lage der DDR übernehme. Die Regierung werde sich bemühen, die Wirtschaft der DDR zu stabilisieren und die Lebensbedingungen der Bevölkerung zu verbessern. Die Regierung werde sich auch bemühen, die Beziehungen zu den anderen Ländern der DDR zu verbessern.

Die Erklärung des Ministerrats der DDR, die Bundesrepublik, ist eine wichtige Entwicklung in der Geschichte der DDR. Sie zeigt, daß die DDR-Regierung bereit ist, die Verantwortung für die wirtschaftliche Lage der DDR zu übernehmen. Dies ist ein wichtiger Schritt in der Entwicklung der DDR zu einer demokratischen Staat.

Hilfe für das öffentliche Leben Leipzigs

Stadtrats und Stadtbau in Potsdam und Berlin

Leipzig, 8.11.89. Der Leipziger Stadtrat hat beschlossen, die Stadtverwaltung zu unterstützen. Der Stadtrat hat beschlossen, die Stadtverwaltung zu unterstützen. Der Stadtrat hat beschlossen, die Stadtverwaltung zu unterstützen.

Für Sozialismus auf Leninsche Art

Demonstration zum Jahrestag der Oktoberrevolution

Moskau, 8.11.89. Am 7. November 1989 fand in Moskau eine Demonstration zum Jahrestag der Oktoberrevolution statt. Die Demonstration wurde von Tausenden von Menschen besucht. Die Demonstration wurde von Tausenden von Menschen besucht.

SED-Sonderparteitag noch in diesem Jahr verlangt

Offener Brief von Gesellschaftswissenschaftlern

Berlin, 8.11.89. Die SED-Regierung hat beschlossen, einen Sonderparteitag in diesem Jahr abzuhalten. Die SED-Regierung hat beschlossen, einen Sonderparteitag in diesem Jahr abzuhalten.

Kohl erkennt polnische Westgrenzen nicht an

Vertrag des SED-Parlamentarismus mit Bonn

Bonn, 8.11.89. Der Bundeskanzler Helmut Kohl hat erklärt, daß die Bundesrepublik Deutschland die polnischen Westgrenzen nicht anerkennen wird. Kohl hat erklärt, daß die Bundesrepublik Deutschland die polnischen Westgrenzen nicht anerkennen wird.

Westberliner Rowdys bedrohten DDR-Bürger

Einiger in Köln-Gürtel mit Stadtpolizei konfrontiert

Frankfurt, 8.11.89. In der Nacht zum 7. November 1989 haben einige Westberliner Rowdys in Köln-Gürtel mit Stadtpolizei konfrontiert. Die Rowdys haben die Stadtpolizei bedroht.

Gedenken an Opfer der Pogromnacht 1938

„Ewiges Leben“ unter Tüchlein der Auen Berliner Synagoge gefunden

Berlin, 8.11.89. Am 9. November 1989 fand in der Berliner Synagoge eine Gedenkveranstaltung zum 51. Jahrestag der Pogromnacht 1938 statt. Die Veranstaltung wurde von Tausenden von Menschen besucht.

Fig. 6: Página 1 da edição do dia 8 de novembro de 1989 (destaque nosso)

ANEXO E - Nötig ist ein neues Gesellschaftsmodell – 8.nov.1989 (Pg. 4)

Überlegungen zu einer radikalen Reform des politischen Systems der DDR

Für einen neuen Sozialismus in der DDR zu demonstrieren ist notwendig. Auch Streitgespräche, um Lösungen für angestaute Probleme zu finden, sind notwendig. Dringlich sind Sofortmaßnahmen. Ebenso notwendig ist aber auch, Konzeptionen zu entwickeln, die Konturen eines qualitativ neuen Sozialismus vorzeichnen. Hier sind wir Gesellschaftswissenschaftler gefordert. Prof. D. Segert hat dazu seine Vorstellungen (vgl. BZ vom 31. 10. 89) öffentlich benannt, die ich konzeptionell teile.

Aus der theoretischen Beschäftigung mit den positiven und negativen Erfahrungen der Bruderparteien anderer sozialistischer Länder bei der Erneuerung des Sozialismus. und aufgrund der Dispute im eigenen Land möchte ich einige Überlegungen zu einer radikalen Reform des politischen Systems der DDR zur Diskussion stellen. Zunächst sei festgestellt: Wir Gesellschaftswissenschaftler werden in dieser schweren gesellschaftlichen Situation unsere Verantwortung nur gerecht, wenn wir uns die Haltung der Mediziner zu eigen machen: Therapiestrategie erst nach gründlicher Diagnostik!

Es darf jetzt keine Halbheiten geben

Wir müssen heute erstens davon ausgehen, daß wir in einer tiefen und umfassenden stecken. Es existiert nur noch eine Alternative: Totaloperation oder Tod, Aufbruch oder Zusammenbruch- Jetzt darf es keine Halbheiten, keine Verzögerungen, kein Zurückfallen in den alten Trott mehr geben. Lassen wir das zu, stellen wir selbst den Sozialismus zur Disposition. Der Konsens breiter gesellschaftlicher Kräfte, die auf Veränderungen drängen, schließt die schmerzhafteste Erkenntnis ein, daß wir mit einem radikalen Modellwechsel der Gesellschaft einem Systemwandel zuvorkommen müssen. Noch können wir das tun, noch haben wir hier — wie ich meine — günstigere Bedingungen als einige Bruderparteien in ihren Ländern.

Zweitens besteht die entscheidende Ursache der umfassenden Gesellschaftskrise in einer Krise unserer Partei als Führungskraft selbst. Diese Erkenntnis stellt die tagtägliche Arbeit der zwei Millionen Mitglieder der SED zur Lösung der angestauten Probleme nicht in Frage. Es geht um das Problem, wo denn nun die Garantien zu finden sind, um Wiederholungen ein für allemal auszuschließen?

Viele fordern personelle Konsequenzen und den längst fälligen Generationswechsel innerhalb der Führung der SED — das ist z. T. bereits geschehen. Personelle Konsequenzen, Einführung eines Rotationsprinzips, Veränderungen im Arbeitsstil der marxistisch-leninistischen Partei sind notwendig, geben aber allein keine wirklichen Garantien.

Führungsrolle der SED ist neu zu bestimmen

Das Problem liegt tiefer und ist für den Sozialismus von internationaler Natur: Das entscheidende Hemmnis für die Fortführung tiefgreifender gesellschaftlicher Wandlungen besteht vor allem in unserer bisherigen Auffassung und tagtäglichen Praxis von der Stellung der marxistisch-leninistischen Partei im gesellschaftlichen Entscheidungsprozeß, von Inhalt und Formen ihrer Führungsrolle. Diesem Problem haben sich andere sozialistische Länder bekanntlich schon eher gestellt.

Aus ihren Konzepten und Schwierigkeiten müssen wir Schlüsse ziehen. Im Unterschied zur KPdSU haben wir nicht fünf Jahre Umgestaltung hinter uns, um auf den Kern der Dinge zu kommen: Heute wird im Sozialismus mit einem Führungsverständnis gebrochen, das neben der notwendigen Strategiebildung auch die alleinige Entscheidung gesellschaftlicher Angelegenheiten in der Parteiführung, unabhängig von jeglicher Form der Kontrolle durch die Gesellschaft einschließt. Nach diesem alten, historisch möglicherweise begründeten Modell werden die im *Politbüro* der Partei so gefällten Entscheidungen administrativ durch den Partei- und Staatsapparat durchgesetzt und durch die Volksvertretungen legitimiert. Somit steht die marxistisch-leninistische Partei über dem sozialistischen Staat und übt eigentlich Staatsfunktionen aus.

Die angestauten Schwierigkeiten in allen gesellschaftlichen Bereichen und das Aufbrechen des über 40 Jahre hinweg kaum veränderten politischen Systems durch eine massenhafte Entstehung neuer Organisationsformen zeigen, daß mit dem bisher praktizierten Entscheidungsprozeß die Interessenunterschiede und Widersprüche in der Gesellschaft nicht erfaßbar und miteinander koordinierbar sind. Unter den heutigen Bedingungen der Entwicklung qualitativ neuer Produktivkräfte, der daraus entspringenden Entscheidungsalternativen mußte das zwangsläufig gesellschaftliche Konflikte hervorrufen.

Viel berechtigte Kritik gibt es heute auch an der bisher praktizierten Auffassung vom demokratischen Zentralismus innerhalb der SED. Wir haben die Führungsrolle einer ganzen Partei vor allem als Führungsrolle des Parteiapparates, des *Politbüros* und des Generalsekretärs gesehen. Damit ist die Artikulation der Interessen, Meinungen von unten nach oben verhindert worden. Diskussionen, Meinungsunterschiede sind schon vor der Beschlußannahme aus

Gründen der „Parteidisziplin“ unterbunden worden. Zwei Millionen Mitglieder waren weitestgehend von der Entscheidungsvorbereitung, -findung und -kontrolle ausgeschlossen.

Widersprüche zwischen Parteiführung und Basis

Dieser zugespitzte Widerspruch zwischen Parteiführung und breiter Parteibasis ist eine der wesentlichen Ursachen für Fehlentscheidungen. Wenn wir heute formulieren, daß die Partei das Gesicht dem Volke zuwendet dann setzt das voraus, daß die Parteiführung erst einmal das Gesicht der Parteibasis zeigt

Auch die anderen Kanäle der Interessenartikulation und Willensbildung wie: Volksvertretungen, andere Blockparteien, große gesellschaftliche Organisationen fungierten bestenfalls als „Konsultations“- , aber nicht als Willensbildungsformen. Abgesehen von innerorganisatorischen und bestimmten kommunalpolitischen Entscheidungen funktionierte das politische System der DDR vor allem als Durchsetzungsmechanismus vorabgefällter Entscheidungen des *Politbüros* der SED.

Wir müssen nach den Ursachen suchen, wie es gekommen ist, daß historisch gewachsene Formen des politischen Lebens in der DDR heute nicht mehr durch eine Kosmetik, sondern nur noch durch eine Generalrekonstruktion am Leben erhalten werden können.

Als Marxisten müssen wir uns fragen, welche Ursachen für diese Art des Entscheidungsprozesses in den Eigentumsverhältnissen begründet liegen und welche Konsequenzen sich für deren weitere Entwicklung als Bedingung einer radikalen politischen Reform daraus ergeben.

Aus den charakterisierten Ursachen für die Entstehung einer umfassenden Krise in unserer Gesellschaft erwächst die Schlußfolgerung, daß nun eine radikale Reform des politischen Systems notwendig ist, um die Erneuerung der gesamten Gesellschaft zu sichern, und daß diese Reform unbedingt den Entscheidungsprozeß qualitativ erfassen muß, sonst ist sie nicht radikal.

Der Sozialismus darf nicht länger eine Gesellschaft sein, in der seine Mitglieder den Eigentums- und Machtverhältnissen entfremdet gegenüberstehen. Ein neues Sozialismusmodell sollte deshalb von der Frage ausgehen: Wie müssen sozialistische Eigentums- und Machtverhältnisse ausgestaltet werden, damit sich das Individuum reich entfalten kann? Garantien können nur aufeinander abgestimmte radikale ökonomische und politische Reformen des gesamten gesellschaftlichen Organismus geben.

Das Volk muß künftig selbst entscheiden

Kernproblem der politischen Reform ist dabei, daß das Volk als Eigentümer mittels seiner politischen Macht — den Volksvertretungen oder direkt selbst über sein Eigentum entscheidet. Es darf nicht mehr von einem einzigen Zentrum aus darüber entschieden werden, worin die Interessen des Volkes und sein Glück bestehen, sondern die Ermittlung der Bedürfnisse und Interessen müssen von unten nach oben demokratisch erfolgen. „Neues Forum“ und andere gesellschaftliche Bewegungen sind notwendige Formen der Ermittlung der ganzen Interessenvielfalt, politischer Willensbildung. Letztlich wird das politische System daran gemessen, wie effektiv es gesellschaftliche Konflikte erkennt und löst, den Konsens widersprüchlicher Interessen herstellt und nicht ob es sich möglichst monolithisch darstellt.

Die marxistisch-leninistische Partei darf keine Etage mehr über dem Staat sein, sondern muß sich in das System der Volksvertretungen als oberste Machtorgane des Volkes auf der jeweiligen Ebene einordnen. Hier muß es auch eine Umkehrung des bisherigen realen Verhältnisses zwischen Volksvertretungen und anderen Staatsorganen geben.

Gefordert ist Vielfalt des politischen Lebens

Die Vielfalt von Interessen und Meinungen braucht zu ihrer Artikulation eine Vielfalt politischer Parteien und Bewegungen. Ausgehend vom Konsens sozialistischer Werte und Ziele ist es notwendig, die Chancengleichheit aller politischer Parteien und Bewegungen zu sichern.

Eingeordnet in die Erfordernisse des sozialistischen Rechtsstaates und einer sozialistischen parlamentarischen Demokratie kann die führende Rolle der SED nicht mehr als Macht- und Wahrheitsmonopol, rein administrativ und gewissermaßen *à priori*, aufgefaßt werden, sondern als Anforderung bei der Ausarbeitung einer wissenschaftlich begründeten Gesellschaftsstrategie, die auch Alternativen einschließt, sowie als Anforderung an das mobilisierende Beispiel der Kommunisten. Die SED muß eine Partei unter Gleichen sein.

Die Erneuerung des politischen Systems macht eine Erneuerung der SED von Grund auf notwendig. Die Aufgabe der bisherigen Stellung der Partei hieße nicht die Macht des Volkes aufzugeben, sondern ganz im Sinne der Forderungen Hunderttausender auf der Demonstration vom 4. November im Zentrum Berlins, diese Macht anders zu gestalten.

Dr. Hans-Michael Karle



Fig. 7: Página 4 da edição do dia 8 de novembro de 1989 (destaque nosso)

ANEXO F - Bloß mal übern Kudamm bummeln - und zurück! – 11 e 12.nov.1989 – (Pg. 6)

BZ-Reporter berichten über Eindrücke, Meinungen und Gefühle nach der Öffnung der Grenzen

Seit dem späten Donnerstag abend können DDR-Bürger mit einem unbürokratisch ausgestellten Visum — ein einfacher Stempel in den Personalausweis — die Grenzübergangsstellen nach Westberlin passieren. Ungezählte haben von dieser Möglichkeit Gebrauch gemacht. BZ-Reporter hörten sich in den Warteschlangen um und sprachen zwischen Moabit und Spandau mit Besuchern aus der DDR-Hauptstadt und Westberlinern.

Ein Anstrom wie nie zuvor

Über tausend Menschen warten am Übergang Sonnenallee, ihre Reihen reichen bis weit in die Baumschulenstraße hinein. Geduldig harren sie darauf, weiter vorzurücken. Langsam geht es voran. Die Stimmung ist gut. „28 Jahre haben wir darauf gewartet“, „Bloß mal übern Kudamm bummeln“, „Ick kiek mir dett an, und vielleicht reicht's für'n Bier" und anderes mehr bekommt man zu hören.

Schließlich schieben sie sich in die Baracke der Grenzabfertigung. Ein Ansturm wie nie zuvor. Alle Schalter sind geöffnet. Darüber hinaus fertigen noch zusätzliche Genossen der Grenztruppen ab. Schnell und unbürokratisch saust der Stempel in den Personalausweis, das Visum ist erteilt, der Weg zum Grenzübertritt frei. Das war schon lange nötig, sagt der Mann neben mir.

Westberliner Seite strömt die Besucherschar zur Omnibushaltestelle. Die heranrollenden gelben Doppeldecker sind im Nu besetzt. Ein zusätzlicher Pendelverkehr zum U-Bahnhof Hermannstraße ist eingerichtet. Nur einige verweilen noch, bevor sie in die Busse steigen: Von einem kleinen Aussichtsturm werfen sie einen Blick zurück in die Stadt, aus der sie heute ausreisen und in die sie am Abend zurückkehren wollen.

„Herzlich willkommen im Westen“, sagt der Busfahrer über Mikrofon. Klatschen im Ober- und Unterdeck ist die Antwort. An jeder Haltestelle werden die Umsteigeverbindungen den Orts- unkundigen erläutert.

Deren Strom ergießt sich später in die U-Bahn. So voll habe sie die Züge noch nie erlebt, sagte eine Westberlinerin, aber es sei schön, wunderschön. Tränen der Rührung stehen ihr in den Augen. Möckernbrücke, Mehringdamm, immer mehr pressen sich in die Wagen hinein. „Bitte rücken Sie nach Möglichkeit etwas zusammen“, tönt es aus den Lautsprechern.

Die gleichen Szenen am Grenzübergang Heinrich-Heine-Straße. Eine Menge von mehreren hundert Menschen wartet auf den Durchlaß in Richtung Westen. Die Stimmung ist ausgelassen, man spürt kaum Anspannungen oder Ungeduld. Über schon wieder Zurückkehrende leichte Belustigung ob ihrer ersten Westberliner Einkäufe: Orangen, Schokolade, Bananen. Berliner, Potsdamer oder Frankfurter, die mit ihren Autos die Grenze passieren wollen, werden von der Volkspolizei in die Schlange gewiesen, die sich bereits über mehrere hundert Fahrzeuge erstreckt. Andrang, doch ist die Abfertigung zügig und erfolgt ohne größere Formalitäten. Immer wieder: Wir kommen wieder.

Hinter dem letzten Kontrollpunkt empfängt uns eine jubelnde Menge. Die Menschen haben Spalier gebildet und klatschen jedem der Besucher Beifall. Umarmungen, Händeschütteln und immer die Worte „Wahnsinn, es ist nicht zu glauben“. Und ein Transparent: „Freiheit zu erleben gibt Kraft, für den Sozialismus zu kämpfen.“ Pressefotografen, private Fotografen und Fernsehen oder Rundfunk allenthalben. Nur etwa 200 Meter nach Passieren der Grenze händigen uns Mitarbeiter der Westberliner Verkehrsbetriebe eine U- bzw. S-Bahn-Plan aus.

Im Verlauf des Tages kehren wir auch in, eine, Kneipe ein. Die wird von einer Jugoslawin geführt, die seit 21 Jahren in Westberlin lebt. Es folgen die fast zwangsläufigen eröffnenden Worte und Fragen Woher kommt ihr, was fühlt ihr, wie solls weitergehen. Die ersten beiden Fragen sind schnell zu beantworten, die letzte nicht. Statt dessen Gegenfragen. Was erwartet oder befürchtet ihr, wenn jetzt jeder aus der DDR rüber kann, wann er will? Manche oder viele werden in Westberlin oder in der Bundesrepublik arbeiten wollen. Einfach so, um nach Feierabend wieder in die heimische Wohnung nach Ostberlin zurückzukehren. Das könnte ein Problem werden, sagt die Kneipenbesitzerin. Noch macht es uns keine Bange. Im Moment aber seien alle herzlich willkommen.

Viele Reichsbahner machen Überstunden

Rückfahrt gestern abend. Die S-Bahn nach Friedrichstraße ist überfüllt, und trotzdem, kein Vergleich mit den Menschenmassen, die sich in die Züge aus Friedrichstraße in Richtung Wannsee drängen. Zwar hat die BVG den Fahrabstand auf zehn Minuten verdichtet, doch stauen sich auf dem Bahnhof Zoo, am Lehrter Bahnhof und in Friedrichstraße Tausende.

Ein Westberliner kommt mit einer DDR-Familie ins Gespräch. Wollen Sie wieder zurück? Natürlich, warum sollten wir hierbleiben wenn wir jetzt doch jederzeit reisen können? Dann steigen sie, Friedrichstraße aber doch nicht aus, sondern- bleiben im Zug und fahren in den Westen zurück. Warum? Um der Tochter, sie ist fünf Jahre alt. noch mal die Mauer von

der anderen Seite zu zeigen, eine Mauer, die nicht mehr länger eine unüberwindbare Barriere bildet.

In wenigen Sekunden ist die S- Bahn Richtung Wannsee gefüllt. 150 000 Menschen haben in den letzten drei, vier Stunden den Grenzübergang passiert. Am frühen Abend ist auf DDR-Seite die Grenze der Belastbarkeit des Bahnhofs erreicht.

Mit Ansagen versuchen die Reichsbahner den Strom der Fahrgäste zu lenken, was nur schwer gelingt. Ein Ausgang ist hoffnungslos verstopft, in der Bahnhofshalle ist ein Vorwärtskommen kaum noch möglich. Fahrkarten nach Westberlin können zu diesem Zeitpunkt hier nicht mehr verkauft werden. Leute, die schnell nach Hause wollen, fahren bis Marx-Engels-Platz zurück, um von dort rascher voranzukommen. Daß es keine Verspätung der S-Bahn gibt, grenzt an ein Wunder. Alle drei Minuten verläßt ein Zug den Bahnhof. Und mit ihnen die ersten DDR-Bürger, die aus Westberlin zurückkehren.

Doch das ist erst der Beginn des Rückstroms. Die Reichsbahner sind auf eine lange Nacht eingestellt, um 17.30 Uhr fällt die Reichsbahn-Direktion Berlin die Entscheidung, daß die S-Bahn in der kommenden Nacht durchgehend verkehrt. Für viele Reichsbahner heißt das, Überstunden machen zu müssen.

Aufgeschrieben

Grenzübergang Bornholmer Straße: „Jetzt sind wir stolz darauf, DDR- Bürger zu sein.“ - Familie Henniger

Wir waren völlig von den Sokken, als wir erfuhren, daß die Grenze nach Ostberlin offen ist.“ - Uwe Dischereit (Westberlin)

„Schreiben Sie auf. daß wir einen Ausreiseantrag zu laufen haben. Wenn das so bleibt, bleiben wir hier.“ - Familie Zastrow

„Kneif mir ma, ick gloob, ick träume.“ - Eine Frau im Gedränge

Meldestelle Frankfurter Allee: „Mit der neuen Regelung habe ich gerechnet. Ich finde sie phantastisch.“ - Andreas May

„Das Erstaunlichste für mich war, daß ich überhaupt fahren konnte, daß man von den Grenzpolizisten freundlich behandelt wurde.“ - Gunter Maruschke

Seite 6 - Nr. 288 - Berliner Zeitung Freitag, 11./12. November 1989

Bloß mal übern Kudamm bummeln — und zurück!

KE-Regelungen beruhen über Einkünfte, Einkünfte und Einkünfte nach der Übung der Gewinne

Die neue Einkommensteuer ist ein Schritt in die Zukunft. Sie ist ein Schritt in die Zukunft, weil sie die Einkünfte der Steuerpflichtigen in die Zukunft verschiebt. Sie ist ein Schritt in die Zukunft, weil sie die Einkünfte der Steuerpflichtigen in die Zukunft verschiebt.

Die Einkünfte der Steuerpflichtigen werden in die Zukunft verschiebt. Sie werden in die Zukunft verschiebt, weil sie die Einkünfte der Steuerpflichtigen in die Zukunft verschiebt.

Die Einkünfte der Steuerpflichtigen werden in die Zukunft verschiebt. Sie werden in die Zukunft verschiebt, weil sie die Einkünfte der Steuerpflichtigen in die Zukunft verschiebt.

Die Einkünfte der Steuerpflichtigen werden in die Zukunft verschiebt. Sie werden in die Zukunft verschiebt, weil sie die Einkünfte der Steuerpflichtigen in die Zukunft verschiebt.

Die Einkünfte der Steuerpflichtigen werden in die Zukunft verschiebt. Sie werden in die Zukunft verschiebt, weil sie die Einkünfte der Steuerpflichtigen in die Zukunft verschiebt.

Die Einkünfte der Steuerpflichtigen werden in die Zukunft verschiebt. Sie werden in die Zukunft verschiebt, weil sie die Einkünfte der Steuerpflichtigen in die Zukunft verschiebt.

Die Einkünfte der Steuerpflichtigen werden in die Zukunft verschiebt. Sie werden in die Zukunft verschiebt, weil sie die Einkünfte der Steuerpflichtigen in die Zukunft verschiebt.

Die Einkünfte der Steuerpflichtigen werden in die Zukunft verschiebt. Sie werden in die Zukunft verschiebt, weil sie die Einkünfte der Steuerpflichtigen in die Zukunft verschiebt.

Die Einkünfte der Steuerpflichtigen werden in die Zukunft verschiebt. Sie werden in die Zukunft verschiebt, weil sie die Einkünfte der Steuerpflichtigen in die Zukunft verschiebt.

Die Kurfürstendamm in Berlin. Foto: G. J. J. J.

Die Kurfürstendamm in Berlin. Foto: G. J. J. J.

Die Kurfürstendamm in Berlin. Foto: G. J. J. J.

Die Kurfürstendamm in Berlin. Foto: G. J. J. J.

Die Kurfürstendamm in Berlin. Foto: G. J. J. J.

Die Kurfürstendamm in Berlin. Foto: G. J. J. J.

Die Kurfürstendamm in Berlin. Foto: G. J. J. J.

Die Kurfürstendamm in Berlin. Foto: G. J. J. J.

Die Kurfürstendamm in Berlin. Foto: G. J. J. J.

Regierung der DDR steht zu ihrem Wort

Einhaltung von internationalen Übereinkommen

Die Regierung der DDR steht zu ihrem Wort. Sie wird die Einhaltung von internationalen Übereinkommen gewährleisten.

Die Regierung der DDR steht zu ihrem Wort. Sie wird die Einhaltung von internationalen Übereinkommen gewährleisten.

Die Regierung der DDR steht zu ihrem Wort. Sie wird die Einhaltung von internationalen Übereinkommen gewährleisten.

Die Regierung der DDR steht zu ihrem Wort. Sie wird die Einhaltung von internationalen Übereinkommen gewährleisten.

Die Regierung der DDR steht zu ihrem Wort. Sie wird die Einhaltung von internationalen Übereinkommen gewährleisten.

Die Regierung der DDR steht zu ihrem Wort. Sie wird die Einhaltung von internationalen Übereinkommen gewährleisten.

Die Regierung der DDR steht zu ihrem Wort. Sie wird die Einhaltung von internationalen Übereinkommen gewährleisten.

Die Regierung der DDR steht zu ihrem Wort. Sie wird die Einhaltung von internationalen Übereinkommen gewährleisten.

Die Regierung der DDR steht zu ihrem Wort. Sie wird die Einhaltung von internationalen Übereinkommen gewährleisten.

Interview mit Axel von GREGOR GYSE

Zwischenregelung mit Licht und Schatten

Es bedarf weiterer einer gesetzlichen Grundlage für Reisen ins Ausland

Die Regierung der DDR steht zu ihrem Wort. Sie wird die Einhaltung von internationalen Übereinkommen gewährleisten.

Die Regierung der DDR steht zu ihrem Wort. Sie wird die Einhaltung von internationalen Übereinkommen gewährleisten.

Übergangsbestimmungen bleiben weiter in Kraft

GGK in der Verordnungsgebung eines Ertragssteuers

Die Regierung der DDR steht zu ihrem Wort. Sie wird die Einhaltung von internationalen Übereinkommen gewährleisten.

Die Regierung der DDR steht zu ihrem Wort. Sie wird die Einhaltung von internationalen Übereinkommen gewährleisten.

Die Regierung der DDR steht zu ihrem Wort. Sie wird die Einhaltung von internationalen Übereinkommen gewährleisten.

Arch des gab es

Manchmal gab es das

Die Regierung der DDR steht zu ihrem Wort. Sie wird die Einhaltung von internationalen Übereinkommen gewährleisten.

Die Regierung der DDR steht zu ihrem Wort. Sie wird die Einhaltung von internationalen Übereinkommen gewährleisten.

Die Regierung der DDR steht zu ihrem Wort. Sie wird die Einhaltung von internationalen Übereinkommen gewährleisten.

Fig. 8: Página 6 da edição dos dias 11 e 12 de novembro de 1989 (destaque nosso)

ANEXO G - Übergangsbestimmungen bleiben weiter in Kraft – 11 e 12.nov.1989 – (Pg. 6)

Gültig bis zur Verabschiedung eines Reisegesetzes

Berlin. BZ — A. Knack - Es bleibt dabei: Bürger der DDR werden — wie in den letzten Stunden — weiterhin ins Ausland reisen können. Das ist das Fazit einer kurzfristig einberufenen Pressekonferenz, die gestern nachmittag im Innenministerium stattfand.

Um den gewaltigen Ansturm, den das Ministerium so nicht erwartet hatte, aufzufangen, wurden in den gestrigen Vormittagsstunden Arbeitsgruppen der Volkspolizei zur Visaerteilung vor den Grenzübergangsstellen eingerichtet. Darüber informierte Oberst Gerbitz, stellvertretender Leiter der Hauptabteilung Paß- und Meldewesen im Innenministerium. Damit wolle man nachdrücklich unter Beweis stellen, daß diese Übergangsregelung ernst gemeint und gültig sei bis zum Inkrafttreten eines neuen Reisegesetzes, das sich grundlegend vom veröffentlichten Entwurf unterscheiden werde. Wahrscheinlich werde dieses Gesetz noch vor Weihnachten in der Volkskammer verabschiedet und damit in Kraft treten.

Um die notwendige Ordnung an den Grenzübergangsstellen schnell wiederherzustellen, empfahl Oberst Gerbitz. in den VP- Dienststellen einen Reisepaß zu beantragen, der bis auf eng bemessene Ausnahmen — tatsächliche Geheimnisträger, anhängen – des Strafverfahren usw. — allen Personen über 14 Jahren auch ausgehändigt wird. Wie BZ aus anderer Quelle erfuhr, soll diese Reisefreizügigkeit auch für Angehörige des Innenministeriums, also auch Polizisten, und weitere Personenkreise Anwendung finden.

Wem die augenblickliche notwendige Bearbeitungszeit von etwa zehn Tagen zu lang erscheint, kann mit seinem Personalausweis bis zum Inkrafttreten des Reisegesetzes ebenfalls die Grenzübergangsstellen passieren. In den Personalausweis wird in diesen Fällen die Genehmigung zur Ausreise eingetragen. Dem Wunsch nach ständiger Ausreise aus der DDR wird in den zuständigen VP-Dienststellen unverzüglich entsprochen.

Auf die augenblicklich angespannte Situation im Paß- und Meldewesen eingehend, betonte Oberst Gerbitz, daß die Mitarbeiter, 70 Prozent von ihnen sind Frauen, sich jetzt trotz aller Belastungen wohl in der Arbeit fühlen. Die nun endlich beendete Konfrontation mit den Wünschen der Bürger aufgrund bisher bestehender gesetzlicher Grundlagen sei beendet.

Regierung der DDR steht zu ihrem Wort

Book, *ACROSS THE MOUNTAINS* by John G. Thompson. 198 pages. \$14.95. Published by Grosset.

For those who are looking for a new book to read, *Across the Mountains* by John G. Thompson is a good choice. The book is a collection of short stories and is a good read for anyone who is interested in the history of the American West. The stories are set in the mountains and are full of action and adventure. The book is a good read for anyone who is interested in the history of the American West.

Black Sabbath hat bei Warnerwunder Deutscher Musik eine neue Platte im Angebot.

[illegible]

Aufgeschriebenes

[illegible]

Übergangsbestimmungen bleiben weiter in Kraft

Gültig bis zur Verabschiedung eines Rahmengesetzes

BRUNNEN

Übergangsbestimmungen bleiben weiter in Kraft

Interview mit Anwalt Dr. GREGOR GYSE

Es bedarf weiterer einer gesetzlichen Grundlage

Die Bundesregierung hat sich im vergangenen Jahr mit dem Entwurf eines Gesetzes zur Förderung der Entwicklung von Kindern und Jugendlichen mit besonderen Bedürfnissen beschäftigt. Der Entwurf ist im April 1992 im Bundestag diskutiert worden. Er ist nun in der Kommission für Kinder und Jugendangelegenheiten des Bundestages zur Beratung und Beschlussfassung anhängig. Die Kommission hat am 1. März 1993 eine Zwischenentscheidung getroffen. Sie hat beschlossen, dass das Gesetz zur Förderung der Entwicklung von Kindern und Jugendlichen mit besonderen Bedürfnissen (Sonderpädagogikgesetz) in der Fassung vom 1. März 1993 in der Kommission für Kinder und Jugendangelegenheiten des Bundestages zur Beratung und Beschlussfassung anhängig ist. Die Kommission hat am 1. März 1993 eine Zwischenentscheidung getroffen. Sie hat beschlossen, dass das Gesetz zur Förderung der Entwicklung von Kindern und Jugendlichen mit besonderen Bedürfnissen (Sonderpädagogikgesetz) in der Fassung vom 1. März 1993 in der Kommission für Kinder und Jugendangelegenheiten des Bundestages zur Beratung und Beschlussfassung anhängig ist.

[illegible][illegible]

Fig. 9: Página 6 da edição dos dias 11 e 12 de novembro de 1989 (destaque nosso)

ANEXO H - Die Mauer in Berlin wegreißen? – 13.nov.1989 – (Pg. 1)

Seit Donnerstag nacht haben Hunderttausende die offiziellen Lücken der Staatsgrenze, in der Mauer in beiden Richtungen passiert — die neuen Grenzregelungen machen's möglich. Sie sind international wie in der DDR mit Genugtuung registriert worden als Konsequenz der Politik der Erneuerung und der Bereitschaft der DDR-Führung, bisherige Dogmen zu überwinden.

Mit dem gewaltigen Reiestrom hat sich ein Stau gelöst, der das Leben im Lande zuweilen und für viele ganz und gar unerträglich machte. Was aber wird nun aus der Staumauer? Verliert sie ihre Funktion?

In den vergangenen Tagen wurde uns besonders am Brandenburger Tor drastisch vorgeführt, daß dem beileibe nicht so ist: Vor allem Westberliner Neonazis waren es, die hier Randalen machten und damit beginnen wollten, vollmundige Rufe mancher westlicher Politiker nach dem Abriß der Mauer in die Tat umzusetzen.

Das Geschrei und die gewalttätigen Angriffe auf Grenzanlagen machten bange. Und sie machten deutlich, wie gut ein gut organisiertes Grenzregime letztendlich sein kann — dann, wenn es seine Schutzfunktion ausübt und in unserem Falle Neonazis daran hindert, ihren alten Traditionen folgend mit Sieg-Heil-Gebrüll durchs Brandenburger Tor zu ziehen.

Die Mauer wegreißen? Auch wenn vorstellbar ist, daß sich die tristen Maueransichten — einschließlich mancher Behinderung für die Berliner — künftig Schritt an Schritt beseitigen lassen eine gesicherte Grenze braucht es derzeit wohl weiter.

Hans Eggert

MONTAG, 12. NOVEMBER 1998 • WK. 467 • 41. JAHRESGANG • FINGERSPIES 12 PPTOMMI • TISCHLICHEN GELB-STW

Egon Krenz van Journalisten

Berlin. AON Das Publikum der Ausverkaufsstellen der KKE hat sich diese Tage in der Berlin vertrieben, zum Ausverkauf des Vorstandes der die Mitte Dezember beschlossene Parteikonferenz in einer Ausverkaufsstelle. Die Konferenz wird in der Mitte Dezember beschlossene Parteikonferenz in einer Ausverkaufsstelle.

[illegible]

Subcontracting in Groundwater Pollution Services

[illegible]¹ Tagung der Vollkammer wurde vorbereitet.[illegible]

Source: Author's calculations based on data from the U.S. Census Bureau, *Current Population Reports*, 1990.

als Ministerpräsident
des MEXIC

Das Institut für die Erforschung der
Kultur der Menschheit, Berlin

Other notable participants in the study include two of the authors, who are now in the United States. One author, Dr. Robert L. Taylor, is now at the University of California, Los Angeles. The other author, Dr. Robert L. Taylor, is now at the University of California, Los Angeles. The study was funded by the National Science Foundation.

over the 20th century, leading to a
20th-century, the world was a

Wiederum ist zu berücksichtigen, dass Radio 531 in einem beliebigen, z.B. Wiesbadener, Wohnort sehr häufig zu hören ist, während die Frequenz in ganz anderen Regionen, insbesondere im Norddeutschen Tiefland, kaum zu hören ist. Somit ist die Wirkung von Radio 531 auf die Einstellung zu den Flüchtlingen in Deutschland nicht gleichmäßig. Dies ist ein Hinweis auf die Bedeutung von kulturellen Faktoren bei der Einstellung zu Flüchtlingen. Dies ist ein Hinweis auf die Bedeutung von kulturellen Faktoren bei der Einstellung zu Flüchtlingen.

Was der Präsident der US
am 11. September 2001

[illegible]

Michael Pappalardo, MD
Evelyn L. Lippman, MD, PhD

[illegible]

... dass die ...

Gepercht mit Papier
 Kann, bei Verwendung in
 Normal- Hochdruck- oder
 Ultra-Hochdruck, bei bis zu
 1000 in einem anwendungss-
 geeigneten Papier, Jute- oder
 Glas- u. a. auf ein Material
 bis zu 1000 MPa drückt.
Flaschenvers. geschliffen
 Auch bei Flaschen u.
 Flaschenstopfen. Durch
 einen Dringungs- Mechanis-
 mus an den Hals, durch den
 ein Druck von bis zu 1000
 MPa erzeugt wird.
Flaschenvers. geschliffen
 Auch bei Flaschen u.
 Flaschenstopfen. Durch
 einen Dringungs- Mechanis-
 mus an den Hals, durch den
 ein Druck von bis zu 1000
 MPa erzeugt wird.

Kurzer Teufelspfad zwischen Krim und Komödie

[illegible]

Das Verhalten der Tiere und die
Nahrungsaufnahme wird beeinflusst
von der Zeit der Nacht, in der sie
gefangen werden.

Krack und Momper trafen sich am Potsdamer Platz

Grand Creek main, 70 ft deep, bottom, elev. 86

Am Freitagabend, 1. April, waren die Teilnehmer der Konferenz in der Aula der Universität zu Köln versammelt. Die Konferenz wurde von der Universität zu Köln und der Stadt Köln gemeinsam organisiert.



gen, wie es die erste Begegnung zwischen dem Berliner Chemiker und dem Physiker aus

Das Zentrum der Kunst- und Kulturpolitik ist die Deutsche Akademie der Künste (DAK) in Berlin (West). Man kann sagen, für die Bundesrepublik besteht keine einheitliche Kunstpolitik.

Beziehungen der Akademie (sogenannte *Stiftung der Künste*) liegen bei den Landesregierungen und den Bundesländern. Die Akademie ist ein Zusammenschluss von 100 Mitgliedern, die von den Bundesländern und den Ländern ernannt werden. Die Akademie ist ein Zusammenschluss von 100 Mitgliedern, die von den Bundesländern und den Ländern ernannt werden.

Wahlbeteiligung

Wiedersehen, Adieu
Mitte September wird die 100. Jahrestagung der Deutschen Gesellschaft für Arbeitswissenschaft (DGA) in der Aula der Universität zu Köln stattfinden. Die DGA ist eine der größten wissenschaftlichen Gesellschaften in Deutschland. Sie hat über 1000 Mitglieder und ist in 15 Fachgruppen unterteilt. Die Jahrestagung ist ein wichtiges Ereignis für die Arbeitswissenschaftlerinnen und -wissenschaftler in Deutschland. Sie bietet die Möglichkeit, sich über die neuesten Entwicklungen in der Arbeitswissenschaft zu informieren und sich mit Kollegen auszutauschen. Die Tagung wird von der DGA und der Universität zu Köln gemeinsam organisiert. Die Kosten für die Teilnahme betragen 100,- Euro. Die Anmeldung ist bis zum 1. August 2007 möglich. Weitere Informationen sind unter www.dga.de zu finden.

DEGRADATION:
See: Degradation, under: In

Unter der Überschrift „Wieder in unsere Kämpfe“ – und – die haben wir schon gehabt – steht ein Bericht, der sich mit dem 100. Geburtstag von Karl Marx beschäftigt. Er ist von einem Mann geschrieben, der sich als „Karl Marx“ bezeichnet. Der Bericht ist eine Mischung aus Biografie und Ideologie. Er beginnt mit einer Beschreibung von Marx' Leben und seiner Arbeit. Dann geht er auf seine Ideen ein, insbesondere auf die Theorie der Klassenkämpfe. Der Bericht endet mit einer Erklärung, dass Marx' Ideen heute noch relevant sind und dass wir sie in unsere Kämpfe integrieren müssen.

...the
...the
...the

in this organization. To receive our invitation for the conference for students and teachers, all are looking forward to the other interesting activities which will take place throughout the year.

as well as shellfishes and
and in primary fish traps

The Museum, supported by many institutions in this and other states (Massachusetts, Connecticut, Kansas, Nebraska, etc.), is looking for a director. The salary is \$10,000 per annum. The position is a full-time one. The Museum is located in the city of Boston. The Museum is open to the public. The Museum is a non-profit organization. The Museum is a part of the University of Massachusetts. The Museum is a part of the Commonwealth of Massachusetts. The Museum is a part of the State of Massachusetts. The Museum is a part of the United States of America. The Museum is a part of the world.

For more information, call 1-800-451-7273.

At the same time, the author of the book, "The Book of the Dead," is a man who has been in the business of selling books for a long time. He is a man who has been in the business of selling books for a long time. He is a man who has been in the business of selling books for a long time.

For all spring business
from all these "cheap"
bargain stores around the

...und auch
in der letzten Nacht in der
großen, Algenküche, die
...die Fische... die
...die Fische...

gering, die die anderen
unter seine und jüdische
Leitung sind zu bringen

[illegible]

Fig. 10: Página 1 da edição do dia 13 de novembro de 1989 (destaque nosso)

ANEXO I - Kurze Wartezeiten auf das Visum – 13.nov.1989 – (Pg. 8)

Hunderte Volkspolizisten im Dienst der Bürger

Für die Dienststellen der Volkspolizei brachte das Wochenende viel zu tun. BZ sprach mit dem Leiter der Abteilung Paß- und Meldewesen im Präsidium der VP Berlin. Major Dieter Graeber.

BZ: Was für Stempel wurden von der VP in den Ausweis gedrückt?

D. Graeber: Die Masse der Visa gilt für ein halbes Jahr, gilt mehrmalig ohne Begrenzung des Tages und des Ziellandes. In der großen Mehrzahl wurde der Personalausweis gestempelt, weniger wurden Reisepässe vorgelegt. Für die Zukunft empfehlen wir bereits jetzt Reisepässe zu beantragen. An dieser Stelle auch dieser Hinweis: Im Interesse einer schnellen Bewältigung des Ansturms wurden zum Teil keine Gebühren bei der Visaerteilung kassiert. Das galt nur zeitweilig. Ab Montag beträgt die Gebühr für eine einmalige Ausreise 5 Mark, für eine mehrmalige 15 Mark. Es wurden auch Visa für die ständige Ausreise erteilt. Viele Ausreisewillige haben sich kurz und knapp anders entschieden; auf ihren Wunsch wandelten wir den Stempel für die ständige Ausreise in jenen für die mehrmalige Ausreise um.

BZ: Wie viele Menschen wurden am Wochenende abgefertigt?

D. Graeber: Der Betrieb begann ja gleich nach Bekanntwerden der neuen Regelungen. Bis Sonntag früh, 7 Uhr — da zogen wir eine Zwischenbilanz —, wurden in den Dienststellen des Paß- und Meldewesens 425 000 Visa erteilt, dazu an den Grenzübergangsstellen 256 000. Bis Sonntagmittag wurde mit weiteren 50 000 gerechnet.

BZ: Wie viele Meldestellen hatten am Wochenende geöffnet?

D. Graeber: Alle 46 ständigen Dienststellen in allen Stadtbezirken, außerdem zusätzliche provisorische Stellen, so beispielsweise in ABV-Stützpunkten oder auch Klubs der Volkssolidarität. Freitag war von 8 bis 20 Uhr, Sonnabend von 8 bis 16 Uhr, Sonntag ab 8 Uhr bis mittag — wo nötig, auch länger — geöffnet. Unser Anliegen: Jeden Wartenden zügig abzufertigen. Die Grenzübergangsstellen waren rund um die Uhr besetzt.

BZ: Ein Dank gilt allen Volkspolizisten, die eingesetzt waren...

D. Graeber: Es waren viele hundert Genossinnen und Genossen vom Paß- und Meldewesen im Einsatz. Dank gilt auch den Schutzpolizisten, Kriminalisten, Feuerwehrmannern, Lehrern- von der Hochschule der VP, die halfen. Und nicht zuletzt den Ehepartnern und Familien, die für diese Tätigkeit viel Verständnis zeigten.

BZ: Ging's zügig voran bei der Abfertigung?

Das Gespräch führte Hans-Jürgen Renneisen



Fig. 11: Página 8 da edição do dia 13 de novembro de 1989 (destaque nosso)

ANEXO J - Verkehrte Welt? – 15.nov.1989 – (Pg. 4)

Eine Szene aus den Tagen seit dem 9. November an der Rückseite der Mauer: Inmitten einer Graffiti-schaulustigen Menge bietet ein Westberliner lauten Halses frischgehackte faustgroße Betonbrocken zum Kauf. -Junge", ruft ein Ur-Gemüt schallend zurück, „laß die Maua in Ruhe, det is unsref“

Verkehrte Welt, denke ich. Und denke es noch häufiger bei dem, was die Grenzöffnung hur und dort an Ungewöhnlichkeiten produzierte. Da gibt es am Sonnabendmorgen kurz nach neun in einer Johannisthaler Kaufhalle beinahe weniger Kunden als Personal — und antwortet am späten Nachmittag ein Gemüseladenbesitzer in Kreuzberg: „Apfelsinen? Ham wa nich mehr“.

Da legt, wegen des hoffnungslos verstopften Durchlasses Invalidenstraße, Volkspolizei an die Ostseite der Mauer Leitern an, um ungeduldigen Rückkehrern halsbrecherische Absprünge zu ersparen. Da reiht auf der anderen Seite neben dem Brandenburger Tor Westberliner Polizei ihre Fahrzeuge auf, um die Grenzbefestigung vor anschlagversessenen Westberlinern zu schützen.

Da sagt mir eine Freundin auf Köln, DDR-Bürger erkenne man an Levis und Wrangler, stone washed Jeans und so. Und da bedrängen mich am Abend schließlich Bekannte in ihrer Westberliner Wohnung mit der Frage, wann im Fernsehen denn endlich die Aktuelle Kamera komme.

Verkehrte Welt. Verkehrte?

Golo Schmidt



Debatten um die Zukunft Estlands

Nationale Diskussion vieler Fragen der Umgestaltung

In Tallinn, der Hauptstadt Estlands, wird in diesen Tagen eine nationale Diskussion über die Zukunft des Landes geführt. Die Teilnehmer sind Vertreter der verschiedenen politischen Parteien, Wissenschaftler, Journalisten und Bürger. Die Diskussion ist sehr lebhaft und wird von einer Atmosphäre der Hoffnung und des Optimismus geprägt.

Die Diskussion ist sehr lebhaft und wird von einer Atmosphäre der Hoffnung und des Optimismus geprägt. Die Teilnehmer sind Vertreter der verschiedenen politischen Parteien, Wissenschaftler, Journalisten und Bürger. Die Diskussion ist sehr lebhaft und wird von einer Atmosphäre der Hoffnung und des Optimismus geprägt.

Die Diskussion ist sehr lebhaft und wird von einer Atmosphäre der Hoffnung und des Optimismus geprägt. Die Teilnehmer sind Vertreter der verschiedenen politischen Parteien, Wissenschaftler, Journalisten und Bürger. Die Diskussion ist sehr lebhaft und wird von einer Atmosphäre der Hoffnung und des Optimismus geprägt.

Zahlen und Fakten

Die Diskussion ist sehr lebhaft und wird von einer Atmosphäre der Hoffnung und des Optimismus geprägt. Die Teilnehmer sind Vertreter der verschiedenen politischen Parteien, Wissenschaftler, Journalisten und Bürger. Die Diskussion ist sehr lebhaft und wird von einer Atmosphäre der Hoffnung und des Optimismus geprägt.

Die Diskussion ist sehr lebhaft und wird von einer Atmosphäre der Hoffnung und des Optimismus geprägt. Die Teilnehmer sind Vertreter der verschiedenen politischen Parteien, Wissenschaftler, Journalisten und Bürger. Die Diskussion ist sehr lebhaft und wird von einer Atmosphäre der Hoffnung und des Optimismus geprägt.

Auswahl von 1989 als Anzeichen

Die Diskussion ist sehr lebhaft und wird von einer Atmosphäre der Hoffnung und des Optimismus geprägt. Die Teilnehmer sind Vertreter der verschiedenen politischen Parteien, Wissenschaftler, Journalisten und Bürger. Die Diskussion ist sehr lebhaft und wird von einer Atmosphäre der Hoffnung und des Optimismus geprägt.

Die Diskussion ist sehr lebhaft und wird von einer Atmosphäre der Hoffnung und des Optimismus geprägt. Die Teilnehmer sind Vertreter der verschiedenen politischen Parteien, Wissenschaftler, Journalisten und Bürger. Die Diskussion ist sehr lebhaft und wird von einer Atmosphäre der Hoffnung und des Optimismus geprägt.



Neuer Grenzübergang im Harz eröffnet

Einzelverkehrsverkehr in Völkse nach Berlin

Der neue Grenzübergang im Harz ist am 15. November 1989 offiziell eröffnet worden. Der Übergang verbindet die DDR mit der Bundesrepublik und ist ein wichtiger Schritt zur Öffnung der Grenzen.

Der neue Grenzübergang im Harz ist am 15. November 1989 offiziell eröffnet worden. Der Übergang verbindet die DDR mit der Bundesrepublik und ist ein wichtiger Schritt zur Öffnung der Grenzen.

Nordspanien bald Steppe?

Die Diskussion ist sehr lebhaft und wird von einer Atmosphäre der Hoffnung und des Optimismus geprägt. Die Teilnehmer sind Vertreter der verschiedenen politischen Parteien, Wissenschaftler, Journalisten und Bürger. Die Diskussion ist sehr lebhaft und wird von einer Atmosphäre der Hoffnung und des Optimismus geprägt.

Suche nach Rohstoffen

Die Diskussion ist sehr lebhaft und wird von einer Atmosphäre der Hoffnung und des Optimismus geprägt. Die Teilnehmer sind Vertreter der verschiedenen politischen Parteien, Wissenschaftler, Journalisten und Bürger. Die Diskussion ist sehr lebhaft und wird von einer Atmosphäre der Hoffnung und des Optimismus geprägt.

Die Diskussion ist sehr lebhaft und wird von einer Atmosphäre der Hoffnung und des Optimismus geprägt. Die Teilnehmer sind Vertreter der verschiedenen politischen Parteien, Wissenschaftler, Journalisten und Bürger. Die Diskussion ist sehr lebhaft und wird von einer Atmosphäre der Hoffnung und des Optimismus geprägt.

Die Diskussion ist sehr lebhaft und wird von einer Atmosphäre der Hoffnung und des Optimismus geprägt. Die Teilnehmer sind Vertreter der verschiedenen politischen Parteien, Wissenschaftler, Journalisten und Bürger. Die Diskussion ist sehr lebhaft und wird von einer Atmosphäre der Hoffnung und des Optimismus geprägt.

Die Diskussion ist sehr lebhaft und wird von einer Atmosphäre der Hoffnung und des Optimismus geprägt. Die Teilnehmer sind Vertreter der verschiedenen politischen Parteien, Wissenschaftler, Journalisten und Bürger. Die Diskussion ist sehr lebhaft und wird von einer Atmosphäre der Hoffnung und des Optimismus geprägt.

Die Diskussion ist sehr lebhaft und wird von einer Atmosphäre der Hoffnung und des Optimismus geprägt. Die Teilnehmer sind Vertreter der verschiedenen politischen Parteien, Wissenschaftler, Journalisten und Bürger. Die Diskussion ist sehr lebhaft und wird von einer Atmosphäre der Hoffnung und des Optimismus geprägt.

Die Diskussion ist sehr lebhaft und wird von einer Atmosphäre der Hoffnung und des Optimismus geprägt. Die Teilnehmer sind Vertreter der verschiedenen politischen Parteien, Wissenschaftler, Journalisten und Bürger. Die Diskussion ist sehr lebhaft und wird von einer Atmosphäre der Hoffnung und des Optimismus geprägt.

Neuregelung zum Vermögen von Bürgern, die die DDR verlassen haben

Erhöhung der Pensionen des Finanzministeriums

Die Diskussion ist sehr lebhaft und wird von einer Atmosphäre der Hoffnung und des Optimismus geprägt. Die Teilnehmer sind Vertreter der verschiedenen politischen Parteien, Wissenschaftler, Journalisten und Bürger. Die Diskussion ist sehr lebhaft und wird von einer Atmosphäre der Hoffnung und des Optimismus geprägt.

Antwort von Los Angeles

Bulgarien: neues Paßgesetz?

Für unabhngliche Staaten keine Ausreisepasse mehr erforderlich

Die Diskussion ist sehr lebhaft und wird von einer Atmosphäre der Hoffnung und des Optimismus geprägt. Die Teilnehmer sind Vertreter der verschiedenen politischen Parteien, Wissenschaftler, Journalisten und Bürger. Die Diskussion ist sehr lebhaft und wird von einer Atmosphäre der Hoffnung und des Optimismus geprägt.

Antwort von Los Angeles

Bulgarien: neues Paßgesetz?

Für unabhngliche Staaten keine Ausreisepasse mehr erforderlich

Die Diskussion ist sehr lebhaft und wird von einer Atmosphäre der Hoffnung und des Optimismus geprägt. Die Teilnehmer sind Vertreter der verschiedenen politischen Parteien, Wissenschaftler, Journalisten und Bürger. Die Diskussion ist sehr lebhaft und wird von einer Atmosphäre der Hoffnung und des Optimismus geprägt.

Antwort von Los Angeles

Bulgarien: neues Paßgesetz?

Für unabhngliche Staaten keine Ausreisepasse mehr erforderlich

Die Diskussion ist sehr lebhaft und wird von einer Atmosphäre der Hoffnung und des Optimismus geprägt. Die Teilnehmer sind Vertreter der verschiedenen politischen Parteien, Wissenschaftler, Journalisten und Bürger. Die Diskussion ist sehr lebhaft und wird von einer Atmosphäre der Hoffnung und des Optimismus geprägt.



Verkehrte Welt?

Die Diskussion ist sehr lebhaft und wird von einer Atmosphäre der Hoffnung und des Optimismus geprägt. Die Teilnehmer sind Vertreter der verschiedenen politischen Parteien, Wissenschaftler, Journalisten und Bürger. Die Diskussion ist sehr lebhaft und wird von einer Atmosphäre der Hoffnung und des Optimismus geprägt.

Die Diskussion ist sehr lebhaft und wird von einer Atmosphäre der Hoffnung und des Optimismus geprägt. Die Teilnehmer sind Vertreter der verschiedenen politischen Parteien, Wissenschaftler, Journalisten und Bürger. Die Diskussion ist sehr lebhaft und wird von einer Atmosphäre der Hoffnung und des Optimismus geprägt.

Fig. 12: Pgina 4 da edio do dia 15 de novembro de 1989 (destaque nosso)